



**Elsa Susana Ferreira  
da Silva Pinho**

**Imagens da Alteridade nos sermões de Vieira:  
análise conteudística**



**Elsa Susana Ferreira  
da Silva Pinho**

**Imagens da Alteridade nos sermões de Vieira:  
análise conteudística**

Dissertação apresentada à Universidade de Aveiro para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Estudos Portugueses, realizada sob a orientação científica da Professora Doutora Maria de Fátima Albuquerque, Professora Auxiliar do Departamento de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro.

Ao Luís.  
Aos meus pais.  
A todos os familiares e amigos.

## **o júri**

presidente

**Prof. Doutor Telmo dos Santos Verdelho**  
Professor Catedrático da Universidade de Aveiro

**Prof. Doutor Armindo Teixeira Mesquita**  
Professor Associado da Universidade de Trás-Os-Montes e Alto Douro

**Prof<sup>a</sup>. Doutora Maria de Fátima Mamede Albuquerque**  
Professora Auxiliar da Universidade de Aveiro

## agradecimentos

Para todos os familiares e amigos que tanto me auxiliaram, a todos os níveis, durante a realização desta dissertação, dirijo, neste momento, uma palavra de gratidão, respeito e admiração pela ajuda, pelo interesse e pela compreensão manifestados. Não obstante, um muito obrigada ao Luís, aos meus amados pais, à Célia Abelho, à Isabel Lona, à Anabela Martins, à Carla Tavares e à Paula Nogueira.

Agradeço à Professora Doutora Maria de Fátima Albuquerque, orientadora desta dissertação, a sugestão que me apresentou – descobrir, ler e analisar o modo como Padre António Vieira define alguns tipos de *Outro* nos seus sermões, bem como a extraordinária generosidade com que sempre transmitiu de forma apaixonada e contagiante os seus conhecimentos sobre a Literatura e Cultura Portuguesas. À Professora Doutora Maria de Fátima Albuquerque agradeço, igualmente, a simpatia, a delicadeza, o interesse, a disponibilidade, o rigor e a serenidade com que sempre leu, reviu, e comentou este trabalho.

Não posso deixar de manifestar o meu apreço pelos professores do Curso de Mestrado em Estudos Portugueses – Doutor Machado de Abreu, Doutor Telmo Verdelho, Doutor António Ferreira e à memória do Doutor Luís Andrade - que acompanharam o meu percurso académico, contribuindo para a consolidação do meu gosto pela Literatura, Cultura e Linguística Portuguesas.

Finalmente, um agradecimento, não só a todos os funcionários do Departamento de Línguas e Culturas, bem como do Gabinete de Pós-Graduação da Universidade de Aveiro, não esquecendo os funcionários da Biblioteca da Universidade de Aveiro e da Universidade de Coimbra. Sem a sua prestimosa colaboração ao nível bibliográfico, humano, administrativo, burocrático, sem o seu ambiente acolhedor, este trabalho ficaria incompleto. Dedicá-lo ao Luís, aos meus pais e a toda a família e amigos, foi a forma que encontrei para tentar exprimir o meu profundo e sincero reconhecimento pelas diversas provas de amor e amizade que demonstraram, peço desculpa pelos momentos de convívio de que os privei e agradeço o apoio incondicional que me deram.

**palavras-chave**

António Vieira, Barroco, sermões, alteridade, Colonos, Índios e Escravos Negros.

**resumo**

Com este trabalho pretende-se caracterizar a imagem de alguns tipos de *Outro* evidentes nos sermões de António Vieira.

A primeira parte do trabalho é composta por uma breve apresentação de conceitos afins ao tema como: Época histórica, vida, obra e estilo do autor e Barroco.

Após a referência à identidade e alteridade nacional, segue-se uma análise estilístico-conteudística de vários sermões que permitirá a definição de alguns tipos de *Outro* pertencentes à sociedade brasileira dos séculos XVI e XVII: colonos, colonizadores, Índios e Escravos Negros.

Entre as diferentes imagens fazemos ressaltar as semelhanças e diferenças estabelecidas pelo nosso orador sacro.

**keywords**

Antônio Vieira, Baroque, sermons, "otherness", Colonizers, Indians and Black Slaves.

**abstract**

With this study we intend to define the image of several types of Other, present in the sermons of Antônio Vieira.

The first part of this thesis deals with a brief presentation of several concepts, essential for the theme, like the historical period, the life, word and style of our author, and a presentation of Baroque.

After a reference to national identity and otherness, we present a stylistic analysis of the contents of several sermons, which allow us to define several categories of others inserted in the Brazilian society of XVI/XVII century: colonizers, Indians and Black Slaves.

We emphasize, from these different images, the similarities and the differences established by our author.

## ÍNDICE

<b>Índice</b>	1
<b>Introdução</b>	3
<b>Capítulo I – O período da Restauração como influência ao egrégio pregador</b>	7
<b>I.1.</b> Inserção na Época – A austeridade e a repressão do século XVII	7
<b>I.2.</b> Vida e obra de Padre António Vieira – Percursos e ofícios do Pregador	12
<b>Capítulo II – A crise da sociedade seiscentista e a riqueza oratória vieiriana</b>	19
<b>II.1.</b> O Barroco ou Seiscentismo Português	19
<b>II.2.</b> O Estilo dinâmico de Vieira	31
<b>Capítulo III – A visão do <i>Outro</i> no sermonário Vieiriano</b>	43
<b>III.1.</b> A definição da identidade nacional: <i>Sermão de Santo António (aos peixes)</i>	43
<b>III.2.</b> Em nome da liberdade dos Índios nativos: <i>Sermão da Primeira Dominga da Quaresma</i>	83
<b>III.3.</b> A salvação dos Escravos Negros: <i>Sermão Vigésimo Sétimo do Rosário</i>	111
<b>Conclusão</b>	139
<b>Bibliografia</b>	151
<b>Anexo</b>	157



## INTRODUÇÃO

Dada a profundidade de algumas obras já consagradas a Vieira, fica sempre a impressão, para quem dá os primeiros passos neste tipo de tarefas, de que tudo já foi dito, de que a nossa modesta participação pouco acrescentaria ao que de Vieira já é conhecido. Contudo, são os grandes mestres que nos lembram do muito que falta ainda dizer, através de artigos, livros e conferências que nos revelam a grande genialidade deste autor.

Em pleno século XVII, surge-nos então Padre António Vieira (1608-1697) cuja obra – sobretudo sermões – anda estreitamente ligada ao seu tempo e à sua vida. Considerado o maior orador sacro de Portugal, Vieira dominou todo o século XVII pela sua personalidade, entrega completa à luta pelos direitos dos oprimidos e luta pelas liberdades fundamentais do homem, postas em causa devido a um Imperialismo nem sempre bem compreendido.

Vieira aparece, na realidade, como um exemplo de virtudes e defensor de valores imperecíveis. Revelou sempre uma vontade persistente, um carácter forte e grande capacidade de sofrimento nas dificuldades.

A visão do seu tempo tecido de contrastes não impediu Vieira de alicerçar o pensamento político e religioso na cultura greco-cristã, no ideário judaico-cristão, a que se associam outros saberes.

Patriota e missionário, homem de acção variada, nunca esqueceu o seu ideal de jesuíta bem manifesto pela evangelização dos povos e interesse das almas que queria salvar.

Hernâni Cidade, que dedicou a Vieira muita da sua investigação, salienta que em tal personalidade existe uma mistura do efémero e do eterno, do relativo e do absoluto, das mais altas inquietações da alma com os mais voluptuosos prazeres do espírito.

No fundo, Vieira empreendeu um esforço notável, assumindo-se como grande difusor da cultura portuguesa e da nossa língua, para além da sua obra apostólica e artística.

Entre as suas maiores preocupações há que destacar o esforço na valorização dos humildes e na defesa dos explorados. Massaud Moisés chama a atenção para a ideia de que Vieira encetou uma campanha a favor dos Escravos Negros e dos Índigenas brasileiros, subestimando os segundos em relação aos primeiros, no que revela um verdadeiro pioneirismo.

A prosa deste Jesuíta era límpida e harmoniosa: sabia concitar a piedade, o espanto e a admiração tanto dos Colonos como também dos Índios e Escravos Negros. Este é o sentido que vai seguir o presente estudo.

Partindo dos pressupostos atrás adiantados atingimos as seguintes questões investigativas:

1. A Imagem do Português nos sermões de Vieira é sempre idêntica? Está de acordo com os preceitos da Igreja?
2. Como Jesuíta, Vieira considera que os Cristãos são um bom exemplo para ponto de referência na evangelização?
3. Qual a relação humana de Vieira com os *Outros* intervenientes da sociedade Brasileira: os Índios e os Escravos Negros?
4. Que imagens diversas ressaltam dos sermões vieirianos em relação a estes dois grupos antropológicos?

Tendo como ponto de partida o *Sermão de Santo António (aos peixes)*, será feito um estudo do estilo vieiriano na caracterização dos Colonos portugueses. Neste sentido, e dado que o tema deste trabalho prende-se com a descrição da imagem do *Outro*, tornou-se pertinente a inclusão do estudo do estilo utilizado na caracterização dos mais desfavorecidos – os Índios e os Escravos Negros. Embora existam outros tipos de *Outro*, como judeus e cristãos-novos, pretendeu-se apenas considerar os Colonos, Índios e os Escravos Negros, porque se relacionam entre si e documentam a realidade vivida no Império Português do Ocidente.

O Jesuíta português, com todas as suas características barrocas, definiu o *Outro* tendo em conta dois aspectos.

No primeiro sermão, descreveu os Colonos portugueses como oposição a *si mesmo*, isto é, através de um processo de alteridade, porque o orador não se considera integrado nesse grupo de exploradores e ambiciosos. De referir que, em seu favor, usou elementos críticos violentíssimos, demonstrando não se identificar com os Colonos, e

por isso, iniciou um decurso de auto-definição da sua identidade por contraste à descrição da dos restantes portugueses. Isto porque o trajecto do colonialismo exercido pelos Jesuítas era diferente do dos restantes Colonos.

Nos sermões a seguir estudados, Vieira determinou um diferente tipo de *Outro* (aqueles que não são portugueses). Pretende afirmar-se juntamente com o seu grupo na defesa dos Índios e os Escravos Negros contra o poder instituído no Brasil, mais propriamente no Maranhão. Mais uma vez, Vieira caracteriza os Colonos por oposição aos desfavorecidos e explorados Nativos e Negros – o *Outro* que este defende, anima e com quem se identifica.

É através da definição dos diferentes tipos de *Outro* que nos vai ser possível verificar o modo como Vieira se define a *si mesmo* usando um processo de alteridade, de afastamento e desidentificação em relação aos Colonos e de identificação com os desfavorecidos.

Devido à vastidão dos *Sermoens*, circunscreveu-se este trabalho ao estudo de alguns deles mais relacionados com os Colonos, Índios e Escravos Negros.

Antes de mais compreende-se a necessidade de os inserirmos numa época histórica. Será este um dos assuntos referidos no Capítulo I, bem como, a vida e obra do autor.

O Capítulo II irá ressaltar algumas características do período cultural do Barroco que podem potenciar o tema escolhido, aprofundando o debate sobre a alteridade versus identidade.

No fundo, o que iremos procurar fazer é analisar a obra de Padre António Vieira, através de parâmetros mais que óbvios na Literatura de Expansão Portuguesa dos séculos XVI e XVII em que o encontro com outros povos, com outras culturas, obrigou a intelectualidade portuguesa a uma reflexão séria sobre os que nos confrontaram ou defrontaram. Realmente, como é visível pela obra de muitos autores desta época, que no Império do Oriente (F. Mendes Pinto, João de Barros, o próprio Camões) como no Império do Ocidente (Manuel de Nóbrega, Gregório de Matos, etc), após uma fase em que Portugal parecia estar seguro da sua superioridade cultural, evoluiu-se para uma nova etapa em que os Portugueses se entregam ao diálogo e mesmo à tentativa de

compreensão do *Outro*. Se, como diz Roland Barthes<sup>1</sup>, a coabitação entre povos nem sempre é pacífica, é uma visão redutora considerar que o poderio militar resolveu tudo e que o relacionamento entre dominador e dominado se resume a uma luta de facções, em que os fortes impõem a sua voz e os fracos a aceitam.

Como iremos mostrar, para Vieira não só os portugueses não são um bloco único, como também os Negros e os Indígenas podem ser encarados em perspectivas oblíquas de teor complexo.

Num terceiro momento, e depois de constatarmos a variedade que estes sermões apresentam, entendemos que seria indispensável procurar o fio condutor que lhes desse unidade e justificasse a atenção e o carinho que o Jesuíta prestou aos Nativos brasis e aos Escravos Negros.

---

<sup>1</sup> *Mythologies* - “Marcianos” – artigo que serviu de ponto de partida pressuposto do trabalho, pois introduz uma nova dialéctica na determinação do *Outro*. Tornou-se, então um desejo, saber até que ponto se adapta este artigo ao caso de Vieira, ou seja, o encontro do *Eu/si mesmo* com o *Outro* no *Alhures*.

## **Capítulo I**

### **O período da Restauração como influência ao egrégio pregador**

#### **I.1. Inserção na Época – A austeridade e a repressão do século XVII**

O século XVII foi um período complexo na História de Portugal.

O Concílio de Trento, realizado de 1545 a 1563, teve como consequência uma grande reformulação no Catolicismo, em resposta à Reforma protestante, desencadeada por Martinho Lutero (1483-1546). A disciplina e a autoridade da Igreja de Roma foram reafirmadas vigorosamente, estabelecendo-se mais uma divisão da cristandade, esta agora entre católicos e protestantes.

Nos Estados protestantes, onde havia condições favoráveis à liberdade de pensamento, a investigação científica iniciada no Renascimento pôde prosseguir. Já nos Estados católicos, desenvolveu-se um movimento chamado Contra-Reforma, que reprimiu as manifestações culturais ou artísticas inovadoras que pudessem contrariar as determinações da Igreja. É quando a Companhia de Jesus, reconhecida pelo Papa em 1540, passa a dominar quase inteiramente o ensino, exercendo um papel importante na difusão do pensamento católico aprovado no Concílio de Trento.

A Inquisição, que se estabeleceu na Espanha a partir de 1480, e em Portugal a partir de 1536, ameaçava cada vez mais a liberdade de pensamento, criando um clima geral de austeridade e repressão, orientando o pensamento do estado e mesmo das elites culturais para os preceitos jesuítas.

Assim, a vida espiritual da qual fazia parte integrante uma fé intolerante e ao mesmo tempo formalista, era capaz de levar ao sacrifício e à perseguição, mas era toda ela virada para o «culto exterior, superficializada em fórmulas, nem por isso menos aptas à excitação que fazia dos autos-de-fé espectáculos que nem a corte nem o povo

queriam perder».<sup>2</sup> É neste contexto histórico que se desenvolve o movimento artístico chamado Barroco, que Magalhães Godinho define em traços gerais do seguinte modo:

a «Mentalidade barroca, [que] anseia pelo fausto e pela exibição, nos círculos nobres como nos religiosos – uma religião de exuberância decorativa, aquietando-se nos ritos de subterrâneas inquietações, satisfazendo-se na exterioridade de uma insatisfeita interioridade. Religião em que a milícia de cruzada – sentido primitivo da companhia – cedeu o passo à sociedade organizada política e economicamente, transformada em potência que trafica na prata do Japão e seda da China e domina vastas áreas da Sul América, Estado dentro do Estado. Ao mesmo tempo, todas as ordens religiosas multiplicam os seus institutos e enriquecem os seus bens, o peso da organização eclesiástica sobre a sociedade civil é cada vez maior, os seus latifúndios perdem-se de vista. O pujante incremento da "fradaria" é dos tempos de que nos ocupamos.»<sup>3</sup>

É este o cenário cultural e religioso em que decorre a vida de António Vieira e que corresponde a grande parte do século XVII, uma das épocas mais contraditórias, veículo de profundos desníveis culturais, ideológicos e económicos no espaço geopolítico europeu. Em Portugal e também em Espanha exasperava-se a Inquisição, a perseguição a judeus e cristãos-novos, muito ligados ao capital e comércio internacionais, a perseguição a professores e pensadores que pudessem desviar ou pôr em causa os princípios e dogmas da Contra-Reforma, defendidos catequicamente pelos jesuítas, e também por outras ordens e clero secular; procedia-se à censura obscurantista de livros e aos autos de fé de livros e pessoas.

A crise económica e política nacional, que levou à perda da independência de Portugal para os Filipes durante sessenta anos, arrastou-nos para uma situação de depressão e de desânimo, incompatível com o brilho das letras e das artes. Quando, em 1640, se deu a Restauração, Portugal era um país que tinha sofrido as consequências da política externa dos monarcas espanhóis: estes para manterem a hegemonia europeia tão cara à sua visão imperial, tinham obrigado o nosso reino a participar dessa ruinosa política da qual levaria muito tempo a recompor-se. Portugal foi assim a grande vítima imperialista dos Filipes, pois, como nos explica Magalhães Godinho,

«nos primeiros quarenta anos do domínio filipino, a união das coroas permitiu vencer a crise financeira em que Alcácer

---

<sup>2</sup> CIDADE, Hernâni, *Lições de Literatura e Cultura Portuguesas*. Coimbra, Coimbra Editora, 1984, p. 336.

<sup>3</sup> GODINHO, Vitorino Magalhães, *Ensaio*. II, 2ª ed., Lisboa, Sá da Costa, 1978, p. 396.

Quibir e a conjuntura de então lançara a nobreza portuguesa, pois os Estados se reforçaram mutuamente quanto à segurança e finanças públicas. Além disso, essa união abria aos fidalgos e cavaleiros portugueses perspectivas de ascensão e melhoria de estado graças aos campos de serviço em grande parte da Europa – e muitos não deixaram de as aproveitar, mesmo se para final de certo modo compulsoriamente (pretendia Olivares afastá-los da mãe-Pátria). Continuarão vários deles, consumado 1640, a servir o monarca espanhol, e mesmo para Espanha fugirão ainda outros nessa altura. Por outro lado, todavia, o prosseguimento do regime filipino não pôde deixar de trazer amargas desilusões a vários nobres: a corte nunca chegou a estanciar duradouramente em Lisboa, e portanto havia que ir a Madrid requerer mercês, buscar desagравos, apoiar pretensões; mais: a ausência de corte régia escamoteava uma boa parte da existência fidalga e cavalheiresca, não permitia participar de perto na condução dos negócios públicos, anulava ensejos de convívio e ostentação, inibia actividades de criação literária, teatral e artística. Como mostrou Oliveira França, a nobreza ruraliza-se, torna-se provincial – e provinciana –, é a época das "cortes na aldeia" (Rodrigues Lobo), e a própria moda da poesia bucólica reflecte e exprime tal configuração geográfico-social. A corte dos Braganças é em Vila Viçosa, nem sequer numa cidade de província. Acanhados em horizontes campestres, fidalgos e cavaleiros sentem-se frustrados, quando muito rememoram, através da poesia épica também em voga, as passadas glórias. Para muitos não se rasgam perspectivas, é a frustração e o viver moroso, ou a inquietação insatisfeita mas sem pontos de mira; quantos não se sentem falhados.»<sup>4</sup>

Desta imagem tão negativa de Portugal destacamos particularmente a situação económica que nos inícios do século era desfavorável ao nosso país, que se via a braços com os constantes tributos pagos a Castela e elevados impostos, vítima da política encetada pelos governantes estrangeiros, atacada por nações europeias. Esta situação tão pouco melhorou com a Restauração, pois internamente, a nação debatia-se com grande falta de recursos, dada a pobreza a que os Espanhóis a tinham reduzido. Por isso, o rei português convocou os procuradores do clero, da nobreza e do povo numa tentativa de minimizar a crise, mas surgiram, no entanto, divergências mesquinhas sobre a repartição do imposto que iria ser solicitado nessa emergência.

Assim, para que a Restauração se efectivasse tornou-se necessário lançar mão dos recursos dos judeus portugueses expatriados e dos cristãos-novos radicados no país.

Apesar da guerra que Espanha mantinha com França, era certo que caso Espanha se aplicasse seriamente à submissão de Portugal, não existiam recursos suficientes para lhe fazer frente. As Províncias Ultramarinas gastavam mais do que

---

<sup>4</sup> GODINHO, Vitorino Magalhães, *Ensaios*. II, 2ª ed., Lisboa, Sá da Costa, 1978, p. 395-396.

rendiam: décimas, donativos, cômguas, tudo já tinha sido posto em prática. O capital escasseava e a agricultura e as artes declinavam. Mesmo o Brasil, quase que única renda, estava em perigo. Os comerciantes não confiavam mercadorias aos portos portugueses, pelo que Portugal mantinha, de certa forma, guerras com os quatro continentes.

Apesar das inúmeras soluções propostas por Vieira, a economia continuou em crise: o comércio português com a Europa continuava em grande parte na mesma situação anterior, mas vincava-se cada vez mais uma tendência para a incapacidade de resposta eficaz ao poder dos comerciantes estrangeiros. O país, economicamente diferenciado, continuou a desenvolver-se num ritmo lento e em que soluções sebastianistas e de cariz religioso se impunham para resolver a crise estabelecida.

A situação de instabilidade de um Portugal pós-Restauração (independente mas em crise, pressionado pela constante ameaça estrangeira aos nossos domínios ultramarinos), a defesa dos direitos humanos, nomeadamente dos índios do Brasil e negros escravizados, ambos pelos Colonos, foram preocupações a que Vieira se manteve sempre fiel até ao fim da sua vida.

Para ele, o monarca D. João IV é o novo Encoberto capaz de redimir o seu povo e conduzi-lo à salvação. Resgatada a pátria, urge dilatar a Fé que há-de congregar em torno de si judeus e indígenas, sem distinção de raça ou credo, unidos na condição comum de filhos de Cristo e portadores da centelha divina. O *Sermão Vigésimo Sétimo do Rosário*, por exemplo, valoriza essa componente transcendental e testemunha o ideal religioso de Vieira face ao gentio selvagem e ignorante:

«Sabei, pois, todos os que sois chamados escravos, que não é escravo tudo o que sois. Todo o homem é composto de alma (...) De maneira, irmãos pretos, que o cativo que padeceis, por mais duro e áspero que vos pareça, não é cativo total, ou de tudo o que sois, senão meio cativo. Sois cativos naquela ametade exterior mais vil de vós mesmos, que é o corpo porém na outra ametade interior e nobilíssima, que é a alma, principalmente no que a ela pertence, não sois cativos mas livres.»<sup>5</sup>

O visionarismo em Vieira não se limita, pois, a uma mera atitude passiva, mas antes condu-lo de imediato à acção, a partir do momento em que deixa de combater o

---

<sup>5</sup> VIEIRA, Padre António, *Obras Completas do Padre António Vieira*. Vol. IV, Porto, Lello & Irmão, 1993, p. 1207-1208.

Sebastianismo para se empenhar com toda a fé na crença de um novo Encoberto. Sensível ao fascínio dos mistérios da Bíblia que procura explicar, Vieira consegue, no entanto, conservar intacta a sua atenção à realidade política e social, pronto a denunciar abusos e a condenar prepotências.

Toda a acção levada a cabo em prol da sociedade tinha neste momento histórico como base a acção religiosa, que ao longo do século XVII foi profundamente influenciada pela Companhia de Jesus em geral, e por Vieira em particular, e mais colateralmente pela Inquisição, tornando-se então difícil expor a sua concepção de vida sem reflectirmos sobre uma visão religiosa da época.

Como não poderia deixar de ser, e reagindo contra alguns preceitos renascentistas e os seus cultores, o Jesuitismo defendia e pregava uma doutrina de submissão e obediência sistemática pois, «a obediência piedosa, a abdicação conseguiram o que nem a taumaturgia, nem o misticismo tinham realizado; fundir numa essência única Deus e o Homem, o céu e a terra, o absoluto e o contingente».<sup>6</sup>

Santo Inácio, fundador da Companhia, recomendava uma inteira resignação da vontade aos seus discípulos. É este o primeiro princípio da reforma jesuítica que ousa fazer frente aos problemas da religião e da moral. Esta reforma propunha modificar a natureza humana para seguidamente alterar a ordem do mundo, pelo que a Companhia tinha que ser primeiramente introdutora e educadora dos homens que passariam a ser a representação impessoal de uma vida. No século XVII, em Portugal vemos na Companhia, Vieira «mergulhado ainda no idealismo moral e religioso que era o do século XVI, que era o de Santo Inácio, e que se exasperou no século XVII.»<sup>7</sup>

Nesses princípios, Vieira molda a sua conduta:

«Na conduta de Vieira e na avaliação da mesma como destino deparamos com uma conjunção e não com uma clivagem: o amor-próprio combina-se com um elevado ideal de vida e com um modelo de perfeição a atingir, por ele se luta apaixonadamente e se exige reconhecimento público».<sup>8</sup>

Terminamos lembrando que os ideais Jesuítas foram uma lufada de ar fresco no contexto ibérico, visto que nessa altura a população estava mais empobrecida e miserável que nunca e tudo pertencia às ordens, que à custa dos bens confiscados

---

<sup>6</sup> MARTINS, Oliveira, *História de Portugal*. Lisboa, Guimarães Editores, 1972, p. 381.

<sup>7</sup> MENDES, Margarida Vieira, *A Oratória Barroca de Vieira*. Lisboa, Editorial Caminho, 1989, p. 38.

<sup>8</sup> *Ibidem*.

tinham grande acumulação de riqueza, com que abasteciam a Cúria romana. Apesar disso, o clero também estava em crise, pois o monolitismo religioso e o poder opressivo tão longamente exercido iam dando seus frutos. Muitos tinham perdido a fé ou diziam que a tinham apenas para fugir ao Santo Ofício; uma parte do clero era devasso, existindo também clérigos a mais. A igreja tentava disfarçar esta crise através da construção de catedrais grandiosas, que tornavam patente a exibição do poder e da fé, numa tentativa de levar os católicos e mesmo os clérigos a renovar as suas convicções e a seguir ideais de vida mais compatíveis com os ensinamentos de Cristo.

## **I.2. Vida e obra de Padre António Vieira – Percursos e ofícios do Pregador**

Entre todos os oradores sagrados, avulta a personalidade do jesuíta António Vieira. É uma das maiores expressões da ideologia contra-reformista da literatura portuguesa e brasileira.

António Vieira nasceu em Lisboa a 6 de Fevereiro de 1608, numa casa da Rua dos Cónegos, situada perto da Sé, e morreu na Baía a 8 de Julho de 1697.

A ascendência de Vieira é bastante modesta. Filho primogénito de Cristóvão Vieira Ravasco, natural de Santarém (embora de origem alentejana), e de Maria de Azevedo, nascida em Lisboa, era neto de uma mestiça pelo lado paterno. Tanto o avô como o pai tinham sido criados dos Condes de Unhão<sup>9</sup>.

Foi levado para o Brasil aos seis anos de idade, onde fez a sua primeira educação num colégio da Companhia de Jesus. Voltando ao reino com pouco mais de trinta anos, já ordenado (1634), trazia fama de orador, a qual não cessou de aumentar. Começou também a pregar em Portugal, fazendo da oratória a sua arma política, sobretudo na legislação do rei D. João IV de Bragança após a violenta ruptura da monarquia dual sob Filipe de Castela, em 1 de Dezembro de 1640. Depois da subida ao trono de D. Afonso VI, perdeu muito do apoio régio de que gozava com D. João IV e

---

<sup>9</sup> Para um conhecimento mais pormenorizado do autor leiam-se as obras:

MENDES, Margarida Vieira, *A Oratória Barroca de Vieira*. Lisboa, Editorial Caminho, 1989.

BESSELAAR, José van den, *António Vieira: o homem, a obra e as ideias*. 1ª Edição, Lisboa, Biblioteca Breve, 1981.

CIDADE, Hernâni, *Padre António Vieira: a obra e o homem*. 2ª Edição, Lisboa, Arcádia, 1979.

AZEVEDO, J. Lúcio de, *História de António Vieira*. Vol. I e II, Lisboa, Clássica Editora, 1992.

lhe conferira uma oposição predominante na corte. Foi então acusado de heresia e perseguido pelo Santo Ofício, chegando a estar encarcerado durante dois anos. Aos setenta anos regressa ao Brasil, onde morre, após uma vida que dividira e gerira entre a missão social, evangelizadora e político-diplomática.

O egrégio pregador enche, com efeito, o século XVII em que vive, e projecta até nossos dias uma luz esplêndida e incomparável. As facetas pelas quais pode ser estudado são numerosas devido à sua actividade. Luís Machado de Abreu refere os sete ofícios deste herói português: «jesuíta, pregador e mestre exímio da língua portuguesa, diplomata da Restauração, amigo de judeus e cristãos-novos, evangelizador e defensor de índios, profeta do Quinto Império e vítima do Santo Ofício.»<sup>10</sup>. Daí que o dinamismo, como traço fundamental do seu carácter, torna-se também a marca inconfundível do seu estilo.

A preocupação de Vieira consistia em disciplinar os costumes, em orientar as almas para o bom caminho, em dizer aquilo que a consciência lhe ditava, em dizer verdades nuas e cruas, por amor da mesma verdade. Para educar e converter almas, recorre o escritor aos exemplos da mitologia, da história sagrada ou profana e da própria vida. É por isso que a sua moral é activa e prática: baseia-se na lição do mundo e dos homens.

Quando esteve no Brasil, Vieira pregava, de dia, aos Colonos, e à noite, era catequista dos Índios, falando-lhes a linguagem sóbria que convinha a semelhante mistério.<sup>11</sup> Por ter convivido com grandes e pequenos, e por a todos ter compreendido igualmente, é que Vieira, no dizer do Padre Gonzaga Cabral, «aliou numa harmonia admirável a linguagem popular, com os sublimes rasgos da eloquência...»<sup>12</sup>, o culto das minúcias nunca, de modo algum, prejudicou os “formidáveis voos” de Vieira. Nada mais verdadeiro.

---

<sup>10</sup> ABREU, Luís Machado de, «Moldura para um retrato de Vieira», in ABREU, Luís Machado (coord.), *Revista da Universidade de Aveiro – Letras*, n.º 14, Aveiro, Universidade de Aveiro, 1997, p. 9.

<sup>11</sup> João Francisco Marques acrescenta na sua obra o seguinte: “A monumental síntese de Serafim Leite sobre a acção dos jesuítas no Brasil permite-nos ver, de forma sistemática, o que se fazia no plano catequético e da pregação aos nativos. Até se diz nomeadamente que os hábitos dos índios se europeizavam à medida que os modos de pregar onde apenas se mantinham a exuberância dos gestos.” Cf. MARQUES, João Francisco, *A Parenética Portuguesa e a Restauração 1640 – 1668*. Porto, INIC, 1989, p. 47.

<sup>12</sup> *Apud*, VIANA, Mário Gonçalves, *Padre António Vieira – Antologia de Sermões*. Porto, Editora Educação Nacional, 1947, p. 10.

Os pensamentos brotam espontaneamente, numa exuberância que surpreende. Não é o moralista puro e exclusivista que fala: «é o crítico de costumes e o sociólogo, sempre amante da verdade, apaixonado da justiça e desejoso do bem público».<sup>13</sup>

Vieira estudou, durante toda a vida, com entusiasmo e afínco, as letras sagradas e profanas. Desejoso de se ilustrar cada vez mais, todas as oportunidades lhe serviam para ler: lia nas longas e intermédias jornadas através da Europa ou no sertão brasileiro; e mesmo nas viagens. Estas contribuían imenso para lhe enriquecer o espírito, pois Vieira conviveu, nomeadamente na França, na Itália e na Holanda, com as mais ilustres personalidades da época: teólogos, professores, sábios, ministros e diplomatas. Sabe-se que ele não só ouviu falar sobre variadíssimos ramos do saber humano – filosofia, história sagrada ou profana, geografia, etc. – mas ele próprio falou, com êxito notável, acerca dos mais transcendentales assuntos.

Os sermões de Vieira, copiosamente recheados de citações e referências de toda a espécie – religiosas, mitológicas, históricas, científicas, literárias – testemunham eloquentemente o profundo saber do famoso pregador.

Padre António Vieira, assim como foi diplomata, sempre revelou aptidões políticas. Profundo conhecedor do mundo e dos homens, o jesuíta sabia encontrar, para tudo e em todos os momentos, as soluções mais úteis e convenientes. Mesmo quando parecia recuar ou ceder terreno, só aparentemente o fazia. De facto, sabia aproveitar todas as oportunidades. O seu espírito sensato e realista permitia-lhe a adaptação rápida e fácil às situações mais difíceis.

Ninguém lhe agradecia as ideias ou sugestões, mas este não calava os seus pensamentos, embora só desgostos daí lhe adviessem. A actuação política deste não desmerece, por consequência, a personalidade do grande orador. Antes pelo contrário, completa-a e explica-a, revelando facetas deveras simpáticas deste grande vulto português. A política de Vieira visava ao bem público e à grandeza de Portugal.

Vieira não foi historiador, e no entanto fez história. Alguns passos do seu vasto sermonário estão cheios de notícias políticas ou descritivas, e constituem, no dizer do P. Gonzaga Cabral, autênticos e belíssimos “quadros históricos”: por exemplo, nas suas cartas, encontra-se a história exacta e fiel da actividade missionária, no Brasil, do século

---

<sup>13</sup> VIANA, Mário Gonçalves, *Padre António Vieira – Antologia de Sermões*. Porto, Editora Educação Nacional, 1947, p. 14.

XVII, e do movimento a favor dos índios. Ninguém conhecia melhor os bastidores da Guerra da Restauração e a vida dos missionários no Brasil.

É certo que Vieira não deixou nenhuma obra histórica, mas deixou aos historiadores numerosos e valerosíssimos subsídios para a elaboração da história, dessa história que ele próprio definiu, magistralmente, como «mãe da verdade, émula do tempo, depósito das acções, testemunha do passado, exemplo e aviso do presente, advertência do futuro»<sup>14</sup>.

António Vieira, apesar de todas as suas ocupações e múltipla actividade, nunca esqueceu a sua condição de sacerdote. Foi um bom cidadão e um lutador incansável. Por amor à verdade, à justiça e ao bem público, o jesuíta sacrificava tudo. Nas horas de desalento, nos dias incertos, em que as paixões mesquinhas tumultuavam na corte, Vieira recolhia à cela para estudar e meditar, ou entrava no mistério da selva brasileira a conquistar almas para a cristandade e cidadãos para o país.

Vieira tinha um forte sentido de justiça cristã: doía-se das iniquidades, e era particularmente solidário. No Brasil, seguia a pegada de Anchieta, ensinando os índios e compondo, para eles, autos e mistérios de carácter religioso ou educativo. Nos intervalos da luta, era manso como as pombas. Descia até às almas simples, consolava-as, acarinhava-as; ensinava aos humildes índios música e canto. Foi, portanto, um homem complexo, constituído por vários homens; a sua personalidade desdobrava-se em tantos génios quantas são as manifestações da sua vida e do seu fecundo mistério.

O notável jesuíta conseguiu ser grande em toda a parte e em todas as emergências. Foi influente em Roma; no Brasil, catequizando os índios e sujeitando-se aos perigos, às traições e às inclemências da selva, como o mais obscuro dos irmãos jesuítas; quando ensinava catecismo às crianças de Cabo Verde; e quando defendia a liberdade dos índios, comprometendo a sua situação e o seu futuro. No Brasil falou perante os governadores, os chefes militares e os colonos, pregando; na Baía, evangelizou os índios, usando a própria língua deles. Criticou os grandes e os humildes; tinha a linguagem rude da verdade e o coração de um justo. Era contundente na frase e delicadíssimo no trato. A personalidade de Vieira desdobrava-se e multiplicava-se assombrosamente, adaptando-se a todas as situações.

---

<sup>14</sup> *Apud* VIANA, Mário Gonçalves, *Padre António Vieira – Antologia de Sermões*. Porto, Editora Educação Nacional, 1947, p. 47.

Padre António Vieira legou-nos uma herança literária vasta e multiforme. Para além dos cerca de 200 sermões que lhe valeram ser considerado o maior orador sacro de Portugal, escreveu mais de 700 cartas e redigiu ainda, diversos tratados de carácter profético e uma série de textos de natureza política e social.

Mais no fim da vida, Vieira também procurou arquitectar profecias sobre as futuras grandezas da pátria. Aos tratados messiânicos consagrou então todo o seu entusiasmo e as poucas forças que lhe restavam. Tendo em conta as palavras de Maria das Graças atentemos: «Ele próprio não escondia a sua preferência, ao considerar a *História do Futuro* e a *Clavis Profectarum* “palácios altíssimos” em comparação com as “choupanas” que seriam o restante da sua obra».<sup>15</sup>

Em todos os textos de ficção visionária - sejam eles a *História do Futuro*, o *Livro Antepimeiro* (prólogo explicativo daquela), as *Esperanças de Portugal*, a *Clavis Profectarum* ou mesmo a *Defesa Perante o Tribunal do Santo Ofício* – procura-se explicar o verdadeiro sentido das profecias de Bandarra, as quais, infalíveis em tantos pormenores, haviam também de o ser na consumação do *Quinto Império*: um império universal, totalizante, harmónico, onde coubessem todas as raças e todas as culturas, unidas espiritualmente num único reino cristão e católico.

De diferentes características se revestem as cartas escritas ao longo de mais de setenta anos (1626 – 1697). Da correspondência de Vieira dimana, logo numa primeira leitura, o gosto inconfundível de uma experiência vivida, revelando as principais preocupações do autor, entre muitas, a defesa dos índios do Brasil.

Os seus sermões constituem, para a maioria dos estudiosos deste erudito, o espaço privilegiado do artista. Foi, de facto, como pregador que Vieira mais se distinguiu no seu tempo e é, ainda hoje, sob essa faceta que a sua obra é mais conhecida e apreciada. De acordo com a opinião de José van den Besselaar, os seus sermões podem ser divididos em dois grupos: «os sermões estritamente religiosos (...) e os sermões que tratam de um determinado assunto político ou social então em debate, mas sempre com um fundo religioso e tendo por ponto de partida um texto bíblico, geralmente extraído do missal da festa litúrgica do dia.»<sup>16</sup>

---

<sup>15</sup> VIEIRA, Padre António, *Sermões escolhidos*. 4ª Edição, Lisboa, Biblioteca Ulisseia de Autores Portugueses, 1999, p. 22.

<sup>16</sup> BESSELAAR, José van den, *António Vieira: o Homem, a Obra, as Ideias*. 1ª Edição, Lisboa, Biblioteca Breve, 1981, p. 168.

Vieira pretendia impressionar e comover o seu auditório para o activar (uma das funções do sermão – *movere*), tinha assim por vocação moralizar, isto é, reformular a atitude ética do seu auditório castigando e ridicularizando os vícios do seu tempo. Como referiu Besselaar: «Em cada moralista se esconde um satírico.»<sup>17</sup> No púlpito, Vieira comentava com franqueza os grandes problemas da época, sugerindo, sempre que possível, soluções concretas, baseando-se em textos bíblicos sabiamente interpretados.

Não podemos esquecer que em Portugal, naquela época, o púlpito era muitas vezes também um teatro, e Vieira sabia bem disso. Margarida Vieira Mendes partilha da mesma opinião quando refere:

«O modo de figuração teatral de cenas bíblicas repercute-se sem dúvida nas atitudes oratórias de Vieira, o que é mais visível no primeiro período brasileiro e no período português restauracionista (1633-1641 e 1642-1652). (...) Vieira imaginou-se sempre em cena, cumprindo um desses papéis bíblicos na nação portuguesa, herdeira de Israel no que respeita a predestinação.»<sup>18</sup>

Também Luís Machado de Abreu menciona que «a obra de Vieira ocupa um lugar de excepção, porventura único, como teatro de argumentação aberto à prática e defesa das mais diversas causas»<sup>19</sup>: esta situação é perfeitamente visível no *Sermão de Santo António (aos peixes)*, onde se representa uma pregação no interior de outra, sendo Vieira o protagonista de ambas. Este sermão refere-se à defesa dos Índios contra o egoísmo dos Colonos, evidenciando-se a faceta de Vieira como missionário catequista.

Durante o século XVII, o sermão não foi só o género literário predominante; foi principalmente a base da mais importante cerimónia social: a pregação. Através dela, a palavra do orador atingia todas as camadas sociais. Talvez por isso, as teses dos sermões vieirianos abandonem o teor teológico puro para abraçarem o moral e o político, visto que neles se espelha fielmente a época conturbada em que viveu o jesuíta, apegado a uma nação cada vez mais vulnerável, quer às arremetidas dos adversários,

---

<sup>17</sup> BESSELAAR, José van den, *António Vieira: o Homem, a Obra, as Ideias*. 1ª Edição, Lisboa, Biblioteca Breve, 1981, p. 69.

<sup>18</sup> MENDES, Margarida Vieira, *A Oratória Barroca de Vieira*. Lisboa, Editorial Caminho, 1989, p.47-48.

<sup>19</sup> ABREU, Luís Machado de, «Paixão e argumentação na oratória do Padre António Vieira» in *Terceiro Centenário da Morte do Padre António Vieira – Congresso Internacional – Actas*. Universidade Católica Portuguesa – Província Portuguesa da Companhia de Jesus, Braga, Editora Barbosa & Xavier, Lda – Artes Gráficas, 1999, p. 1695.

quer às próprias tensões internas. Aliás, os sermões mais conhecidos são os que de forma mais directa se prendem a processos ou factos históricos específicos.

Neste género literário desenvolvido por Vieira, convergem, pois, o idealista, o político, o missionário, o sebastianista, o patriota, enfim, a complexa personalidade do escritor. Por isso, os seus sermões ultrapassam o valor religioso para se tornarem então motor de meditação e estudo por parte de moralistas, sociólogos, linguistas e historiadores.

Padre António Vieira destaca-se, nesta pregação de circunstância, mercê do seu génio oratório, de uma experiência múltipla e de uma entrega apaixonada aos ideais do movimento restauracionista, a ponto de ser figura paradigmática da parenética e história seiscentista portuguesa.

## Capítulo II

### A crise da sociedade seiscentista e a riqueza oratória vieiriana

#### II.1. Barroco ou Seiscentismo Português

O Barroco denominou genericamente todas as manifestações artísticas europeias desde os anos 1600 até início dos anos 1700. Além da literatura, estendeu-se à música, pintura, escultura e arquitectura da época.

Em Portugal, o Barroco ou Seiscentismo teve início em 1580 com a unificação da Península Ibérica, que levou a um forte domínio da Escola Espanhola em todas as actividades integradas no Barroco lusitano. O Seiscentismo estendeu-se até 1756, com a fundação da Arcádia Lusitana já em pleno governo do Marquês de Pombal, aberto aos novos ares da ideologia burguesa iluminista, que caracterizou a segunda metade do século XVIII.

Somente no século XIX, o conceito de Barroco começa a definir-se. Primeiramente, com um sentido pejorativo como revelador de raciocínio falso e sem sentido, extravagante e grotesco, veículo de falta de harmonia em trabalhos artísticos. Depois, com o historiador da arte H. Wölfflin, surge a ideia de um estilo Barroco, com características próprias e merecedoras de atenção.<sup>20</sup> A partir de 1920, críticos de literatura, arquitectura, artes plásticas e música ampliam e expandem a noção de Barroco, configurando um brilhante período artístico no Ocidente, que se desenvolve desde os fins do século XVI e atinge todo o transcurso do século XVII.

Severo Sarduy, na sua obra *Barroco*, considera que é mesmo impossível conhecer as origens do signo barroco:

«é hoje impossível conhecer as origens do signo barroco, fundá-lo, ignorando o que esta operação implica ainda obstinadamente

---

<sup>20</sup> SILVA, Vítor Manuel de Aguiar e, *Teoria da Literatura*. Coimbra, Livraria Almedina, 1984, p. 446-449.

de moral: por pretender estabelecer uma concordância de ordem semântica, uma concordância de sentido, entre a palavra e a coisa: Quando se estabelece um sentido último, uma verdade plena e central, a singularidade do significado, instaura-se ao mesmo tempo o erro e a queda. À mania da definição na vertigem da génese oporemos uma homologia estrutural entre o objecto barroco paradigmático – ou seja: a jóia – *a forma da expressão barroca*: analogia que articula o referente com o significante, nele considerando em primeiro lugar a distribuição dos elementos vocálicos e em seguida a sua grafia.»<sup>21</sup>

Segundo Victor L. Tapié, a palavra barroco é constituída por duas vogais «bem engastadas que parecem evocar a sua amplitude e o seu brilho»<sup>22</sup> e que são um suporte «opaco, estreito; e sobre essa superfície consonântica, como as pérolas no seu engaste, cintilam os elementos claros»<sup>23</sup>. É «nesta distribuição brusca da luz, nesta ruptura nítida cujas fronteiras separam, sem *nuanças*, autoridade do motivo e neutralidade indiferenciada do fundo»<sup>24</sup>, que o Barroco se estabelece:

«Contraste sem mediação entre zona de sombra e zona de luz. Supressão de toda a transição entre um termo e o outro, por uma justaposição abrupta dos contrários».<sup>25</sup>

Para Sarduy, o Barroco definiu um estilo que se pôde desenvolver paralelamente à expansão dos Jesuítas. Quanto às características desse estilo reúnem-se os elementos necessários para convencer o público. São eles:

«Pedagogia, expressão enérgica que não somente dá a ver mas "põe as coisas diante dos olhos". Arte da argúcia: a sintaxe visual organiza-se em função de relações inéditas – torção de um dos termos ou hipérbole / noite súbita sobre o outro; nudez / autonomia do ornamento relativamente ao corpo racional do edifício; adjectivo / advérbio que o distorce, voluta: todo o artifício é válido desde que sirva o argumento, a apresentação autoritária, sem vacilações, sem *nuanças*. Tudo para convencer.»<sup>26</sup> (sublinhado nosso)

Vítor Manuel de Aguiar e Silva, na obra *Maneirismo e Barroco na Poesia Portuguesa*, estabelecendo um paralelo entre Maneirismo e Barroco, entende que

«o barroco é profundamente sensorial e naturalista, apela gozosamente para as sensações fruídas na variedade incessante do mundo físico, ao passo que o maneirismo, sob o domínio do *disegno interiore*, da *Idea*, se distancia da realidade física e do

<sup>21</sup> SARDUY, Severo, *Barroco*. Lisboa, Vega Universidade, 1989, p.26-27.

<sup>22</sup> *Apud* SARDUY, Severo, *Barroco*. Lisboa, Vega Universidade, 1989, p.27.

<sup>23</sup> SARDUY, Severo, *Barroco*. Lisboa, Vega Universidade, 1989, p. 27.

<sup>24</sup> *Ibidem*.

<sup>25</sup> *Ibidem*.

<sup>26</sup> *Ibidem*.

mundo sensório, preocupado com problemas filosófico-morais e com complexidades e subtilezas estilísticas; o barroco é uma arte acentuadamente realista e popular, animada de um poderoso ímpeto vital, comprazendo-se na sátira desbocada e galhofeira, dissolvendo deliberadamente a tradição poética petrarquista, ao passo que o maneirismo é uma arte de *élites*, avessa ao sentimento "democrático" que anima o barroco, anti-realista, impregnada de um importante substrato preciosista e cortês, representado sobretudo pelo filão petrarquista; o barroco caracteriza-se pela ostentação, pelo esplendor e pela proliferação dos elementos decorativos, pelo senso da magnificência que se revela em todas as suas manifestações, tanto nas festas de corte como nas cerimónias fúnebres, contrariamente ao maneirismo, mais sóbrio e mais frio, introspectivo e cerebral, dilacerado por contradições insolúveis; o barroco tende frequentemente para o ludismo e o divertimento, enquanto o maneirismo aparece conturbado por um *pathos* e uma melancolia de raízes bem fundas.»<sup>27</sup>

O Barroco marcou um momento de crise espiritual da sociedade europeia. O homem do século XVII era um homem dividido entre duas mentalidades, duas formas diferentes de ver o mundo. Por isso, o estilo Barroco é um dos mais complexos que podem ser estudados na Literatura Portuguesa. A historiografia e a crítica têm oscilado entre posições que vão da recusa do Barroco, por alegada pobreza temática e exagerada manipulação da palavra, à quente apologia que fazem à escola dos anatomistas do estilo, maravilhados com a engenhosidade e agudeza das produções da época.

A posição mais conservadora, mais tradicionalista, tende a ver no Barroco<sup>28</sup> uma "pérola irregular"<sup>29</sup>, um classicismo imperfeito e obtuso. A posição mais recente que se abre com os estudos de Heinrich Wölfflin, na obra *Conceitos Fundamentais da História da Arte*, vê no Barroco uma constante universal na arte expressiva dos períodos marcados por graves conflitos espirituais, cuja essência é a irregularidade, a exasperação, o exagero, características opostas à sobriedade e à disciplina clássicas.

---

<sup>27</sup> SILVA, Vítor Manuel de Aguiar e, *Maneirismo e Barroco na Poesia Portuguesa*. Coimbra, Centro de Estudos Românicos, 1971, p.40-42.

<sup>28</sup> Segundo Vítor Manuel de Aguiar e Silva, Barroco é um vocábulo multivalente e perigosamente ambíguo. O vocábulo "Barroco" tem origem hispânica, pois era usado na Língua Portuguesa no século XVI, para designar pérola da forma irregular. Esta palavra adquiriu uma nova vida nas plagas do Oriente, passando a designar pérolas não redondas e imperfeitas de valor inferior às pérolas perfeitas.

<sup>29</sup> A origem da palavra barroco tem suscitado muitas discussões. Dentre as várias posições, a mais aceite é a de que a palavra se teria originado [...] do vocábulo espanhol barrueco, vindo do português arcaico e usado pelos joalheiros desde o século XVI, para designar um tipo de pérola irregular e de formação defeituosa, aliás, até hoje conhecida por essa mesma denominação. Assim, como termo técnico, estabeleceria, desde seu início, uma comparação fundamental para a arte: em oposição à disciplina das obras do Renascimento, caracterizaria as produções de uma época na qual os trabalhos artísticos mais diversos se apresentariam de maneira livre e até mesmo sob formas anárquicas, de grande imperfeição e mau gosto. (MELLO, Suzy, *Barroco*. São Paulo, Brasiliense, 1983, p.7-8).

Convivendo com o sensualismo e os prazeres materiais trazidos pelo Renascimento, os valores espirituais - tão fortes na Idade Média e desprezados pelo Renascimento - voltaram a exercer forte influência sobre a mentalidade da época. Uma nova onda de religiosidade foi trazida pela Contra-Reforma e pela fundação da Companhia de Jesus. O que decorreu daí foram naturalmente sentimentos contraditórios, já que o homem estava dividido entre valores opostos. E a arte barroca, que exprime essa contradição, igualmente oscila entre o clássico (e pagão) e o medieval (cristão), apresentando-se como uma arte indisciplinada.

Comparado aos outros dois movimentos que integram a Era Clássica, o Classicismo e o Arcadismo, o Barroco representa um desvio da orientação clássica, já que procurava, ao mesmo tempo, fundir a experiência renascentista ao reavivar a fé cristã medieval. Punha em risco, assim, certos princípios muito prezados pela tradição clássica, como o predomínio da razão e o equilíbrio.

Resumindo, o Barroco parece querer conciliar duas concepções de mundo opostas: a medieval e a renascentista. Assim, valores como o humanismo, o gosto pelas coisas terrenas, as satisfações mundanas e carnais, trazidos pelo Renascimento, que era caracterizado pelo racionalismo, equilíbrio, clareza e linearidade dos contornos, fundem-se a valores espirituais trazidos pela Contra-Reforma, com ideias medievais, teocêntricas e subjectivas. Nasce então uma forma de viver conflituosa, expressa na arte barroca.

Eugenio d'Ors, na sua obra *O Barroco*, apresenta a seguinte lista das várias espécies de Barroco existentes na Europa; ao querer sistematizar uma forma e expressão de arte extremamente multifacetada:

GÉNERO: Barocchus

ESPÉCIES

Bar. pristinus

Bar. alexandrinus

Bar. archaicus

Bar. romanus

Bar. macedonicus

Bar. buddhicus

Bar. pelagianus

Bar. Maniera

Bar. gothicus

Bar. tridentinus, sive jesuiticus

Bar. franciscanus  
Bar. "Rococó" (França-Áustria)  
Bar. manuelinus (Portugal)  
Bar. romanticus  
Bar. orificensis (Espanha)  
Bar. finisaecularis  
Bar. nordicus (Norte da Europa)  
Bar. posteabellificus  
Bar. palladianus (Itália-Inglaterra)  
Bar. vulgaris  
Bar. rupestris  
Bar. Officinalis<sup>30</sup>

O Barroco português será, portanto, o *Barocchus Manuelinus*. Diz o autor que

«se é na Grécia e na sua dupla e antiga escolta siciliana e romana, quer dizer, no centro do Mediterrâneo, que se procurou a essência do classicismo em si, Portugal oferece-nos – negligenciando de momento o núcleo extra-europeu da antiga Alexandria, e omitindo voluntariamente os estilos pré-históricos, a Pré-História é uma outra história – Portugal oferece-nos, digo eu, o arquétipo do Barroco. Desde logo, na idade moderna, a arte portuguesa desperta, mais madrugadora, do que qualquer outra – com exceção, talvez, da arte dos Países Baixos, lição também do Oceano, lição longínqua das Índias, – revelando a vocação naturalista, a supremacia da paixão sobre a razão, a turbulência dinâmica, a religiosidade panteísta e intensa – elementos que, apenas mais tarde, cristalizarão nos outros países e se traduzirão por um fenómeno estético geral no momento em que gravita, em volta do Concílio de Trento, todo um mundo de elementos sensíveis e de ideias. O que se chama "estilo jesuítico" tem um antecedente mais do que fraternal no estilo dito "estilo manuelino". Bem entendido, não me reporto aqui exclusivamente à arquitectura. Digo-o de toda a arte; da civilização inteira, direi». <sup>31</sup>  
(sublinhado nosso)

É na janela do Convento de Cristo em Tomar que Eugenio d'Ors vê

«um dos símbolos essenciais da mensagem lusitana no mundo. É, à sua maneira, um poema épico, um emblema colectivo total, como pode sê-lo a epopeia de Camões, *Os Lusíadas*. Há um terceiro *epos* na arte pictórica representada, essa, pelo Político de Nuno Gonçalves. E, do mesmo modo que em Pontigny, ninguém hesitou em reconhecer a janela de Tomar como obra transcendental, assim como o significado desse Político foi prontamente captado em Paris, aquando da Exposição de "Arte Portuguesa": outra revelação, outra vitória». <sup>32</sup>

<sup>30</sup> ORS, Eugenio d', *O Barroco*. Vega, Lisboa, 1990, p. 102-103.

<sup>31</sup> *Idem*, p. 117-118.

<sup>32</sup> *Idem*, p. 120.

Quanto aos limites cronológicos do Barroco em Portugal,

«podem fixar-se, sem rigidez, entre os anos 1580 a 1680. Não deve isolar-se o caso português do caso peninsular; é numa perspectiva ibérica que deve situar-se e avaliar-se a literatura de Seiscentos, que é nessa altura, mais do que nunca, bilingue. A prosa atinge nesta época a sua maioridade. Entramos num mundo novo de ritmo e estruturação da frase, num novo sistema de articulação das palavras na frase e das frases no discurso. A prosa barroca é uma prosa artística; possui a maturidade que não alcançara ainda a prosa de Quinhentos»<sup>33</sup>

Atentemos um pouco no aspecto histórico.

Num **contexto** de autoritarismo político (com o absolutismo, sistema político baseado na centralização absoluta do poder nas mãos do rei, que se considerava o Deus na terra), de expansão comercial (com a Revolução Comercial, cuja política económica, o Mercantilismo, se baseava na balança comercial favorável e no acumular de capitais), de luta de classes (onde a burguesia, por deter forte poder económico, pressionava politicamente a nobreza e o rei, a fim de participar das decisões políticas do Estado Absolutista. Isso era quase impossível na época, já que a sociedade estava organizada em três camadas sociais impermeáveis: o clero, a nobreza e o terceiro estado), e crises religiosas (reforma e contra-reforma), é que nasceu a arte barroca.

Um dos traços mais importantes que caracterizam o Barroco é o gosto pela aproximação de realidades opostas, pelo conflito e pelas contradições violentas. Tal princípio pode ser relacionado com a realidade do homem barroco, contraditória e em transformação.

Politicamente, o homem da época sentia-se oprimido; economicamente, contudo, sentia-se livre para enriquecer. Apesar da possibilidade de ascensão económica, a estrutura social do Antigo Regime não lhe permitia a ascensão social.

No plano espiritual, igualmente se verificaram algumas contradições: ao lado das conquistas e dos valores do Renascimento e do mercantilismo - que possibilitou a aquisição de bens e prazeres materiais - a Contra-Reforma procurava restaurar a fé cristã medieval e estimular a vida e os valores espirituais.

Por esse conjunto de razões é que na linguagem barroca, tanto na forma quanto no conteúdo, se verifica uma rejeição constante da visão ordenada das coisas. Os temas são aqueles que reflectem os estados de tensão da alma humana, tais como vida e morte,

---

<sup>33</sup> BELCHIOR, Maria de Lourdes, *Os Homens e os Livros – Séculos XVI e XVII*. Lisboa, Verbo, 1971, p. 112.

matéria e espírito, amor platónico e amor carnal, pecado e perdão. A construção da linguagem barroca acentua e amplia o sentido trágico desses temas, ao fazer o uso de uma linguagem de difícil acesso, rebuscada, cheia de inversões e de figuras de linguagem. Outros temas que são facilmente encontrados são o sobrenatural, castigos, misticismo e arrependimento.

A época da Contra-Reforma e do Barroco é principalmente marcada por uma profunda dualidade. Por um lado, é o desdobramento do humanismo clássico e do Renascimento, com seus apelos ao racionalismo, ao prazer, ao "carpe diem". Por outro lado, o homem é pressionado pela Igreja Católica e pelo protestantismo mais vigoroso a um regresso ao teocentrismo medieval, à postura estoica, à renúncia aos prazeres, à mortificação da carne e à observância plena do "amar a Deus sobre todas as coisas", princípio capitular do teocentrismo medieval.

Em síntese, o homem do século XVII foi compelido a conciliar o TEOCENTRISMO MEDIEVAL e o ANTROPOCENTRISMO CLÁSSICO e valores opostos como fé x razão, alma x corpo, Deus x homem, céu x terra, virtude x prazer. Valemo-nos da apreciação do Prof. Afrânio Coutinho: «O homem do Barroco é um saudoso da religiosidade medieval e, ao mesmo tempo, um seduzido pelas solicitações terrenas e valores mundanos, amor, dinheiro, luxo, posição, que a Renascença e o Humanismo puseram em relevo. Desse dualismo nasceu a arte barroca».<sup>34</sup>

<b>Feudalismo</b>	<b>Mercantilismo</b>	<b>Crise da sociedade renascentista e Contra-Reforma</b>
<b>Arte Medieval</b> Teocentrismo Valorização da vida espiritual	<b>Renascimento</b> Humanismo Valorização da vida corpórea	<b>Barroco</b> Volta à religiosidade Dilaceramentos: alma x corpo vida x morte claro x escuro céu x terra, etc.

Vê-se, pois, que a época barroca, foi das mais conturbadas que o homem ocidental viveu. Aliás, e como já foi dito, a escola literária do Barroco coincide com o apogeu do Absolutismo Monárquico, Mercantilismo, do Capitalismo e sua extensão a áreas coloniais, da Burguesia e da Revolução Comercial. É notório que, se a Literatura é

<sup>34</sup> Afrânio Coutinho, *Aspectos da Literatura Barroca*. RJ, 1950, p. 54.

a expressão do homem e do seu tempo, o estilo Barroco haveria de reflectir as angústias, as incertezas e o desespero do homem que viveu essa época difícil.

Fruto da síntese entre duas mentalidades, a medieval e a renascentista, o homem do século XVII era um ser contraditório, tal qual a arte pela qual se expressou.

Segundo Vítor Manuel de Aguiar e Silva, «a literatura barroca caracteriza-se pela fuga à expressão singela e imediata, às estruturas formais simples e lineares»<sup>35</sup>. Para este autor, «o Barroco é essencialmente uma literatura de fortes tensões vocabulares, de polivalências significativas, de estruturas complexas e surpreendentemente inéditas»<sup>36</sup>. Por isso, a poética do Barroco «busca constantemente suscitar no leitor a surpresa e a maravilha»<sup>37</sup>, em que a metáfora «constitui o instrumento por excelência de uma expressividade misteriosa, da revelação de recônditas analogias que o poeta apreende na realidade, da transfiguração fantástica do mundo empírico. A poética barroca considera a metáfora como o mais sublime fruto do engenho»<sup>38</sup>. Um dos processos estilísticos mais caracteristicamente barroco é a acumulação de metáforas ou o «desenvolvimento de uma metáfora mediante uma série de metáforas».<sup>39</sup>

Outras **características da linguagem barroca** merecem especial atenção pela sua peculiaridade e pelo uso que foi sendo feito de algumas delas em escolas posteriores.

**Requinte formal:** O nível linguístico dos textos barrocos é sofisticado. Os textos podem apresentar construções sintácticas elaboradas, vocabulários de nível elevado. O Barroco Literário foi uma arte da aristocracia e esse refinamento era desejado pelo seu público consumidor, porque lhe conferia *status*.

**Conflito espiritual:** O homem barroco sente-se dilacerado e angustiado diante da alteração dos valores, dividindo-se entre o mundo espiritual e o mundo material. As figuras que melhor expressam esse estado de alma são a *antítese* (emprego de palavras que se opõem quanto ao sentido) e o *paradoxo* (a antítese levada ao extremo, onde as ideias se opõem em termos de sentido).

**Temas contraditórios:** Há o gosto pela confrontação violenta de temas opostos, como amor / dor, vida / morte, juventude / velhice, pecado / perdão, entre outros.

---

<sup>35</sup> SILVA, Vítor Manuel de Aguiar e, *Teoria da Literatura*. Livraria Almedina, Coimbra, 1984, p. 497.

<sup>36</sup> *Ibidem*.

<sup>37</sup> *Idem*, p. 499.

<sup>38</sup> *Ibidem*.

<sup>39</sup> *Idem*, p. 500-501.

**Efemeridade do tempo e “carpe diem”:** O homem barroco tem consciência de que a vida terrena é efémera, passageira, e por isso, é preciso pensar na salvação espiritual. Mas, já que a vida é passageira, sente, ao mesmo tempo, desejo de gozá-la antes que acabe, o que resulta num sentimento contraditório, já que gozar a vida implica pecar, e se há pecado, não há salvação.

No Barroco podemos assinalar a predominância de dois **estilos** diferentes: o **Cultismo e o Conceptismo**. O primeiro é caracterizado mais marcadamente pela linguagem rebuscada, culta, extravagante, pela valorização do pormenor mediante jogos de palavras, com visível influência do poeta espanhol Luís de Gongora. Valoriza-se o “como dizer”. O Conceptismo é marcado pelo jogo de ideias, de conceitos, seguindo um raciocínio lógico, associativo, que utiliza uma retórica aprimorada. Valoriza-se, neste estilo, “o que dizer”. Um dos principais mentores do Conceptismo foi o espanhol Quevedo.

Sendo um pouco mais específicos:

O *Cultismo*<sup>40</sup> privilegia *o jogo de palavras*: Cultismo (ou Gongorismo) são as denominações que recebeu, na Península Ibérica, e em colónias ultramarinas, o aspecto do Barroco voltado para a *forma rebuscada*, para a ornamentação exagerada do estilo, por meio do vocabulário precioso, erudito, eivado de latinismos, para a inversão da ordem directa da frase, imitando a sintaxe do latim clássico. O termo *Cultismo* deriva da obsessão barroca pela linguagem *culta, erudita*, e o Gongorismo alude ao autor espanhol Luís de Gongora, expoente maior desse procedimento literário, criador de uma verdadeira escola que tem como seguidores, entre nós, Manuel Botelho de Oliveira e, em alguns momentos, Gregório de Mattos Guerra.

O aspecto exterior imediatamente visível no Cultismo ou Gongorismo é o abuso no emprego de *figuras de linguagem* como *perífrase, elipse, prosopopeia, zeugma*,

---

<sup>40</sup> Tendência, típica da literatura barroca, para usar e abusar de metáforas cintilantes, requintadas, de hipérbolos e de jogos de palavras. Corresponde à sobrecarga ornamental da arte plástica da mesma época (por exemplo as sumptuosas obras de talha das igrejas barrocas) e liga-se estreitamente ao conceptismo no amor da agudeza e do chiste, no desejo de surpreender e maravilhar o leitor. O grande modelo seguido pelos nossos poetas cultos ou cultistas é Gongora. O cultismo dirige-se em parte à imaginação sensorial, em parte à inteligência: Hernâni Cidade distingue entre jogos de palavras, jogos de imagens e jogos de construções (in *A POESIA LÍRICA CULTISTA E CONCEPTISTA*. Lisboa, 1938). Quer na poesia quer na prosa encontram-se estes processos até meados do séc. XVIII. (...) O próprio Vieira, apesar de, no *SERMÃO DA SEXAGÉSIMA*, verberar os artifícios gongóricos de certos pregadores, não está completamente isento de jogos de palavras, e utiliza a cada passo construções paralelas, simétricas, desdobrando com virtuosismo os elementos dum contraste. (Coelho, Jacinto do Prado, *Dicionário de Literatura*. Vol. I, 4ª ed, Academia das Ciências e da Faculdade de Letras de Lisboa, Porto, Figueirinhas, 1992, p. 243.)

*gradação*, especialmente as semânticas (*metáforas, antíteses, hipérboles*), as sintácticas (de inversão oracional, de repetição ou supressão de termos, como *hipérbatos, anáforas, quiasmos* e sonoras, *paronomásias*, etc.).

Além disso, dá-se grande ênfase à *Percepção sensorial da realidade*: O cultismo explora, também através do jogo de palavras, efeitos sensoriais, tais como cor, forma, volume, sonoridade, imagens violentas e fantasiosas - enfim, recursos que sugerem a superação dos limites da realidade.

As figuras apresentadas são apenas algumas das que os autores cultistas empregaram. Caberia ressaltar, ainda, a preocupação com a originalidade e a renovação da Língua, pela incorporação de neologismos; e mais, a recorrência a citações eruditas, ao emprego de latinismos e à persistência de alegorias fundadas na mitologia clássica.

Diz Hernâni Cidade, na obra *A Poesia Lírica Cultista e Conceptista*, que

«a poesia seiscentista é comumente chamada gongórica, como gongórica se chamou toda a escola literária que domina o século. Tal designação pode induzir, e a cada passo induz, no erro de se considerarem como influenciados por Gongora trechos em que nem a sua técnica nem o seu espírito se projectam ainda no erro de englobar na mesma categoria atitudes e processos diferentes ao ponto de se oporem».<sup>41</sup>

Nesta poética verificam-se duas atitudes diferentes: «a atitude sensual de rebusca do mais pulcro e fulgurante para o encanto dos olhos; a atitude intelectual, que formula o conceito engenhoso, para deliciado pasmo do espírito dialéctico»<sup>42</sup>.

Assim se criou um estilo que

«sobrepõe ao plano da realidade o plano do ideal, construído com o que naquela haja de mais formoso e puro, fulgurante e nobre, e para ele perpetuamente provoca a evasão da sensibilidade, da imaginação e da inteligência. De qualquer modo, é um jogo, que tem no puro gozo estético toda a sua finalidade. Jogo de palavras, faiscante de graciosos trocadilhos ou equívocos; jogo de imagens – as imagens de variado tipo com que se aformoseia, se transfigura a realidade; jogo de construções, com que se organiza a frase e se molda o pensamento dentro de modelos predeterminados – simetrias, paralelismos, cruzamentos, antíteses, alternâncias, enumerações e suas repetições; jogo de conceitos – os conceitos subtilizados pelos hábitos escolásticos, que os substituíam à observação e à experiência, com as quais lá fora se começava a renovação de toda a vida intelectual»<sup>43</sup>.

<sup>41</sup> CIDADE, Hernâni, *A Poesia Lírica Cultista e Conceptista*. 4ª Ed., Lisboa, Seara Nova, 1938, p. X.

<sup>42</sup> *Idem*, p. XI.

<sup>43</sup> *Idem*, p. XII.

Quanto ao *Conceptismo*<sup>44</sup> propriamente dito, organiza a *dialéctica barroca*. Assim, todo ele é voltado para o *jogo das ideias*, para a argumentação subtil (subtileza explicada pela necessidade de camuflar as ainda críticas contra a Igreja, já que a Santa Inquisição estava no seu auge, investigando, levando a julgamento e condenando aqueles que não contribuía para a preservação, defesa e propagação da Contra-Reforma e consequentemente das doutrinas católicas), para a dialéctica cerrada, que opera por meio de *associações inesperadas*, ainda fundadas na *metáfora* e, especialmente nos procedimentos da lógica formal, como o *silogismo*, o *sofisma* e o *paradoxo*.

Enquanto os *Cultistas* consideravam que a percepção cognoscitiva das coisas deveria processar-se pela *captação de seus aspectos sensoriais e plásticos* (contorno, forma, cor, volume), produzindo como resultado um verdadeiro frenesi cromático, visando aprender o *como*, os *Conceptistas* pesquisavam a essência íntima dos objectos, buscando saber *o que são*, visando à apreensão da face oculta, apenas acessível ao *pensamento*, ou seja, aos *conceitos*; assim, a inteligência, a lógica e o raciocínio ocupam o lugar dos sentidos, impondo a concisão e a ordem, onde reinavam a exuberância e o exagero. Assim, é usual a presença de elementos da lógica formal, entre outras figuras como: *silogismo*; *sofisma*; *metonímia*; *prosopopéia*; *paradoxo* e *ironia*.

Todas estas noções tão complexas são sumarizadas de um modo lapidar por Maria Leonor Carvalhão Buescu, que nos explica:

«[o Barroco] surge como reacção aos movimentos reformistas religiosos. Trata-se de uma arte e de uma literatura que privilegiou a forma rebuscada e, por vezes, ousada em detrimento do conteúdo, rompendo assim com o sentido de equilíbrio e harmonia próprio do classicismo. Em Portugal o período barroco vai sensivelmente de 1580 a 1680. Na poesia, o barroco português recebe os nomes de "cultismo e conceptismo" ou "gongorismo" (do nome do poeta espanhol Luís de Gongora). Entendia-se por "cultismo" o rebuscamento formal (jogos de palavras, metáforas

---

<sup>44</sup> Tendência, característica da literatura barroca, para os jogos de conceitos, prova de engenho subtil, não menos estimada em poesia do que em prosa. Já se encontra conceptismo no *Cancioneiro Geral* e nos poetas petrarquizantes de Quinhentos, como Luís de Camões, mas no séc. XVII a tendência intensifica-se e toma aspectos novos, sob a influência dominante de Gongora e de Quevedo. Embora cultismo e conceptismo estejam intimamente unidos, frutos como são da mentalidade barroca, há autores predominantemente conceptistas e de clara expressão – clássica, em certo sentido: é o caso do P.e António Vieira. Todavia, o pensar por simetrias e contrastes determina, no plano formal, paralelismos e antíteses; e Vieira é medularmente barroco pela vigorosa exuberância e pelo dinamismo interior que leva a criar artificialmente dificuldades lógicas para depois, com surpreendente agudeza, as resolver. (Coelho, Jacinto do Prado, *Dicionário de Literatura*. Vol. I, 4ª ed, Academia das Ciências e da Faculdade de Letras de Lisboa, Porto, Figueirinhas, 1992, p. 193.)

ousadas, sinestésias...) e por "conceptismo" o jogo de conceitos. Muitas vezes, ao deslumbramento formal correspondia um conteúdo fútil (versos "a um papagaio de palácio", a "um pé pequeno" ou "ao cavalo do conde de Sabugal que fazia grandes curvetas") ou desinteressante: no entanto, também eram abordados temas mais profundos, como a brevidade da vida, por exemplo. A poesia barroca portuguesa encontra-se recolhida nas colectâneas *Fénix Renascida* e *Postilhão de Apolo* ou ainda nos volumes de poesia de D. Francisco Manuel de Melo. Na prosa, o barroco português produziu obras de grande importância didáctica e moralizadora, bem como as obras máximas da prosa portuguesa até aí existente como a que se pode ler no *Pão Partido em Pequeninos* e outras obras do Padre Manuel Bernardes, na *Vida do Arcebispo* de Frei Luís de Sousa ou na *Corte da Aldeia* de Rodrigues Lobo. No entanto, é a obra do Padre António Vieira que melhor documenta esse esplendor da prosa de todos os séculos, patente, principalmente, nos seus *Sermões*.<sup>45</sup> (sublinhado nosso)

«Relativamente à arte portuguesa do século XVII, esta é marcada nas primeiras décadas pelo maneirismo, transitando depois, quase que insensivelmente, para as suas formas mais elaboradas do Barroco, o estilo que mais marcou a dita época. O estilo maneirista foi, de certo modo, um agente auxiliar da Contra-Reforma, reflectindo um ambiente de crise e angústia espirituais. Novos valores estéticos, resultantes de uma elaboração excessiva dos modelos clássicos, decomposto na procura de um refinamento das formas que prendesse a atenção daquele que via. Assim a sinuosidade e o capricho das formas curvas, o gosto pela azulejaria foram ainda mais cuidados na exuberância liberta da ostentação do Barroco».<sup>46</sup>

A arte barroca converte-se numa arte que procura comover intensamente o espectador. Nesse sentido, a igreja converte-se numa espécie de espaço cénico, num *teatrum sacrum* onde são encenados os dramas da salvação humana, numa mistura de arte e catequese. Junta-se a isso a música, muito valorizada nos ofícios religiosos a partir da Contra-Reforma, que se desenvolveu admiravelmente e contribuiu, ao lado das artes plásticas, para envolver os fiéis numa emocionante experiência religiosa.

Contrariamente à arte do Renascimento, que pregava o predomínio da razão sobre os sentimentos, no Barroco há uma exaltação dos sentimentos, a religiosidade é expressa de forma dramática, intensa, procurando envolver emocionalmente as pessoas.

Na literatura destacam-se sobretudo um determinado tipo de produções historiográficas, pois são frequentes obras sobre a vida de grandes figuras e ordens religiosas.

---

<sup>45</sup> BUESCU, Maria Leonor Carvalhão, *História da Literatura*. Lisboa, IN-CN, 1991. (Curso de Literatura Portuguesa – Projecto Vercial).

<sup>46</sup> GARCIA, José Manuel, *História de Portugal, uma Visão Global*. Lisboa, Editorial Presença, 1989, p. 15.

Na pintura verifica-se que os vários criadores, foram assumindo cada vez mais posições marcadamente individualistas. Ressalvando-se as grandes diferenças de estilo que há entre os pintores, podemos destacar Caravaggio, Carracci, El Greco, Rubens, Velázquez, Rembrandt, Zurbarán, Vermeer entre outros.

Em relação à arquitectura verifica-se que os edifícios são planeados para produzirem efeitos de sumptuosidade. É precisamente na arquitectura, e de um modo geral na arte do século XVII que podemos observar uma das maiores contradições, estando a época repleta delas. Devemos destacar o arquitecto e escultor italiano Bernini, responsável pelo replaneamento da praça de São Pedro, no Vaticano, e pelas várias praças e fontes de Roma que, ainda hoje, dão um ar Barroco à cidade.

De forma resumida partilhamos a opinião de Maria de Lourdes Belchior, que concebe o Barroco como

«fruto de uma atitude espiritual complexa, carregada de elementos renascentistas, evoluídos ou alterados, atitude que leva o homem a exprimir-se, na pintura, na arquitectura, na poesia, na oratória e na vida, segundo um modo *sui-generis*. Este concretiza-se, na literatura, campo que sobremaneira nos interessa, por uma rebusca da perfeição formal, uma aventura da arte pela arte. Na prosa de Seiscentos, os períodos articulam-se em paralelismos e simetrias, em fracções sabiamente bimembres ou trimembres, em antíteses e, requintadamente, em disposições segundo os chamados processos disseminativos e recolectivos, tão típicos da prosa dita barroca. É o que acontece com Vieira, com Bernardes, com Frei António das Chagas, etc. E entramos já na ideação de um panorama barroco literário português».<sup>47</sup>

## II.2. O Estilo dinâmico de Vieira

O Padre António Vieira é, sob o ponto de vista literário, uma personalidade inconfundível e rara, um expoente máximo do Barroco Português. Os sermões deste jesuíta conhecem todas as belezas do estilo oratório.

Segundo Mário Gonçalves Viana,

«os sermões que pronunciou, e depois reuniu, constituem o testemunho eloquentíssimo do seu génio omnímodo. Estes podem adoptar um carácter político e diplomático, missionário e religioso, apologético e social, literário e panegírico. O grande orador versou

---

<sup>47</sup> BELCHIOR, Maria de Lourdes, *Os Homens e os Livros – Séculos XVI e XVI*. Lisboa, Verbo, 1971, p. 112.

neles não apenas religião, moral e teologia: comentou provérbios, dissertou sobre finanças e política, discutiu problemas científicos, filosóficos e sociais. Foi, em suma, psicólogo, crítico e ensaísta. Até mesmo a ironia soube ele manejar com arte superior e com notável elegância».<sup>48</sup>

Vieira usava, para cada assunto, uma linguagem própria, ora singela, ora grandiosa. O tema acerca do qual falava é que constituía, para ele, a medida e categoria do estilo. Dentro do mesmo sermão, a sua eloquência variava de harmonia com as normas impostas pelas regras oratórias e pelas conveniências da arte.

Por vezes, maneja o paradoxo, todavia fá-lo com tanta arte, argumenta com tal argúcia e inteligência que o mesmo paradoxo se torna sedutor. Os trocadilhos gongóricos e o jogo de ideias a que o orador recorre aqui e ali não dificultam o estilo. Vieira é talvez o escritor barroco que se lê com mais facilidade e simpatia, precisamente por ser natural e humano, apesar de certas imagens audaciosas que, por vezes, afloram numa admirável conexão lógica. É notável o rigor e exactidão com que emprega os termos, dando-lhes o significado conveniente e mais harmónico com o género de língua.

Vieira é um pregador que impressiona «pela cadência majestosa dos seus períodos, pelos ditos picantes e mordazes, pelas metáforas originais e sempre apropriadas, pelas transições imprevistas e surpreendentes, pelo vigor incisivo das suas polémicas, pela força plástica da sua linguagem e pelo poder imaginativo do seu espírito.»<sup>49</sup>

Mário Gonçalves Viana acrescenta no seu ensaio:

«A prosa do egrégio jesuíta era límpida e harmoniosa: sabia concitar a piedade, o espanto e a admiração (...) e Pinheiro Chagas, ao estabelecer o juízo crítico de Padre António Vieira, escreve as palavras entusiásticas “Nunca a nossa língua souou mais bela, opulenta, enérgica e majestosa do que na boca deste eminente orador”».<sup>50</sup>

Passando agora mais especificamente para os seus sermões, deve ter-se em conta na sua análise o facto de, na maior parte dos casos, se desconhecer a forma como eles foram pronunciados. Alguns dos textos que hoje conhecemos certamente não os reproduzem tal como foram proferidos em público. Em muitas ocasiões, Vieira

---

<sup>48</sup> VIANA, Mário Gonçalves, *Padre António Vieira – Antologia de Sermões*. Porto, Editora Educação Nacional, 1947, p. 9.

<sup>49</sup> BESSELAAR, José van den, *António Vieira: o homem, a obra, as ideias*. 1ª Edição, Lisboa, Biblioteca Breve, 1981, p. 98.

<sup>50</sup> VIANA, Mário Gonçalves, *Padre António Vieira – Antologia de Sermões*. Porto, Editora Educação Nacional, 1947, p. 11.

limitava-se a improvisar total ou parcialmente o seu discurso. A edição *princeps*, organizada pelo autor, reflecte, no dizer de Raymond Cantel, o pensamento e o estilo do jesuíta na última fase da sua vida.

Mesmo assim, uma das questões mais interessantes da obra vieiriana é a forma como se conciliam os hábitos de escola que informavam a mentalidade peninsular do século e a individualidade e o virtuosismo do escritor. De facto, a oratória sagrada não pôde ficar impune ao ambiente literário que sucedeu ao Renascimento. A influência gongórica do cultismo (jogos de palavras, imagens e construções) e do conceptismo (jogos de conceitos, ou seja, um engenhoso e “agudo” jogo mental de explicitar ou desempenhar o inesgotável conteúdo de um conceito, processo em que há um constante saltar da ideia para a palavra, do significado para o significante, da realidade para o símbolo e do sentido próprio para a metáfora) complexificou a arte de pregar.

Diversos críticos têm defendido que a prosa vieiriana seria inegavelmente conceptista pelo processo mental empregue no discurso, mas revelaria alguma simplicidade clássica devido à clareza da sua expressão. Talvez para este juízo tenham contribuído as palavras do próprio sacerdote no *Prólogo ao leitor*:

«Se gostas da affectação das palavras e do estilo que chamam culto, não me leias. Quando este estilo mais florescia, nasceram as primeiras verduras do meu (que perdoarás quando as encontrares), mas valeu-me tanto sempre a clareza que só porque me entendiam comecei a ser ouvido, e o começaram também a ser os que reconheciam o seu engano e não se entendiam a si mesmos.»<sup>51</sup>

As ideias de Vieira sobre o estilo encontram-se, por vezes, dispersas no conjunto da sua obra. Mas, num dos seus sermões, o *Sermão da Sexagésima*, pronunciado na Capela Real em 1655, o orador precisa as suas concepções essenciais sobre a eloquência sagrada e aproveita para abordar o problema do estilo.

Vieira, para quem o sermão foi sempre um verdadeiro combate, queria que as palavras pronunciadas no púlpito fossem eficazes. Para isso, uma condição era indispensável: ser compreendido.

---

<sup>51</sup> VIEIRA, Padre António, *Obras Completas do Padre António Vieira*. Vol. I, Porto, Lello & Irmão, 1993, p. 62.

Ele pretendia que a voz do orador sacro soasse como um trovão<sup>52</sup>. As suas ideias, expostas no *Sermão da Sexagésima*, constituem o essencial da sua doutrina sobre o estilo de eloquência religiosa. São idênticas às suas as concepções que ele defende.

Neste sermão, é ainda preconizada a simplicidade estilística:

«Há-de tomar o pregador uma só matéria, há-de defini-la para que se conheça, há-de dividi-la para que se distinga, há-de prová-la com a escritura, há-de declará-la com a razão, há-de confirmá-la com o exemplo, há-de amplificá-la com as causas, com os efeitos, com as circunstâncias, com as conveniências que se hão-de seguir, com os inconvenientes que se devem evitar; há-de responder às dúvidas, há-de satisfazer as dificuldades, há-de impugnar e refutar com toda a força e eloquência os argumentos contrários, e depois disto há-de colher, há-de apertar, há-de concluir, há-de persuadir, há-de acabar. Isto é sermão, isto é pregar, e o que não é isto é falar de mais alto.»<sup>53</sup>

Para Aníbal Pinto de Castro<sup>54</sup>, estas são as regras fundamentais do «*método português de pregar*».

Na sua essência, não se afasta muito da estrutura proposta pela retórica vigente: em primeiro lugar surgia em latim o «tema», ou seja, a passagem evangélica a partir da qual se iria construir todo o discurso; seguia-se o «intróito» / exórdio e proposição onde eram expostas as ideias fundamentais a serem defendidas; em seguida, vem o pedido de auxílio, geralmente à Virgem, o que constitui a «invocação»; logo depois aparece o «argumento» / descrição e narração, isto é, a parte principal do sermão. Aqui, o pensamento vai desdobrar-se progressivamente, apoiando-se em «autoridades» / confirmação, constituídas por lugares comuns, casos bíblicos, alegorias, sentenças de Santos Padres, etc.; finalmente, na «peroração», retiram-se as lições morais de tudo o que foi dito e incitam-se os fiéis a pô-las em prática: é o local onde se deveria colocar a conclusão e insistir na persuasão.

A dinâmica argumentativa e persuasiva é reforçada pelas paixões do orador. Estas facilitam a transformação das predisposições e querereres do auditório. Esse poder

---

<sup>52</sup> CANTEL, Raymond, *Les Sermons de Vieira - Étude du style*. Paris, Editiones Hispano-Americanas, 1959, p. 40.

<sup>53</sup> VIEIRA, Padre António, *Obras Completas do Padre António Vieira*. Vol. I, Porto, Lello & Irmão, 1993, p. 90.

<sup>54</sup> CASTRO, Aníbal Pinto de, *Retórica e Teorização Literária em Portugal – Do Humanismo ao Neoclassicismo*. Coimbra, Centro de Estudos Românicos, 1973.

de transformar exerce-se a dois níveis: ao nível da pessoa e dos costumes do orador, do seu *ethos*, e ao nível dos destinatários do discurso, isto é, do *pathos*.<sup>55</sup>

Todo o sermão era metodicamente preparado e seguia as linhas da retórica. Antes de ser proferido havia um longo trabalho por detrás, como podemos verificar no quadro que se segue:

PARTE	OBJECTIVOS
1. <i>Inventio</i> (invenção)	Procura-se o tema do sermão.
2. <i>Dispositio</i> (disposição)	Faz-se um plano no qual as ideias apareçam bem estruturadas.
3. <i>Elocutio</i> (elocução)	Com base no esquema anteriormente elaborado compõe-se o discurso.
4. <i>Memoratio</i> (memorização)	Memoriza-se o discurso tendo sempre em mente o plano traçado na <i>Dispositio</i> .
5. <i>Pronuntiatio</i> (pronúncia)	Apresentação (exposição). Esta inclui não só a voz como os movimentos adequados ao tema a tratar.

Aquando da *invenção* procede-se à tarefa de descobrir e organizar os temas e as provas, elementos nucleares para a posterior organização do discurso, no caso de Vieira, na organização do sermão. Os temas e provas têm como destino a produção no orador de uma opinião favorável à ideia exposta, criando no auditório a persuasão de que essa é a opinião verdadeira. O juízo favorável dessa opinião depende das razões ou argumentos objectivos escolhidos (estes devem ser baseados na natureza do assunto ou acontecimento que vai ser analisado), depende também do modo como se apresenta o orador, bem como, da arte com que ele influencia e orienta as emoções do auditório. A utilização de argumentos objectivos ajudam o orador a persuadir com maior facilidade o auditório, isto é, mexer com a sua memória e inteligência.

Segundo Vieira são cinco os aspectos a ter em conta no Pregador:

1. Pessoa – «a pessoa que é»
2. Ciência – «a ciência que tem»
3. Matéria – «a matéria que trata»
4. Estilo – «o estilo que segue»
5. Voz – «a voz com que fala»

Estas partes correspondem, por sua vez, às tradicionais divisões dos tratados de retórica: a invenção e a disposição integravam a matéria e a sua divisão, o estilo dizia

<sup>55</sup> Sobre estes aspectos e outros relacionados veja-se a Tese de Doutoramento de Margarida Vieira Mendes: *A Oratória Barroca de Vieira*. Lisboa, Editorial Caminho, 1989.

respeito à elocução, a memória tratava da ciência e a pronúncia incluía a voz. Este método descrito por Vieira no *Sermão da Sexagésima*, é segundo Aníbal Pinto Castro «o método português de pregar»<sup>56</sup>.

A adaptação do pregador ao seu auditório e o respeito devido à palavra divina exigem, como recomendam os tratadistas da eloquência sagrada, uma criteriosa escolha de ideias (*inventio*) e de estilo (*elocutio*). Vieira, no *Sermão da Sexagésima*, insiste como já vimos neste ponto, e a decadência a que a oratória sacra chegara e chegará pelos abusos dos pregadores seiscentistas portugueses é denunciada sem reboço por Verney.

Os tratados de retórica, utilizados em Portugal nos séculos XVI e XVII para o ensino das “humanidades” nas escolas jesuítas e na preparação dos pregadores, realçam a importância da *dispositio* e expõem com suficiente relevo a *elocutio*. Além disso, acolhem na *inventio*, com certo recorte, os lugares comuns. Abria-se assim o caminho para a fixação de um processo que o estudo e a prática conduziram ao despontar dos conceitos predicáveis e recurso às sentenças agudas, tão influentes na caracterização e desenvolvimento de um estilo oratório sob o signo da estética barroca.

A visão de um Vieira conceptista e não cultista parte, evidentemente, da distinção dicotômica dos dois conceitos. Vieira, tanto no *Sermão da Sexagésima* como no *Prólogo ao leitor*, limita-se a condenar o cultismo, e acrescenta que para combater a moda do estilo culto, o pregador serve-se, precisamente de argumentos conceptistas. Logo, é falsa a imagem que se tem dado de um Vieira que acaba por cair num estilo que, à partida, ele próprio condena. Mesmo J. Besselaar afirma que

«Vieira é um autor barroco. O ornamental viceja nele, às vezes, em detrimento do funcional. As partes são tão coloridas e atraentes que, frequentemente, distraem a nossa atenção do todo. Formigam as antíteses, paradoxos e hipérboles. Apesar de todas essas características bem barrocas, António Vieira não pode ser considerado como «cultista», isto é, não artificializa as palavras. Exprime-se quase sempre em termos claros e bem inteligíveis, ainda que muitas vezes siga o caminho de um raciocínio sinuoso. Tem o dom de escolher o termo justo e apropriado.»<sup>57</sup>

<sup>56</sup> Na abordagem que faz ao sermão da Sexagésima, o Professor Aníbal Pinto de Castro indica cinco circunstâncias que deviam ocorrer no pregador: a pessoa, a ciência, a matéria, o estilo e a voz. As duas primeiras podem facilmente relacionar-se com a invenção; a terceira toma o lugar da disposição habitual dos manuais escolares; o estilo corresponde à elocução e a voz à pronúncia. Cf. CASTRO, Aníbal Pinto de, *Retórica e Teorização Literária em Portugal - Do Humanismo ao Neoclassicismo*. Coimbra, Centro de Estudos Românicos, 1973, p. 95-96.

<sup>57</sup> BESSELAAR, José van den, *António Vieira: o homem, a obra, as ideias*. 1ª Edição, Lisboa, Biblioteca Breve, 1981, p.99.

Vieira não artificializou tanto as palavras, quanto artificializou os conceitos. Pode-se assim considerar a obra deste orador como um exemplo do melhor “barroquismo conceptista”<sup>58</sup> evidente no uso do “conceito predicável” de cada um dos seus sermões, de acordo com as exigências do calendário litúrgico, na maioria das vezes extraído de colecções de lugares comuns (listas intermináveis de passos das escrituras e dos Doutores da Igreja). António Vieira considerou o texto bíblico, na sua totalidade, como inspirado por Deus, não só sob o ponto de vista ideológico mas também na sua forma e até mesmo nos mais ínfimos detalhes. Palavras, letras, pontuação, nada lhe é indiferente e pode ser considerado irrelevante.

O “conceito predicável” era destacado do corpo do texto, para posteriormente desempenhar, a partir dele, um processo conceptista, também alegórico, à boa maneira medieval. Desenvolver um “conceito predicável” pode transformar-se, pois, numa acção quase inesgotável, visto que todas as coisas são susceptíveis de significar. A função suprema do orador será assim, usar da sua inteligência – da sua agudeza – para evidenciar esse mundo misterioso e encontrar as correspondências entre as verdades bíblicas e as verdades mais comezinhas (morais, políticas, religiosas) que rodeiam o comum dos mortais. Se por vezes as analogias encontradas advêm de um raciocínio lógico, fundado nas regras do bom senso, outras são como afirma José van den Besselaar, autênticas «acrobacias mentais com que os escolásticos do século XVII se deleitavam»<sup>59</sup>. Por exemplo, se a língua dos Índios do Maranhão não pressupõe os sons correspondentes às letras R, L e F, isso significa que eles não têm nem Rei, nem Lei, nem Fé.

Pretendem alguns críticos, negar sumariamente o carácter cultista da prosa de Vieira; outros porém, afirmam não ter o autor escapado à sedução do estilo culto. Para corroborarem a sua afirmação, estes últimos exemplificam com inúmeras passagens da prosa vieiriana. Uma das mais conhecidas é o famigerado exemplo tirado do próprio *Sermão da Sexagésima*: «... Ah! Pregadores! Os de cá, achar-vos-eis com mais paço; os de lá, com mais passos.»<sup>60</sup>

---

<sup>58</sup> Aquilo que José van den Besselaar define como “ símbolo erudito e até livresco”, (BESSELAAR, José van den, *António Vieira: o homem, a obra, as ideias*. 1ª Edição, Lisboa, Biblioteca Breve, 1981. p. 100.)

<sup>59</sup> BESSELAAR, José van den, *António Vieira: o Homem, a Obra, as Ideias*. 1ª Edição, Lisboa, Biblioteca Breve, 1981, p. 101.

<sup>60</sup> VIEIRA, Padre António, *Obras Completas do Padre António Vieira*. Vol. I, Porto, Lello & Irmão, 1993, p. 72.

As modernas teorias do Barroco têm vindo, porém, a pôr em causa esta divergência que parte, como vimos, da dicotomia cultismo/conceptismo, que em si é excessiva e apenas pedagógica.

Margarida Vieira Mendes, apoiando-se na obra de Gracián, *Agudeza Y Arte de Ingenio* (1642), admite que esta distinção não existia no século XVII, nem pode existir actualmente, referindo

«que a “agudeza”(…) só se tornava visível e crível quando na própria estrutura frásica e vocabular as mesmas relações aparecem como que em espelho. Passa a haver um isomorfismo, ou seja, à forma ou organização dos conceitos corresponde a forma, a organização das palavras e das frases. (...) A linguagem não está lá para transportar as ideias, está lá para as tornar visíveis, imitando-lhes a configuração, como um seu simulacro material. Há portanto um vaivém permanente entre a lógica mental e a lógica que preside à estruturação linguística.»<sup>61</sup>

A análise a que Raymond Cantel sujeita os processos estilísticos da prosa de Vieira evidencia muitos dos traços característicos do Barroco em geral, mau grado o esforço desenvolvido por este último para não empregar tal palavra.

Desta forma, julgamos que não se pode negar ao Padre António Vieira o ser considerado um pregador barroco por excelência. No entanto, deve referir-se que foram raras as vezes que este permitiu que todos os processos, formais e conceituais, a que recorreu, comprometessem a simplicidade e a clareza do seu discurso.

Tal como refere Maria das Graças,

«é visível, por exemplo, o desejo de provocar a surpresa e o espanto. Por um jogo associativo e analógico, Vieira cria sucessivas dificuldades para depois, progressiva e triunfalmente, as resolver. E em todo este processo, extraordinariamente dinâmico, o escritor usa uma variedade imensa de esquemas lexicais e frásicos. (...) Tal como as exclamações, os paradoxos, as antíteses, as apóstrofes, os exageros, as gradações (ascendentes ou descendentes), constantes perguntas e respostas transportam propositadamente para o discurso toda uma carga afectiva. O carácter imprevisível das metáforas, as transições bruscas e surpreendentes contribuem ainda para essa função obrigatória de qualquer discurso oratório: o *delectare* (deleitar). Todavia, é interessante notar como, na maior parte das vezes o *delectare* se sujeita às duas outras funções oratórias: o *movere* (influenciar o comportamento do auditório) e o *docere* (ensinar)».<sup>62</sup>

<sup>61</sup> MENDES, Margarida Vieira Mendes, in SEIXO, Maria Alzira (Coord.), *Sermão de Santo António (aos peixes) e Sermão da Sexagésima do Padre António Vieira*. Lisboa, Seara Nova, 1978, p. 41-42.

<sup>62</sup> VIEIRA, Padre António, *Sermões escolhidos*. 4ª Edição, Lisboa, Biblioteca Ulisseia de Autores Portugueses, 1999, p. 32. Também João Francisco Marques refere acerca deste assunto: «A divisão do sermão em tema, proposição, exórdio, exposição, confirmação e peroração, oriunda da interpretação

Sobre estas funções falaremos posteriormente, aquando da análise do *Sermão de Santo António (aos peixes)*.

Os sermões de Vieira apresentam um discurso de assunto religioso e moral. Estes destinam-se a inculcar o conhecimento das verdades da fé e a mover as vontades, para que os comportamentos e opções de vida do auditório correspondam à opinião do orador.

Não esqueçamos, com efeito, que embora os sermões tivessem sido aperfeiçoados com vista à sua publicação, foram compostos para serem ouvidos; por isso, usam um ritmo auditivo, em que muitas vezes os conceitos mais importantes são acentuados, quer pela repetição quer pelo contraste surpreendente. O seu poder de convicção resulta, também, da força lógica da argumentação. A oratória vieiriana, a par da originalidade própria do génio do orador, segue muito de perto as famosas regras oratórias definitivamente sistematizadas por Quintiliano. De facto, e como já provámos anteriormente, o plano do sermão corresponde sempre, de modo geral, ao plano clássico constituído por um **exórdio** (em que geralmente termina com uma breve oração invocando a Virgem), **desenvolvimento** (que se subdivide em argumentação, demonstração e confirmação) e **peroração** ou conclusão<sup>63</sup>.

O seu discurso oratório mostra uma identidade notável de categorias lógicas, retóricas e estéticas. Assim, reconhecemos a presença insistente do tipo de raciocínio silogístico, de forma que se pode por vezes reduzir o conteúdo essencial de um sermão a um verdadeiro silogismo.

---

quinhentista dos esquemas retóricos da antiguidade – cujos géneros tradicionais seguidos eram o demonstrativo, o deliberativo e o judicial -, serviu de estrutura básica à parenética peninsular ao longo de todo o século XVII e grande parte do seguinte. Transformando-se num sucedâneo do teatro, para o que contribuía a tendência peninsular para as formas exteriores do culto, a pregação vai gradualmente desviar a prioridade do docere para o delectare. O esquema ideal de Vieira, voltado para uma simplicidade de processos retóricos e pureza dos objectivos, que deviam impregnar a parenética, e exposto no «Sermão da Sexagésima», acaba ele mesmo por trair o gosto da época. Isso se nota especialmente no relevo concedido ao conceito predicável e na importância dada à amplificação baseada no recurso aos “lugares comuns”, causas, efeitos e circunstâncias, embora não se afaste ainda de um equilíbrio harmonioso do discurso.”» Cf. MARQUES, João Francisco, *A Parenética Portuguesa e a Restauração 1640 – 1668*. Porto, INIC, 1989, p. 20-21.

<sup>63</sup> João Francisco Marques acrescenta: «As perorações eram, de facto, a parte do sermão que oferecia melhor oportunidade para uma referência a esta crença futura. Os pregadores convidavam à prece pelo que mais ardentemente se desejava no imediato e pelo que se considerava como suprema aspiração. Se a graça da salvação eterna num formalismo, por imperativo de uma religiosidade voltada para esse objectivo último da vida espiritual, a conversão do mundo podia unir-se-lhe no mesmo voto.» Cf. MARQUES, João Francisco, *A Parenética Portuguesa e a Restauração 1640 – 1668*. Porto, INIC, 1989, p. 168-169.

Além disso, nos seus sermões verifica-se também o uso de construções paralelas ou antagónicas, anáforas, repetições e uma imensa metamorfização de cariz barroco (o teatro, o espelho, analogias e símiles cósmicos, etc.); observância do ritmo oratório, por vezes interrompido a fim de surpreender pelo inesperado; adjectivação dinâmica, isto é gradativa; graduação das enumerações e acumulação quer de nomes, quer de verbos.

Ao longo dos sermões que vão ser analisados, Vieira obedece normalmente às regras da retórica eclesiástica<sup>64</sup>; a variedade, que neles podemos encontrar, mais não é do que aquela que estava já contemplada nos manuais. Gostaríamos de precisar que estes sermões a ser analisados não podem ser considerados o modelo de todos os outros; pelo contrário, as circunstâncias da pregação e a acomodação a outras festas litúrgicas levam-no a respeitar as estruturas previamente definidas.

Segundo João Francisco Marques: «A pregação é um acto de comunicação social – e é-o em função do destinatário. Quem prega, é suposto ser ouvido e entendido (...) a pregação ligada à eloquência como arte da palavra que visa persuadir o ânimo alheio pela força do dizer (...) objecto de uma retórica eclesiástica.»<sup>65</sup> Assim, Vieira escolhia o subgénero adequado e orientava-se pelas regras indicadas na retórica eclesiástica. Ao aplicá-las, visava alcançar aquele grau de eloquência que, no tempo, o auditório minimamente culto exigia: o sermão teria que ser tão convincente como instrutivo.

A produção sermonística de Vieira integrava-se assim no gosto artístico coevo, dando voz a um discurso político da Restauração como instrumento de uma actuação imediata, patriótica, mas não depurada de ambiguidades, e que pressupõe na sua análise uma metodologia que, embora mantendo-se no plano histórico, deve considerar a perspectiva linguístico-estilística, dentro da estrutura do sermão e do «modo português de pregar».

---

<sup>64</sup> «Uma vez escolhida a matéria, cabia defini-la para que os ouvintes a conhecessem; dividi-la, para a tornar distinta; prová-la através textos da Escritura e deduzi-la por meio do raciocínio; para a confirmar dispunha dos exemplos; a amplificação obtinha-se pelo recurso às causas, efeitos, circunstâncias e conveniências mais adequadas ao assunto; seguia-se a confutação das dúvidas ou dificuldades suscitadas, mesmo em hipótese, no espírito dos ouvintes. Com estas recomendações estabeleciam-se todas as partes em que os manuais dividiam a disposição: o exórdio, a narração a confirmação, a confutação e a peroração.» CASTRO, Aníbal Pinto de, *Retórica e Teorização Literária em Portugal*, p. 97.

<sup>65</sup> MARQUES, João Francisco, *A Parenética Portuguesa e a Restauração 1640 – 1668*. Porto, INIC, 1989, p. 8.

A defesa de causas legítimas de desprotegidos e de valores ameaçados levou a gente da igreja a manter-se, não raro, com coragem e nobreza, atalhando tragédias e insuflando esperanças perdidas, como na época histórica da Restauração.

Resta-nos apenas referir que os autores barrocos, tal como Vieira, partilham de preocupações com a transitoriedade da vida, o inesperado da morte, a preocupação com o acidental (com perdas totais de fazendas e vidas), por exemplo, a assoladora violência da peste, fome e guerra, o espectáculo contínuo da doença e do sofrimento.

Os homens de seiscentos estavam preparados para escutarem uma pregação moralizadora que lhes falasse da necessidade das boas obras, da consciência em paz, da erradicação das inimizades, das devoções piedosas, do comportamento honesto, do temor do castigo divino, da vacuidade dos bens terrenos, da prática da caridade cristã que fosse exemplar para o mundo e meritória para o Céu. Discurso, este, do desengano e da conversão, ideologicamente medievo no seu pessimismo, prolongamento desvirtuado de uma renascença faustosa, sensorial e estética – e tecido por agudezas tão próprias do conteúdo e expressão barrocos.



## Capítulo III

### A visão do *Outro* no sermão de Vieira

#### III.1. A definição de identidade nacional: *Sermão de Santo António (aos peixes)*

Para abordarmos o tema da alteridade, teremos necessariamente de reflectir um pouco sobre a identidade nacional. Se quando se deu início às descobertas, os Portugueses estavam certos da sua superioridade, com os contactos mais prolongados com os povos dispersos no Império, mais Portugal relativizava o seu papel no mundo. Além disso, a conquista filipina também converteu Portugal em colónia, fazendo-o sentir na pele as injustiças da dominação e os silêncios forçados.

A esses factos de teor político e cultural vêm juntar-se a acção dos jesuítas que, através das convicções fundas dos participantes na Companhia, acreditavam profundamente na fé cristã e no seu poder redentor. Por isso, os países cristãos são agora observados nos seus verdadeiros princípios religiosos e muitos dos padres que foram fazer trabalho de evangelização nas diversas partes do Império começam por desejar a mudança moral nos próprios Portugueses, o que só iria dignificar a sua função como conquistadores.

De todos os sermões de Vieira em que é mais visível esta tentativa de corrigir os comportamentos da colonização portuguesa, destaca-se o *Sermão de Santo António (aos peixes)* onde a violência do discurso atinge, por vezes, momentos de exasperação. Por isso, iremos tratar desse mesmo sermão que vamos abordar como um texto exemplificativo das relações de Vieira com os colonos do Maranhão nas décadas de seiscentos e de um modo geral dos Jesuítas com os Portugueses que representavam, nessa altura, uma identidade nacional que esquecera as virtudes cristãs mais básicas.

Em 1640, quando o jesuíta Padre António Vieira escreveu o *Sermão de Santo António (aos peixes)* tinha 46 anos. Idade madura, sazoadada, feita de experiência já adquirida: o jesuíta impregnado de três intensas décadas de espírito e práticas inacianas,

que o habituaram ao discurso interrogativo tão próprio da oratória; tornara-se também o padre missionário possuído pela entrega à demanda da salvação das almas.

Parece-nos pertinente salientar alguns aspectos da acção do próprio Santo António, antes de se prosseguir com a análise do sermão da autoria de Padre António Vieira.

Santo António (Lisboa, 1191<sup>66</sup> - Pádua, 13 de Junho de 1231), de nome de baptismo Fernando de Bulhões Y Taveira de Azevedo, também conhecido como Santo António de Pádua, por ter falecido nessa cidade italiana, era oriundo de uma família que pertencia à nobreza portuguesa. A devoção ao santo português, advogado das coisas perdidas e milagreiro, era já conhecida politicamente na parenética da dominação filipina (P. António Vieira, em 1638, na Baía).

Santo António foi um pregador franciscano, culto e apaixonado, que dedicou a sua vida ao serviço de Deus, demonstrando também grande devoção a Maria. Como era sobretudo conhecido pela sua devoção aos pobres, foi considerado seu padroeiro. Possuía grandes capacidades oratórias (ciência, eloquência, poder de persuasão, desejo pelo bem das almas, voz sonora e bem timbrada) e vasto conhecimento exegético; tinha uma fala simples, que comovia todos, o que justificaria a sua habilidade na conversão dos heréticos, dado que pregava nos lugares onde a heresia era mais forte segundo a tradição. O combate à heresia era feito não apenas pela pregação, mas também por meio de milagres espantosos. Por isso, Santo António é muitas vezes apelidado de “Martelo dos hereges” porque a heresia não teve inimigo mais formidável. A sua mais antiga biografia, conhecida pelo nome de *Assídua*, relata-nos:

«Dia e noite tinha discussões com os hereges; expunha-lhes com grande clareza o dogma católico; refutava vitoriosamente os preceitos deles, revelando em tudo ciência admirável e força suave de persuasão que penetrava a alma dos seus contrários.»<sup>67</sup>

A sua taumaturgia revela especialmente três grandes milagres ainda em vida, dos quais apenas iremos referir o primeiro milagre, porque relacionado com o nosso trabalho: Santo António a pregar aos peixes. Segundo Carlos Leite Ribeiro,

---

<sup>66</sup> As datas relativas ao nascimento de Santo António, divergem consoante os autores, vejamos: “15 de Agosto de 1195”, “1191 ou 1192”, “13 de Setembro de 1191” e “primeiro século da nossa nacionalidade”.

<sup>67</sup> In: *Catolicismo.com.br*, apud Pio XII, Carta Apostólica de 16 de Janeiro de 1946, apud Pe. José Leite, *Santos de cada dia*, Braga, Editorial A. O., 1987, tomo II, p. 251-252.

«reza a lenda que estando a pregar aos hereges em Rimini, estes não o quiseram escutar e viraram-lhe as costas. Sem desanimar, Santo António vai até à beira da água onde o rio conflui com o mar (costa do Adriático), e insta os peixes a escutá-lo, já que os homens não o querem ouvir, dizendo: “Ouvi a palavra de Deus vós peixes do mar e do rio, já que a não querem escutar os infieis hereges”. Dá-se então o milagre: multidões de peixes aproximam-se com a cabeça fora de água em atitude de escuta. Os hereges terão ficado tão impressionados que logo se converteram».<sup>68</sup>

---

<sup>68</sup> In: <http://www.portalcen.org/revistas/especiais/094.htm> (continua página seguinte).

O relato deste facto também nos é apresentado nos *Fioretti* (antologia de milagres de vários Santos) no sabor original de seu linguajar franciscano. No capítulo 40 do livro, p. 1160ss das Fontes Franciscanas, Ed. Vozes. 1981, vemos o texto:

**«Do milagre que Deus fez quando S. António, estando em Rimini, pregou aos peixes do mar**

Querendo Cristo bendito demonstrar a grande santidade do seu fidelíssimo servo S. António, e como devotamente devia ser ouvida sua pregação e sua doutrina santa, pelos animais irracionais, uma vez entre outras, isto é, pelos peixes, repreendeu a insensatez dos infieis heréticos, como antigamente no Antigo Testamento, pela boca da jumenta, repreendera a ignorância de Balaão.

Pelo que, estando uma vez S. António em Rimini, onde havia grande multidão de heréticos, querendo reduzi-los ao lume da verdadeira fé e ao caminho da verdade, por muitos dias lhes pregou e disputou sobre a fé cristã e a santa Escritura: no entanto eles não consentindo em suas santas palavras, e mesmo como endurecidos e obstinados não querendo ouvi-lo, S. António um dia por divina inspiração dirigiu-se à foz do rio, junto do mar, e estando assim na praia entre o mar e o rio, começou a dizer a modo de prédica, da parte de Deus, aos peixes: "Ouvi a palavra de Deus, vós, peixes do mar e do rio, pois que os infieis heréticos esquivam-se de ouvi-la". E dito que foi, subitamente aproximou-se dele na praia tal multidão de peixes grandes, pequenos e médios, como nunca naquele mar e naquele rio foi vista outra multidão tão grande, e todos tinham a cabeça fora da água e todos estavam atentos para a face de S. António e todos em grandíssima paz e mansuetude e ordem: porque na frente e mais perto da praia estavam os peixinhos menores e atrás deles estavam os peixes médios; depois ainda mais atrás, onde era a água mais profunda, estavam os peixes maiores.

Estando pois em tal ordem e disposição colocados os peixes, S. António começou a pregar solenemente e a dizer assim: "Meus irmãos peixes, muito obrigados estais, segundo a vossa possibilidade, de agradecer ao vosso Criador que vos deu tão nobre elemento para vossa habitação, porque, como for do vosso agrado, tendes água doce e salgada; deu-vos muitos refúgios para fugirdes das tempestades; deu-vos ainda elemento claro e transparente e cibo pelo qual podeis viver. Deus vosso Criador cortês e benigno, quando vos criou, deu-vos como mandamento de crescerdes e multiplicardes, e deu-vos a sua bênção; pois, quando foi do Dilúvio geral, todos os outros animais morrendo, a vós somente Deus conservou sem dano. E ainda vos deu barbatanas para irdes aonde for do vosso agrado.

A vós foi concedido por ordem de Deus conservar Jonas e depois do terceiro dia lançá-lo em terra são e salvo. Oferecestes o censo a Nosso Senhor Jesus Cristo, o qual como pobrezinho não tinha com que pagar. Depois servistes de alimento ao eterno rei Jesus Cristo antes e depois da ressurreição, por singular mistério. Pelas quais coisas todos muito deveis louvar e bendizer a Deus que vos deu tantos e tais benefícios, mais do que às outras criaturas". A tais e semelhantes palavras e ensinamentos de S. António começaram os peixes a abrir as bocas e inclinar as cabeças e com estes e outros sinais de reverência, segundo o modo que puderam, louvaram a Deus.

Então S. António, vendo tanta reverência dos peixes para com Deus Criador, rejubilando-se em espírito, em alta voz disse: "Bendito seja Deus eterno, porque mais o honram os peixes aquáticos do que os homens heréticos e melhor escutam a sua palavra os animais do que os homens infieis". E tanto S. António mais pregava quanto a multidão dos peixes mais crescia e nenhum se partia do lugar que ocupara. A este milagre começou a acorrer o povo da cidade, vieram mesmo os sobreditos heréticos. Os quais, vendo milagre tão maravilhoso e manifesto, compungidos em seus corações, todos se lançaram aos pés de S. António para ouvir-lhe a prédica.

Então S. António começou a pregar sobre a fé católica, e tão nobremente pregou, que todos aqueles hereges converteu e os fez voltar à verdadeira fé cristã; e todos os fiéis ficaram com grandíssima alegria confortados e fortificados na fé. E feito isto S. António despediu os peixes com a bênção de Deus e todos se partiram com maravilhosos actos de alegria e do mesmo modo o povo.

Pelo relato que apresentámos não é difícil de perceber a constante identificação de Padre António Vieira com o Santo, tanto que o milagre que referimos anteriormente é objecto do sermão de Padre António Vieira que vamos analisar de seguida, considerado uma das grandes obras-primas da Literatura Portuguesa. Aliás, é de salientar, que Vieira possui as mesmas qualidades de pregador que o Santo supracitado e utiliza a referência ao milagre de Santo António como uma imagem, pois este milagre está conotado como uma lenda relativamente popular.

Passemos agora para a análise propriamente dita do *Sermão de Santo António (aos peixes)* pregado por Padre António Vieira.

A 13 de Junho de 1654 (comemoração do dia de Santo António), Vieira prega um sermão aos peixes [*Sermão de Santo António (aos Peixes)*], já que os homens (colonos) não querem aproveitar a doutrina clara, sólida e verdadeira que o pregador muitas vezes lhes apresentou. Dirigindo-se então aos peixes, Vieira louva-lhes virtudes e censura-lhes vícios, sobretudo o facto de se comerem uns aos outros.

«A primeira coisa que me desedifica, peixes, de vós, é que vos comeis uns aos outros. (...) E para que vejais como estes comidos na terra são os pequenos e pelos mesmos modos com que vós comeis no mar, ouvi a Deus queixando-se deste pecado: “cuidais que não há de vir tempo em que conheçam e paguem o seu merecido aqueles que cometem a maldade?” [*Salmo*, 13, 4]. E que maldade é esta, à qual Deus singularmente chama maldade, como se não houvera outra no mundo? E quem são aqueles que a cometem? (...)»<sup>69</sup>

Em causa estava ainda a defesa dos índios do Brasil. A lei que regulava as liberdades e as restrições desse povo revelava-se inútil, enquanto não fosse evitada a intervenção civil na sua cristianização. O autor procura, pois, obter a assinatura de todos os principais da cidade de S. Luís para uma representação a dirigir ao Rei. A reacção indignada dos colonos não tardou a fazer-se sentir. Como resposta, Vieira constrói este sermão, onde ataca e condena a acção destes últimos, que agiam de forma contrária à sua política missionária. Todo o texto se desenvolve então como uma alegoria amplamente demonstrativa do poder imaginativo e satírico do pregador: a simbolizar as fraquezas dos colonos, surgem-nos os «peixes graúdos que comem os pequenos» - o

---

E depois S. António esteve em Rímini por muitos dias pregando e fazendo muito fruto espiritual de almas.

Em louvor de Cristo. Amen.»

<sup>69</sup> VIEIRA, Padre António, *Sermões escolhidos*. 4ª Edição, Lisboa, Biblioteca Ulisseia de Autores Portugueses, 1999, p. 87-89.

roncador (o orgulhoso), o voador (o ambicioso), o pegador (o parasita) e o polvo (o traidor). Com pequenos quadros pitorescos, toca igualmente os seus adversários que condena e os da sua causa da liberdade que defendia.

Tal como refere José Noronha<sup>70</sup>, Vieira colocou uma anotação a este sermão. É a seguinte: «*Este Sermão (que todo é alegórico) pregou o autor três dias antes de se embarcar ocultamente para o Reino, a procurar o remédio da salvação dos índios, pelas causas que se apontam no I Sermão do I Tomo. E nele tocou os pontos de doutrina (posto que perseguida) que mais necessários eram ao bem espiritual e temporal daquela terra, como facilmente se pode entender das mesmas alegorias*».

Alguns aspectos desta anotação devem ser retidos: antes de mais este Sermão «*todo é alegórico*». Apesar de complexa, lembramos que a figura de estilo nomeada, a «alegoria» é a metáfora que é continuada como tropo de pensamento, e consiste na substituição do pensamento em causa, por outro pensamento, a que está ligado, numa relação de semelhança. Depois é apresentada a intenção do nosso pregador «*...embarcar ocultamente para o Reino*»: no sermão temos uma brevíssima referência, na peroração – em que este «ocultamente» é indiciado com o aviso de Vieira: «*E para que vades consolados do Sermão, não sei quando ouvireis outro,...*». Além disso, a indicação da finalidade de Vieira: «*procurar o remédio da salvação dos índios*», «*pelas causas*» já explicadas no *Sermão da Sexagésima* que traduzem os valores como o ensino e a defesa da doutrina necessária ao bem da colónia.

Vieira retaliou contra todos os que ignoraram a sua palavra, nesta surpreendente inspiração de fantasia que é o satírico sermão pregado aos peixes em S. Luís do Maranhão, a 13 de Junho de 1654, véspera da sua partida para Portugal, numa tentativa de regularizar a situação dos índios. Em suma, o sermão é uma crítica ao comportamento dos colonos, ou por outras palavras, uma defesa do índio contra o egoísmo do branco.

No **exórdio** (apresentação do assunto partindo do conceito predicável), Vieira introduz o “conceito predicável” – «*Vos estis sal terrae*». Sem dúvida, que na maioria dos sermões vieirianos, logo no início deparamo-nos com o uso da língua latina utilizada nos conceitos predicáveis, pois esta língua-mãe mantém o seu prestígio desde a Idade Média.

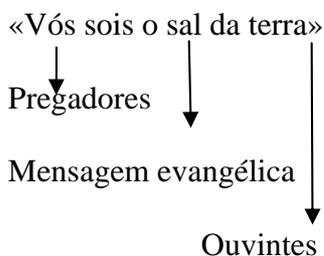
---

<sup>70</sup> NORONHA, José, *Para uma leitura do Sermão de Santo António aos peixes do Padre António Vieira*. Lisboa, Editorial Presença, 1998, p. 60-61.

Segundo Raymond Cantel, em muitos dos seus sermões, Vieira «cita numerosas passagens das escrituras dos Pais Antigos e dos comentadores bíblicos. Todos os seus textos estão em latim e o orador tradu-los a cada momento, depois comenta-os de uma forma geral. Ele repete os termos e as imagens.»<sup>71</sup>

«Vós sois o sal da terra» – este conteúdo considerado como palavra de Cristo, ajuda Vieira a dirigir-se aos pregadores no sentido acomodaticio, pois no sentido literal dirigia-se aos Apóstolos. Verifica-se assim um desvio do texto bíblico, permitido para fins edificantes. Também se pode considerar que Vieira se dirige alegoricamente aos colonos.

Atentemos no esquema seguinte:



O orador compara então os pregadores ao sal da terra, «porque quer que façam na terra o que faz o sal», isto é, «impedir a corrupção». Imediatamente, o orador reverte para a situação vivida no Maranhão com a ajuda da coordenada adversativa: «**mas** quando a terra se vê tão corrupta como está a nossa, havendo tantos nela que têm ofício de sal». É deste aglomerado de pensamentos metafóricos que surge a alegoria bastante envolvente.

Segundo José Noronha, este «impedir a corrupção» é tomado como «um facto adquirido, é um dado adquirido, irrefutável pois. É a base da sua argumentação. Há-de demonstrá-la no decorrer do sermão, sobretudo quando passar em revista os defeitos dos peixes».<sup>72</sup>

Resta saber «Qual será a causa desta corrupção»; isto é, saber porquê a palavra de Deus não evita o pecado e a corrupção, pois os colonos não interiorizam a verdade, a

<sup>71</sup> CANTEL, Raymond, *Les Sermons de Vieira - Étude du style*. Paris, Editions Hispano-Americanas, 1959, p. 64. (Tradução nossa).

<sup>72</sup> NORONHA, José, *Para uma leitura do Sermão de Santo António aos peixes do Padre António Vieira*. Lisboa, Editorial Presença, 1998, p. 63.

palavra que salva. E eis que se verifica uma amplificação da alegoria, através do paralelismo sal/terra; pregadores/ouvintes (factores de corrupção no Maranhão).

«ou porque o sal não salga...»

«...ou porque a terra não se deixa salgar».

«Ou...e os pregadores não pregam a verdadeira doutrina...»

«ou... e os ouvintes, sendo verdadeira a doutrina que lhe dão, a não querem receber».

«Ou... e os pregadores dizem uma coisa e fazem outra...»

«ou... e os ouvintes querem antes imitar o que eles fazem que fazer o que dizem».

«ou... e os pregadores se pregam a si e não a Cristo...»

«ou... e os ouvintes em vez de servir a Cristo servem a seus apetites»

Verifica-se uma alteração no ritmo do discurso com o jogo de simetrias através da estrutura disjuntiva em alternativa, numa referência aos pregadores e ouvintes. Na última simetria, verifica-se também o jogo com o verbo **pregar**, “fixar com pregos” e **pregar** “anunciar a verdade”: os pregadores apegam-se às suas comodidades e apetites e não a Cristo. Ironicamente Vieira apresenta-nos uma conclusão: «Não é tudo isto verdade? Ainda mal.»

Como nos elucida J. Noronha, este pregador «ensina-nos assim a escrever, nós provamos o deleite na leitura e, finalmente, sentimo-nos movidos a agir como ele. Estão assim realizados os objectivos programáticos da eloquência: ensinar («docere»), deleitar («delectare») e mover («movere»)<sup>73</sup>. Mesmo prescindindo do objectivo apostólico que é o inerente ao sermão».<sup>74</sup>

Inicia-se então, por associação, um alargamento do poder retórico da interrogação, tão usada por Vieira: «que se há-de fazer a este sal e que se há-de fazer a esta terra?»; eis a resposta retirada do texto sagrado:

---

<sup>73</sup> Presta-se a necessidade de salientar as três **funções oratórias** presentes neste capítulo: O *delectare* liga-se sobretudo à organização retórica do texto com jogos de palavras e enumerações, com alternância de entoações proporcionadas pela alternância de frases declarativas, interrogativas e exclamativas, gradações, apóstrofes e alegorias. O *movere* prende-se com o desejo de convencer o auditório de que os homens não estão a agir racionalmente e por isso devem mudar (com o confronto de argumentos retirados da bíblia, utilização do imperativo, vocativo e interrogações retóricas). O *docere* tem a ver com toda a informação veiculada no excerto (utilizando citações bíblicas, dados da História natural e a sabedoria popular).

<sup>74</sup> NORONHA, José, *Para uma leitura do Sermão de Santo António aos peixes do Padre António Vieira*. Lisboa, Editorial Presença, 1998, p. 67.

«Se o sal perder a substância e a virtude, e o pregador faltar à doutrina e ao exemplo, o que se lhe há-de fazer, é lançá-lo fora como inútil, para que seja pisado de todos.»

«Assim como não há quem seja mais digno de reverência e de ser posto sobre a cabeça que o pregador que ensina e faz o que deve, assim é merecedor de todo o desprezo e de ser metido debaixo dos pés, o que com a palavra ou com a vida prega o contrário.»

E à terra? «O nosso grande português Santo António», apresenta uma «galharda e gloriosa resolução que nenhum santo tomou». «Que faria neste caso o ânimo generoso do grande António?», o qual oportunamente celebravam naquele dia. No sermão, segue-se um texto de carácter narrativo, com uma tonalidade panegírica, que transforma o pregador num narrador eloquente.

Depois de uma sucessão de interrogativas retóricas, eis que temos a resposta seguida de um conjunto de simetrias:

«Mudou somente o púlpito e o auditório, mas não desistiu da doutrina»  
«deixa as praças» - «vai-se às praias»  
«deixa a terra» - «vai-se ao mar»  
«homens» (colonos)- «peixes»

«Já que me não querem ouvir os homens, ouçam-me os peixes!»

O **jogo de simetrias** aqui apresentado, desenvolve-se como sintáctico, morfológico, vocabular, rítmico e semântico. Assim:

#### Sintáctica

(suj. Sub.) / pred. / c.d. / pred. /c.c.l = (suj. Sub.) / pred. / c.d. / pred. /c.c.l

#### Morfológica

v.tr.3<sup>a</sup>p.sg.pe.ind. / art.f.pl. / sub.pl. // v.intr-refl. / prep+art.f.pl. / sub.pl =

v.tr.3<sup>a</sup>p.sg.pe.ind. / art.f.pl. / sub.pl. // v.intr-refl. / prep+art.f.pl. / sub.pl

Vocabular – através de um idêntico número de vocábulos, diferenciados nos monemas do singular e do plural

Rítmica e Semântica, pela utilização das seguintes figuras de estilo:

*paralelismo* (praças/terra, praias/mar),

*sinédoque* (parte/todo e vice-versa),

*antítese* (deixa-se/vai-se, praças/praias, terra/mar),

*simbolismo e conotação moral* (terra – corrupção, mar – incorrupção),

*paronímia* (praças – praias)

O texto segue-se com interjeições e exclamações, dando uma imagem síntese da alegoria, usando metáforas, gradação categorial e visual e até mesmo realismo:

«Oh! maravilhas do altíssimo! Oh! poderes do que criou o mar e a terra! Começam a ferver as ondas, começam a concorrer os peixes, os grandes, os maiores, os pequenos, e postos todos por sua ordem com as cabeças de fora da água, António pregava e eles ouviam»<sup>75</sup>

Até ao final do exórdio, Vieira justifica a sua pretensão de imitar o Santo, pregando aos peixes, retomando a estrutura alegórica do sermão. O orador demonstra identificar-se com o Santo nas atitudes e pretende que o mesmo se verifique quanto ao resultado dessas mesmas atitudes:

«Santo António foi sal da terra e foi sal do mar. Este é o assunto que eu tinha para tomar hoje. Mas há muitos dias que tenho metido no pensamento que nas festas dos Santos é melhor pregar como eles, que deles. Quanto mais que o são da minha doutrina, qualquer que ele seja, tem tido nesta terra uma fortuna tão parecida à de Santo António em Arimino, que é força segui-la em tudo.»

Verifica-se neste excerto uma comparação das corrupções feitas em Arimino<sup>76</sup> e as do Maranhão.

«Muitas vezes vos tenho pregado nesta igreja, e noutras, de manhã e de tarde, de dia e de noite, sempre com doutrina muito clara, muito sólida, muito verdadeira, e a que mais necessária e importante é a esta terra, para emenda e reforma dos vícios que a corrompem. O fruto que tenho colhido desta doutrina, e se a terra tem tomado o sal, ou se tem tomado dele, vós sabeis, e eu por vós o sinto.»

O excerto anterior apresenta-se em forma de paralelismo e verifica-se uma enumeração e polissíndeto, dando a ideia de continuidade da acção. De salientar, também, a utilização seguida do superlativo absoluto analítico.

O Exórdio conclui-se com um acto volitivo declarado, carregado do uso da ironia. A dimensão alegórica do texto continua:

«Isto suposto, quero hoje, à imitação de Santo António, voltar-me da terra ao mar, e já que os homens se não aproveitam, pregar aos peixes. O mar está tão perto que bem me ouvirão. Os

---

<sup>75</sup> É curioso que se repararmos no excerto que anteriormente demos a conhecer dos “*Fioretti*”, parece que temos aqui uma cópia desse texto. Possivelmente Vieira tinha conhecimento desse mesmo texto.

<sup>76</sup> Arimino é a cidade que no texto dos “*Fioretti*” surge com o nome de Rimini.

demais podem deixar o sermão (ouvintes do Maranhão e todos os homens que se não aproveitam) pois não é para eles.»

Como em todos os seus sermões, e este não é excepção, Vieira, no final do exórdio, apresenta uma invocação à Virgem Maria: «Senhora do mar; e posto que o assunto seja tão desusado, espero que me não falte com uma costumada graça. Avé Maria».

A **exposição**, que tem início no segundo capítulo, é um momento breve do sermão que serve para contextualizar o seu assunto. A partir deste capítulo, até ao final do sermão, todo o texto é uma alegoria, uma vez que o auditório é os peixes-gente.

Podemos verificar que a proposição tem início do segundo capítulo, e irá decorrer até: «E onde há bons, e maus, há que louvar e que reprender.»

O **capítulo II**, inicia-se com uma pergunta retórica «Enfim, que havemos de pregar hoje aos peixes?». Assim temos conhecimento de um novo auditório, desta feita metafórico e paradoxal, do qual o orador afirma «nunca auditório pior», com qualidades: «ouvem e não falam»; e defeitos: «não se convertem».

Vieira utiliza preterição e técnica de sedução no diálogo com os peixes, visto que, no fundo pretendia passar a mensagem aos colonos do Maranhão: «... não falarei do inferno». É triste para um pregador dirigir-se a quem nunca se há-de converter, mas como Vieira afirma, «...esta dor é tão ordinária, já que pelo costume quasi não se sente.»

Através do retorno ao conceito predicável, Vieira apresenta as propriedades das pregações de Santo António, usando paralelismos anafóricos entre as funções do «sal» e o «sermão», do qual se irá desenvolver todo o sermão, assente num sistema binário:

#### **Funções do sal**

- Conservar o são;
- Preservá-lo para que não se corrompa;

#### **Finalidades do Sermão**

- louvar o bem (louvar as virtudes dos peixes / colonos);
- reprender o mal (reprender os vícios dos peixes / colonos);

É através destas finalidades que Vieira se auto-define sob um processo de alteridade em relação aos colonos portugueses.

Pois em todo o lado há bons e maus, o mesmo acontece com os peixes, por isso, há que pôr o sal a funcionar. Vieira, a fim de reafirmar as suas ideias dá exemplos de

provas, sendo uma delas, a do grande doutor da igreja S. Basílio e outra retirada da Bíblia (Mateus, 13.48):

«Não há só que notar, diz o Santo, e que repreender nos peixes, senão também que imitar e louvar».

«Quando Cristo comparou a sua igreja à rede de pescar, *Sagena missae in mare*, diz que os pescadores recolheram os peixes bons e lançaram fora os maus».

Verifica-se nestes trechos, que os peixes são uma representação alegórica do comportamento dos homens; contudo, entre peixes e seres humanos confirma-se uma relação antitética, visto que as virtudes dos peixes são os defeitos dos homens e vice-versa. António Vieira, que aparentemente fala aos peixes, é escutado pelos homens do Maranhão com o objectivo de os fazer repensar as suas opções de vida. Esses colonos começam assim a distanciar-se da visão de uma identidade portuguesa correcta e justa de que o pregador parece ser o porta-voz e o seguidor isolado.

Retomando o sermão, este encontra-se dividido em dois contrastes, o que se verifica na *divisio*, partindo das duas propriedades do sal: o sal que conserva o são quando o pregador louva as virtudes dos peixes, e o sal que preserva a corrupção quando o pregador repreende os vícios dos peixes. Por outras palavras, o sal com quem Vieira se identifica (jesuítas e desfavorecidos) e o sal com quem não se identifica (colonos).

O orador anuncia o assunto que vai tratar, bem como, a sua divisão com base em contrastes:

«Suposto isto, para que procedamos com clareza, dividirei, peixes, o vosso Sermão em dois pontos: no primeiro louvar-vos-ei as vossas virtudes, no segundo repreender-vos-ei os vossos vícios. E desta maneira satisfaremos às obrigações do sal, que melhor vos está ouvi-las vivos, que experimentá-las em mortos.»

Assim, o auditório está na posse do esquema do sermão e dos respectivos objectivos, podendo segui-lo com atenção e interesse.

Partindo sempre do geral para o particular, tanto nos louvores como nas repreensões, Vieira utiliza momentos laudatórios. Louva as virtudes naturais dos peixes, virtudes essas dependentes da vontade de Cristo:

«Começando, pois, pelos vossos louvores, irmãos peixes, bem vos pudera eu dizer que entre todas as criaturas viventes e

sensitivas, vós fostes as primeiras que Deus criou. A vós criou primeiro que as aves do ar, a vós primeiro que os animais da terra e a vós primeiro que ao mesmo homem (...) os primeiros nomeados foram os peixes: Ut praesit piscibus maris et volatilibus caeli, et bestiis, universaeque terrae. Entre todos os animais do Mundo, os peixes são os mais e os peixes os maiores.»

Seguem-se então um conjunto de interrogativas retóricas: «Que comparação têm em número as espécies das aves e as dos animais terrestres com as dos peixes? Que comparação na grandeza o elefante com a baleia?»

«Estes e outros louvores, estas e outras excelências de vossa geração e grandeza vos pudera dizer, **ó peixes**; mas isto **é lá para os homens**, que se deixam levar destas vaidades, e é também para os lugares em que tem lugar a adulação, e não para o púlpito.» (negrito nosso)

Verificamos aqui uma apóstrofe, onde Vieira se dirige indirectamente aos homens do Maranhão.

Segundo António Vieira, os peixes possuem virtudes naturais como: obediência, ordem, quietude e atenção. Estas são as suas qualidades enquanto ouvintes da palavra de Deus. Vejamos:

«a primeira (virtude) que se me oferece aos olhos hoje, é aquela obediência com que, chamados, acudistes todos pela honra de vosso Criador e Senhor, e aquela ordem, quietação e atenção com que ouvistes a palavra de Deus da boca do seu servo António»

No final do excerto anterior, damo-nos conta que Vieira procede a uma identificação com Santo António, através da analogia do nome em comum.

De seguida, apresenta-se uma frase exclamativa acompanhada de interjeição dando-lhe entoação e emotividade: «**Oh!**, grande louvor verdadeiramente para os peixes, e grande afronta e confusão para os homens!»

Novamente, o orador com estatuto de narrador, perante a palavra de Deus, salienta a atitude hostil dos homens para com o Santo, criando a mesma ambiguidade referida anteriormente: o António perseguido é Santo António mas também é um Vieira queixoso dos colonos. Notemos o trecho duplamente aplicável: «perseguindo a António, querendo-o lançar da terra e ainda do Mundo, se pudessem, porque lhes repreendia seus vícios, porque lhes não queria falar à vontade e condescender com seus erros», em confronto com a postura humilde e interessada dos peixes: «acudindo à sua voz, atentos

e suspensos às suas palavras, escutando com silêncio e com sinais de admiração e assenso». As posições invertem-se, procedendo os homens como animais irracionais e os peixes como se fossem dotados de razão. Habitualmente, o orador intercala no discurso as hipóteses, como parêntesis que assinalam a mudança de tom: «(como se tiveram entendimento)».

Segue-se, então, um conjunto de perguntas retóricas seguidas de resposta (zeugma), onde nos deparamos com um jogo de palavras com oposições semânticas (terra/ mar; homens/ peixes; racional / irracional):

«Quem olhasse neste passo para o mar, e para a terra, e visse na terra, os homens tão furiosos e obstinados, e no mar os peixes tão quietos e tão devotos, que havia de dizer? Poderia cuidar, que os peixes irracionais se tinham convertido em homens, e os homens não em peixes, mas em feras». (sublinhado nosso)

O uso do conjuntivo dos verbos “olhar” e “ver” induz o auditório a imaginar a cena, enfatizando uma antítese entre a atitude dos homens e a dos peixes, referida por Vieira num tom de algum sarcasmo.

Este é o típico jogo quiasmático muito usado por Vieira: «mas neste caso, os homens tinham a razão sem uso, e os peixes o uso sem a razão». Tendo em conta as palavras de Noronha, «o que está em primeiro lugar («razão») deixa de ter valor sem o valor daquilo que está em último lugar («uso»); e o que está em último lugar passa, pelo valor que possui, a ser valorizado ocupando o primeiro lugar: o ser humano somente o é pelo uso da razão. É como dizer: usa a tua inteligência se queres ser homem; não a uses, e...!»<sup>77</sup>

O Orador volta a louvar os peixes com o seguinte vocativo: «muito louvor mereceis, peixes, por este respeito e devoção que tivestes aos pregadores da palavra de Deus.» Apresenta-se então, outro trecho narrativo com a intenção de justificar as suas anteriores palavras. Quando Jonas ia num navio, durante uma tempestade, foi atirado ao mar pelos homens para ser comido pelos peixes, mas um destes engoliu-o e foi colocá-lo em Nínive, onde continuou a pregar.

Vieira logo nos demonstra a sua inquietude com as seguintes perguntas retóricas, usando o indicativo para acentuar a realidade do facto: «...e como o trataram

---

<sup>77</sup> NORONHA, José, *Para uma leitura do Sermão de Santo António aos peixes do Padre António Vieira*. Lisboa, Editorial Presença, 1998, p. 75.

os homens, como o trataram os peixes? (...) é possível que os peixes ajudam à salvação dos homens, e os homens lançam ao mar os ministros da salvação?». E apresenta uma apóstrofe como conclusão: «Vede, peixes, e não vos venha vanglória, quanto melhores sois que os homens».

O texto continua com o duplo sentido do termo – sentido moral (sentimento) e físico (vísceras): «os homens tiveram entranhas para deitar Jonas ao mar, e o peixe recolheu nas entranhas a Jonas, para o levar vivo à terra.»

Vieira parte então para a descrição das virtudes naturais dos peixes citando Aristóteles como grande autoridade que é: Os peixes «... só eles entre todos os animais se não domam nem domesticam porque não acreditam nos homens...».

Segue-se uma gradação na enumeração dos animais que, ao contrário dos peixes, se domam ou domesticam:

<b>Animais que se domam ou domesticam</b>	
<i>«terrestres»</i>	<i>«do mar, afora aqueles que se criam e vivem connosco»</i>
«o cão é tão doméstico»	«o papagaio nos fala»
«o cavalo tão sujeito»	«o rouxinol nos canta»
«o boi tão serviçal»	«o açor nos ajuda e recreia»
O bugio tão amigo e lisonjeiro»	«grandes aves de rapina encolhendo as unhas, reconhecem a mão de quem recebem o sustento»
«até os leões e tigres com ar de benefícios se amansam»	

Eis os adjectivos que contrastam com a livre condição dos peixes: «doméstico», «sujeito», «serviçal», «amigo» e «lisonjeiro».

No excerto seguinte verifica-se a diferença entre os peixes e os outros animais marcada pelo advérbio de lugar «lá», longe dos homens, e pelos pronomes possessivos «seus» e «sua». O excerto é composto por uma enumeração em forma de anáfora (plano morfossintáctico), e o animismo (plano semântico). Também se sente uma subida de ritmo no discurso do orador:

«**lá** se vivem nos **seus** mares e rios»  
 «**lá** se mergulham nos **seus** pegos»  
 «**lá** se escondem nas **suas** grutas»  
 «e não há nenhum tão grande que se fie do homem,  
 nem tão pequeno que não fuja dele». (negrito nosso)

Vieira prossegue com uma apóstrofe dirigida aos peixes, onde aproveita para estabelecer nova crítica aos homens: «Peixes! Quanto mais longe dos homens, tanto

melhor; trato e familiaridade com eles, Deus vos livre! Se os animais da terra e do ar querem ser seus familiares, façam-no muito embora, que com suas pensões o fazem.» O orador pretende provocar no auditório um efeito emotivo: surpresa, inquietação, desagrado e vergonha.

É uma argumentação alegórica, usando a invocação directa dos peixes, para demonstrar a maldade e vaidade dos homens, funcionando como espelho para os ouvintes.<sup>78</sup> Encontramos o uso de apóstrofe seguida de acto ilocutório directivo.

«Cante-lhes ao homem o rouxinol (...)» **mas** «na gaiola»  
«diga-lhes ditos o papagaio» **mas** «na sua cadeia»  
«vá com eles (...) o açor» **mas** «nas suas piores»  
«faça-lhes bofoneias o bugio» **mas** «no seu cepo»  
«contente-se o cão (...) roer o osso» **mas** «levado (...) pela trela»  
«preze-se o boi (...) formoso e fidalgo» **mas** «com o jugo sobre a cerviz  
puxando pelo arado e pelo carro»  
«glorie-se o cavalo mastigar freios dourados» **mas** «debaixo da vara e  
espora»  
«tigre e leões comem carne» **mas** «presos e encerrados» (negrito nosso)

No excerto anterior, encontramos um articulador de discurso que estabelece uma conexão de tipo contrastivo, antitético com o que se disse anteriormente e o que se vai dizer em seguida. Estamos assim perante um paralelismo de construção sintáctica, pois a liberdade dos peixes é contraposta à prisão em que vivem os restantes animais pela adversativa **mas**. Também é de ressaltar a importância do recurso às onomatopeias. Porque convivem com os homens, estes animais são castigados (domados, domesticados e sem liberdade).

«E entretanto vós, peixes, longe dos homens e fora de cortesias, vivereis só convosco, sim, mas como peixes na água.» O texto prossegue com uma certa ambiguidade, o orador dirige-se aos peixes para se dirigir aos homens, usando

---

<sup>78</sup> No *Sermão da Quinta Domingo da Quaresma* (1654), Vieira profere o sermão tentando visar alguém, isto é, existia um alvo, mas este não era directamente referido: «E, suposto que à Espanha lhe coube a cabeça, cuido eu que a parte dela que nos toca ao nosso Portugal é a língua, ao menos assim o entendem as nações estrangeiras que de mais perto nos tratam. Os vícios da língua são tantos, que fez Drexélio um abecedário inteiro e muito copioso deles. E se as letras deste abecedário se repartissem pelos estados de Portugal, que letra tocara ao nosso Maranhão? Não há dúvida, que o M. M – Maranhão, M – murmurar, M – motejar, M – maldizer, M – malsinar, M – mexericar, e, sobretudo, M – mentir: mentir com as palavras, mentir com as obras, mentir com os pensamentos, que de todos e por todos os modos aqui se mente. Novelas e novelas, são as duas moedas correntes desta terra, mas têm uma diferença, que as novelas armam-se sobre nada, e os novelas armam-se sobre muito, para tudo ser moeda falsa. Na Baía, que é a cabeça desta nossa província do Brasil; acontece algumas vezes o que no Maranhão quase todos os dias.» (VIEIRA, Padre António, *Obras Completas do Padre António Vieira*. Porto, Lello & Irmão, Vol. II, 1993, p. 160-161.)

apóstrofes, ou seja, os destinatários do sermão ora são os peixes, ora são os homens. Conclui que os peixes são melhores que os homens, comparando antiteticamente os peixes com os homens do Maranhão.

A certa altura, no sermão, aumenta a capacidade de denúncia com o uso do imperativo, vejamos: «Vede, peixes, quão grande bem é estar longe dos homens».

Vieira aviva-lhes a memória com a passagem bíblica do Dilúvio Universal referindo que há «filósofos que dizem que vocês não têm memória», e porque não foram castigados aquando do Dilúvio, deviam ser exemplo para os homens que não são amigos de ninguém. «De todos os animais, quais se livraram?», eis uma pergunta retórica com bastante pertinência.

De seguida, apresenta-se novamente o orador como narrador usando o jogo antitético no exemplo de Santo António: «tanto mais unido com Deus, quanto mais afastado dos homens»; «quanto mais buscava a Deus, tanto mais fugia dos homens».

Vieira chega à conclusão de que os peixes são melhores que os homens, e quanto mais longe estiverem deles melhor, já que a violência e a iniquidade humanas os põe em risco.

Devemos dar especial atenção ao uso dos prefixos dos verbos: - «recolheu», «acolheu» - em que o sentido moral e o sentido físico se interligam.

Segue-se o seguinte paralelismo entre Santo António «Para fugir dos homens deixou a casa dos pais, (...) Para fugir, e se esconder dos homens, mudou o Hábito (...)»; e S. Ambrósio «tinham mais comunicação com os homens, os peixes viviam longe e retirados deles», «tanto mais **unido** com Deus quanto mais **apartado** dos homens».

Vieira usa a antítese para censurar a vaidade e o gosto de adulação dos homens (homens do Maranhão).

Podemos verificar que, no **desenvolvimento**, o orador demonstra-nos as virtudes de alguns peixes, fazendo-lhes um louvor em particular: ao peixe Tobias, à rémora (símbolo do domar das paixões humanas), ao torpedo (denúncia dos ambiciosos) e ao quatro-olhos (que desvia o olhar das vaidades), afirmando que todos eles servem de alimento.

É então no **terceiro capítulo** que Vieira louva os peixes em particular, sendo estes representativos de determinado tipo de homens.

O capítulo inicia-se com o vocativo mais comum do sermão «peixes», como se o orador em nenhum momento desejasse que o seu público perdesse de vista o conteúdo alegórico a desenvolver.

Ainda no decorrer do primeiro parágrafo, Vieira utiliza uma perífrase «o Autor da natureza», afirmando que Deus fez a natureza admirável de cada um dos peixes. Depois, na quarta frase do primeiro parágrafo, inicia-se a amplificação alegórica com o peixe de Tobias (personagem da Sagrada Escritura), aquele que «tem o primeiro lugar entre todos», «grande, como verdadeiramente foi nas virtudes interiores, em que só consiste a verdadeira grandeza».

Após se debruçar sobre a narrativa bíblica «...o fel era bom para curar a cegueira, e o coração para lançar fora os demónios», estabelece a comparação entre «Tobias o Velho» e «Tobias o Moço», parafraseando a história do peixe onde este é usado como se fosse o auditório.

De seguida, deparamo-nos com a metamorfose do peixe em Santo António, comparado com o peixe de Tobias, este foi introduzido no sermão visto que também tinha o poder de curar a cegueira aos hereges e afastar os maus espíritos. A imagem do peixe identifica-se com S. António e este é uma projecção de Vieira, também ele perseguido pelos colonos. Novamente Vieira define-se a *si mesmo* através da identificação que estabelece com um *Outro* (Tobias e Santo António) ambos homens de Deus que querem o bem espiritual dos que os cercam, em oposição ao *Outro* com quem não se identifica (colonos).

«Certo que se a este peixe o vestirem de burel e o atarem com uma corda, parecia um retrato marítimo de Santo António.»

«Abria S. António a boca contra os hereges, e enviava-se a eles, levado do fervor e zelo da Fé e glória divina. E eles que faziam? Gritavam como Tobias e assombravam-se com aquele homem e cuidavam que os queria comer.»

«Só uma diferença havia entre Santo António e aquele peixe: que o Peixe abriu a boca contra quem se **lavava** e Santo António abria a boca contra os que não se queriam **lavar**» (negrito nosso)

Estamos perante uma comparação e imagem. Surgem aqui integradas numa Narrativa Hagiográfica, onde Vieira toma novamente o estatuto de narrador, contando

histórias sucessivas. Não podemos deixar de observar o jogo polissémico do verbo «lavar».

As duas alegorias representam a máscara da luta de Vieira com os colonos, através dos quais se auto-define sob forma de alteridade:

«*Ah homens*, se houvesse um Anjo, que vos revelasse, qual é o coração **desse** homem, e **esse** fel, que tanto vos amarga, **quão** proveitoso, e **quão** necessário vos é! Se vós lhe abrísseis esse peito e lhe vísseis as entranhas, como é certo que haveis de achar e conhecer claramente nelas que só duas cousas pretende de vós, e convosco: uma é alumiar e curar vossas cegueiras e outra lançar-vos os demónios fora de casa». (negrito e sublinhado nosso)

No excerto anterior, damo-nos conta que os destinatários são os homens do Maranhão, através da interjeição *suspirada*, dum vocativo exclamativo, que transporta ênfase para o auditório.

A partir daqui inicia-se a **confirmação** que se vai estender até ao final do capítulo V. Convém destacar a apóstrofe e a repetição dos verbos no imperativo: «Abri, abri...», «Vede, vede este coração» - o de Vieira; repetição dos pronomes demonstrativos: «este», «este».

«Ah moradores do Maranhão, quanto **eu** vos pudera dizer neste caso! **Abri, abri estas** entranhas; vede, vede **este** coração.» Vieira também fala de si. À semelhança do peixe de Tobias e de Santo António, Vieira também possui esse poder e os homens também fogem dele com medo de serem comidos pela verdade. Mais uma vez, o processo de auto-definição do orador, quer através de identificação, quer através de alteridade.

Ele chega ao ponto que pretendia: crítica aos homens do Maranhão e à sua malvadez contra o índio, que é a razão do seu sal não salgar.

Seguidamente, Vieira retorna à alegoria de forma irónica com um tom algo provocatório: «Mas ah, si, que me não lembrava! Eu não vos prego a vós, prego aos peixes».

Vieira prossegue o discurso com um novo peixe – a rémora – peixe da história natural, utilizando uma perífrase, estabelecendo a antítese entre o seu corpo e a enorme força que possui, usando interjeições, hipóteses e interrogações retóricas:

«No dia de um Santo Menor, os peixes menores devem preferir aos outros (...) aquele peixinho tão pequeno no corpo e

tão grande na força e no poder que, não sendo maior de um palmo, se se pega ao leme de uma nau da Índia, apesar das velas e dos ventos, e de seu próprio peso e grandeza, a prende e amarra mais que as mesmas âncoras, sem se poder mover, nem ir por diante?»

«**Oh se** houvera uma rémora na terra, que tivesse tanta força como a do mar, que menos perigos haveria na vida, e que menos naufrágios no Mundo!» (negrito nosso)

Neste último excerto, verifica-se uma gradação crescente em que a parte se vai transformando no todo sinedótico «o mar», «a terra» e «o mundo».

De seguida, Vieira aproveita para estabelecer a comparação da língua de S. António com o leme da nau e freio do cavalo, concluindo com uma metáfora da metáfora:

«a virtude da rémora (...) é freio da nau e **leme do leme**»  
(negrito nosso)

«O leme da natureza humana é o alvedrio, o piloto é a razão: mas quão poucas vezes obedecem à razão os ímpetos precipitados do alvedrio? Neste leme, porém, tão desobediente e rebelde, mostrou a língua de António quanta força tinha, como rémora, para domar a fúria das paixões humanas.»

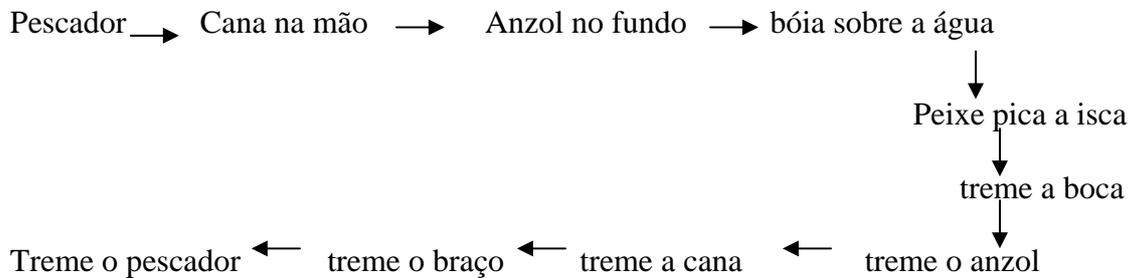
Apresenta-se assim uma simbiose da realidade com a ficção, a rémora – língua de S. António refreou e orientou a flatulenta tempestade exterior e interior dos orgulhos da Nau Soberba; a fúria e o ódio dos vingativos da Nau Vingança; os apetites desmesurados dos ambiciosos da Nau Cobiça; a ablepsia total dos cegos da Nau Sensualidade. Esta imagem que nos descreve o orador é uma metamorfização da Nau: a soberba, a vingança, a cobiça e a sensualidade são «naus» que navegam pelo mar da existência humana, onde vemos os orgulhosos, vingativos, ambiciosos e cegos: eis o retrato dos colonizadores e dos colonos, são estes, com as suas características / vícios, que demonstram a alteridade na definição da identidade de Vieira.

O discurso prossegue, desta vez, com especial atenção ao peixe *Torpedo* (aquele que faz tremer a mão de quem o está a puxar), a característica das virtudes grandes é «que quanto são maiores, mais se escondem».

De início, deparamo-nos com uma pergunta retórica: «Pode haver maior, mais breve e mais admirável efeito?»; seguida de uma frase enriquecida pelo campo lexical da pesca e das partes do corpo. É uma descrição que se apresenta em gradação descendente, do pescador para o peixe, e ascendente, do peixe para o pescador. O ritmo do discurso afirma-se dinâmico:

«De maneira que, num momento, passa a virtude do peixezinho, da boca ao anzol, do anzol à linha, da linha à cana e da cana ao braço do pescador.»

### **Vejamos a descrição do fenómeno:**



A ironia de Vieira revela-nos que «admirável é igualmente a qualidade daquele outro peixezinho a que os latinos chamaram Torpedo... em lhe picando na isca a Torpedo, começa a lhe tremer o braço».

Vieira para descrever os efeitos da descarga eléctrica produzida por este animal, emprega 12 vezes o verbo “tremar” num processo claro de superlativização do vocábulo.

Continuando a análise do sermão, novamente, Vieira aproveita para fazer uma nítida crítica aos colonos do Maranhão, definindo-os como pouco ou nada temerosos:

«com muita razão disse que este vosso louvor o havia de referir com inveja. Quem dera aos pescadores do nosso elemento, ou quem lhe pusera esta qualidade tremente, em tudo o que pescam na terra! Muito pescam, mas não me espanto do muito; o que me espanta é que pesquem tanto e que tremam tão pouco. Tanto pescar e tão pouco tremar!»

«... onde há mais pescadores, e menos modos, e traças de pescar, se no mar, ou na terra? É certo que na terra. (...) No mar, pescam as canas, na terra, as varas, (...) pescam as ginetas, pescam as bengalas, pescam os bastões e até os ceptros pescam, e pescam mais que todos, porque pescam cidades e reinos inteiros. Pois é possível que, pescando os homens cousas de tanto peso, lhes não trema a mão e o braço?! Se eu pregara aos homens e tivera a língua de Santo António, eu os fizera tremar.»

No excerto anterior, o orador utiliza uma pergunta retórica pertinente, bem como, a polissemia do verbo “pescar” (com sentido corrente e como sinónimo de roubar). Temos apenas um objecto de pesca no mar - «cana», mas uma enumeração de objectos de pesca em terra, isso é, uma gradação dos símbolos da alta nobreza: «varas», «ginetas», «bengalas», «bastões», «ceptros». Vieira/Torpedo/língua de S. António bem

quer fazer tremer os colonos que tanto «pescam» os índios e bens alheios.<sup>79</sup> Eis aqui mais uma definição do *Eu/Vieira* por identificação com o seu *Outro* semelhante (índios).

Segue-se uma nova narração de Santo António, onde se evidencia a repetição do verbo “tremem”, engrandecendo o arrependimento daqueles homens. Surge mesmo um paralelismo anafórico «todos tremendo se lançaram a seus pés, todos tremendo restituíram o que podiam (...)», intensificando a ideia.

O último peixe escolhido para louvar suas virtudes foi o Quatro-olhos (têm quatro olhos «em tudo cabais e perfeitos»), sobre o qual Vieira estabeleceu um paralelismo antitético entre um peixe com tantos meios de visão e os homens que na terra vivem com tanta cegueira. Cegueira esta que é metafórica, pois refere-se àqueles que não podem ver os erros que cometem.

Vieira segue o seu discurso com uma pregação perorativa ao peixe «Dá graças a Deus (...) pois às águias, que são os lince do ar, deu somente dois olhos, e aos lince, que são as águias da terra, também dois; e a ti, peixezinho, quatro.», sob a forma de um processo quiasmático, figura de estilo muito do gosto vieiriano.

Atentemos aos parágrafos seguintes:

«Tantos instrumentos de vista a um bichinho do mar, nas praias daquelas mesmas terras vastíssimas, onde permite Deus que estejam vivendo em cegueira tantos milhares de gentes há tantos séculos! Oh quão altas e incompreensíveis são as razões de Deus, e quão profundo o abismo de seus juízos!»

«e como têm inimigos no mar e inimigos no ar, dobrou-lhes a natureza as sentinelas e deu-lhes dois olhos, que diretamente olhassem para cima, para se vigiarem das aves, e outros dois que diretamente olhassem para baixo, para se vigiarem dos peixes.»

«Oh que bem informara estes quatro-olhos uma alma racional, e que bem empregada fora neles, melhor que em muitos homens.»

---

<sup>79</sup> Mafalda Ferin Cunha refere: «O desejo de adquirir bens e acumular riquezas era, segundo depreendemos da leitura dos sermões do jesuíta um vício geral da sociedade da época. A ambição não permitia que ninguém se contentasse com o que tinha. Para combater estes desejos desmesurados de riqueza e poder; o Padre António Vieira aconselhou os homens a aceitar pacificamente o que Deus, segundo o conselho secreto, e recta disposição da sua sabedoria, da sua justiça, da sua providência e da sua liberdade, lhes tinha concedido e ao pobre que se contentasse como pobre porque Deus lhe dera a pobreza que tinha entendido que seria boa. Todos os que roubaram, incluindo os reis, estavam obrigados, para o jesuíta, a restituir o roubado, sem o que ninguém se salvaria.» (Mafalda Ferin Cunha, “O púlpito como uma tribuna política: a censura dos vícios dos poderosos nos sermões do Padre António Vieira” in *Tricentenário da Morte do Padre António Vieira – Congresso Internacional – Actas*. Universidade Católica Portuguesa – Província Portuguesa da Companhia de Jesus, Braga, Editora Barbosa & Xavier, Lda – Artes Gráficas, 1999, p.1743).

Vieira queria referir-se à cegueira dos índios que vivem sem a fé cristã num evidenciar óbvio da sua missão evangelizadora.

O orador apresenta agora o peixe como pregador de si próprio: «... ensinando-me que se tenho Fé, e uso da razão, só devo olhar diretamente para cima, e só diretamente para baixo: para cima, considerando que há Céu, e para baixo, lembro-me que há Inferno», por Vieira os peixes são sempre mais valorizados que os homens. Não podemos esquecer que Vieira dá cumprimento da sua preterição do Capítulo II «... não falarei hoje em Céu, nem Inferno»; Vieira salienta também que sem a Razão, a Fé não subsiste.

O sermão prossegue com um agradecimento aos peixes, sobretudo às sardinhas, que ajudam os homens a ir para o Céu, pois no jejum da Quaresma «são sustento dos pobres».

O sermão apresenta um contraste entre o Bem e o Mal, quando Vieira repete as palavras de S. Basílio, de Cristo, de Moisés, de Aristóteles e São Ambrósio, estas são confirmadas com os exemplos do Dilúvio, Santo António, Jonas e os animais que se domesticam. Devemos referir que Raymond Cantel, na sua obra de análise aos sermões de Vieira, evidencia que os nomes próprios mais numerosos são os nomes bíblicos ou de grandes filósofos, tais como os referidos anteriormente. Por vezes, orador gosta de lhes conservar a forma que eles têm na escritura. Também gosta de nomear os nomes dos pais da Igreja. Reparamos que «os nomes próprios têm uma grande importância nos discursos de Vieira. O orador atribui-lhe um valor afectivo particular».<sup>80</sup>

Ironicamente os peixes prestam uma ajuda preciosa aos homens e daí que seja necessário fazer a distinção de animais: «prezem-se as aves e os animais terrestres de fazer esplêndidos e custosos os banquetes dos ricos», em contrapartida, enalteçam-se os peixes «de ser companheiros do jejum e da abstinência dos justos».

O sermão demonstra uma acumulação de argumentos a favor dos peixes retirados da religião, da astrologia, dos evangelhos e da alimentação.

Este capítulo termina com um anacoluto: «mas o peixe que sustenta a fome dos pobres de Cristo, o mesmo Cristo os multiplica e aumenta.»; bem como, com uma invectiva aos peixes, sendo usada uma apóstrofe: «Crescei, peixes, crescei e multiplicai, e Deus vos confirme a sua benção».

---

<sup>80</sup> CANTEL, Raymond, *Les Sermons de Vieira - Étude du style*. Paris, Editions Hispano-Americanas, 1959, p. 74. (Tradução nossa).

O **quarto capítulo** do sermão baseia-se essencialmente em duas repreensões gerais aos peixes. O capítulo inicia-se com a especificação das intenções de Vieira, da seguinte forma: «Antes porém que vos vades, assim como ouvistes os vossos louvores, ouvi também agora as vossas repreensões. Servir-vos-ão de confusão, já que não seja de emenda.» Iniciam-se agora os momentos da crítica moral em que, usando mecanismos alegóricos, Vieira vai criticar os seus ouvintes. Sentimos que num procedimento de uma notável mestria, até agora, Vieira tranquilizou os seus ouvintes, dando-lhes a entender que falava sobretudo de peixes. É este o momento dele deixar cair o jogo e passar ao ataque moral do comportamento real dos colonos.

Segue-se então a primeira repreensão, vejamos:

«A primeira cousa que me desedifica, peixes, de vós é que vos comeis uns aos outros. Grande escândalo é este, mas a circunstância o faz ainda maior. Não só vos comeis uns aos outros, senão que os grandes comem os pequenos. Se fosse pelo contrário, seria menos mal.»

Aqui, Vieira refere um estado de ictiofagia e explica-o, apresentando um paralelismo entre S. António (ou Vieira) e S. Agostinho. Pois o primeiro pregava aos peixes e exemplificava nos homens, o segundo pregava aos homens e exemplificava nos peixes. Este aspecto apresenta-se no seguinte quiasmo: «pregava aos homens...mostrou-lhe nos peixes... prego aos peixes... quero que o vejais nos homens.»

A apóstrofe seguinte é uma das mais significativas de todo o sermão, evidenciando uma insistência anafórica. Devemos dar também particular atenção ao constante recurso à imagística sensorial:

«Olhai como estranha Santo Agostinho»

«Tão alhea cousa é, não só da razão, mas da mesma natureza, que sendo todos criados no mesmo elemento, todos cidadãos da mesma pátria, e todos finalmente irmãos, vivais de vos comer» (gradação crescente)

«para que vejais»  
«quero que vejais»

«Olhai, peixes, lá do mar para a terra. Não, não: não é isso que vos digo. Vós virais os olhos para o mato e para o sertão? Para cá, para cá; para a cidade é que haveis de olhar. Cuidais que só os Tapuias se comem uns aos outros? Muito maior açougue é o de cá, muito mais se comem os Brancos.»

Quando o orador discursa acerca dos matos e sertões estamos perante uma antropofagia social em contraponto com a cidade. A ironia que o orador utiliza

seguidamente, também está conotada de antropofagia social<sup>81</sup>. De destacar o paralelismo anafórico a nível lexical, dando a imagem de um grande banquete, em torno de uma pobre vítima:

«Vede vós todo aquele bulir, vedes todo aquele andar, vedes aquele concorrer às praças e cruzar as ruas; vedes aquele subir e descer as calçadas, vedes aquele entrar e sair sem quietação nem sossego? Pois tudo aquilo é andarem buscando os homens como hão-de comer e como se hão-de comer.»

O texto prossegue com dois exemplos de crueza e maldade, apresentados em enumeração. Evidenciam-se trocadilhos da palavra “terra”, jogos de palavras, polissemia do verbo “comer” com sentido conotativo, porque este adquire o sentido de “vigarizar”, “defraudar”, “aproveitar-se” ou “roubar”. Deve ter-se particular atenção à anáfora com a repetição do verbo “comer”. Estamos na linha do Conceptismo onde verificamos a animização da terra com construções paralelísticas (lexical, morfológica, sintáctica e semântica) com um ritmo reforçativo à volta de duas situações exemplares. Citamos,

- *alguém que acaba de morrer*

«Morreu um deles, vereis logo tantos sobre o miserável a despedaçá-lo e comê-lo. Comem-no os herdeiros, comem-no os testamenteiros...»

**Conclusão:** «...enfim, ainda ao pobre defunto o não comeu a terra, e já o tem comido toda a terra».

- *um réu no julgamento*

«Vede um homem desses que andam perseguidos de pleitos ou acusados de crimes, e olhai quantos o estão comendo. Come-o o meirinho, come-o o carcereiro...»

**Conclusão:** «...ainda não está executado nem sentenciado e já está comido» (ambiguidade)

---

<sup>81</sup> Segundo Noronha, na sua obra *Para uma leitura do Sermão de Santo António aos Peixes do Padre António Vieira*, da ictiofagia, Vieira passa para a verificação da antropofagia. Se esta se aplica à tribo de Índios brasileiros designados por Tapuias também «muito mais se comem os brancos». A dos brancos, Colonos e Colonizadores portugueses, é a antropofagia social: numa demonstração satírica Vieira exporá à nossa vista como é que os brancos se comem uns aos outros.

É esta a concretização que verificamos depois de uma sucessão de interrogações retóricas: os peixes/homens comem os mais pequenos; os homens comem não só o povo mas a sua plebe; os homens não só os comem, mas engolem-nos e devoram-nos com a maior naturalidade, como se estivessem a comer pão.

Tal como referiu na sua obra João Marques, o sermão desta época visava «transmitir a consciência do pecado, discernir o bem do mal e incitar o combate ao vício e à imperfeição podem ser, como uma pedagogia baseada no concreto preconizava, objectivos insistentemente perseguidos»<sup>82</sup>.

O anacoluto imediato, seguido da ideia de voragem, frases rítmicas e metafóricas, descreve sob gradação ascendente o carácter dos colonos: «porque os grandes (...) não se contenta sua fome»; «Não compreenderão todos os obreiros do mal que devoram o meu povo como quem come pão»; «com tudo e em tudo são comidos os miseráveis pequenos, não tendo nem fazendo ofício em que os não carreguem, em que os não multem, em que os não defraudem, em que os não comam, traguem e devorem».

O mesmo se verifica no *Sermão do Bom Ladrão* (1655), no que diz respeito não ao modo como se comem uns aos outros, mas sim aos diferentes modos como roubam:

«O que eu posso acrescentar pela experiência que tenho é que não só do Cabo da Boa Esperança para lá, mas também das partes daquém, se usa igualmente a mesma conjugação. Conjugam por todos os modos o verbo *rapio*, porque furtam por todos os modos da arte, não falando em outros novos e esquisitos, que não conheceu Donato nem Despautério.

Tanto que lá chegam, começam a furtar pelo modo indicativo, porque a primeira informação que pedem aos práticos é que lhes apontem e mostrem os caminhos por onde podem abarcar tudo. Furtam pelo modo imperativo, porque, como têm o mero e misto império, todo ele aplicam despoticamente às execuções da rapina. Furtam pelo modo mandativo, porque aceitam quanto lhes mandam, e, para que mandem todos, os que não mandam não são aceitos. Furtam pelo modo optativo, porque desejam quanto lhes parece bem e, gabando as coisas desejadas aos donos delas, por cortesia, sem vontade, as fazem suas. Furtam pelo modo conjuntivo, porque ajuntam o seu pouco cabedal com o daqueles que manejam muito, e basta só que ajuntem a sua graça, para serem quando menos meeiros na ganância. Furtam pelo modo potencial, porque, sem pretexto nem cerimónia, usam de potência. Furtam pelo modo permissivo, porque permitem que outros furtem, e estes compram as permissões. Furtam pelo modo infinitivo, porque não tem o fim o furtar com o fim do governo, e sempre lá deixam raízes em que se vão continuando os furtos. Estes mesmos modos conjugam por todas as pessoas, porque a primeira pessoa do verbo é a sua, as segundas os seus criados, e as terceiras quantas para isso têm indústria e consciência. Furtam

---

<sup>82</sup> MARQUES, João Francisco, *A Parenética e a Restauração 1640 – 1668*. Porto, INIC, 1989, p. 41.

juntamente por todos os tempos, porque do presente — que é o seu tempo — colhem quanto dá de si o triénio; e para incluírem no presente o pretérito e futuro, do pretérito desenterram crimes, de que vendem os perdões, e dívidas esquecidas, de que se pagam inteiramente, e do futuro empenham as rendas e antecipam os contratos, com que tudo o caído e não caído lhes vem a cair nas mãos. Finalmente, nos mesmos tempos, não lhes escapam os imperfeitos, perfeitos, *plus quam* perfeitos, e quaisquer outros, porque furtam, furtaram, furtavam, furtariam e haveriam de furtar mais, se mais houvesse. Em suma, que o resumo de toda esta rapante conjugação vem a ser o supino do mesmo verbo: a furtar para furtar. E quando eles têm conjugado assim toda a voz activa, e as miseráveis províncias suportado toda a passiva, eles, como se tiveram feito grandes serviços, tornam carregados de despojos e ricos, e elas ficam roubadas e consumidas.»<sup>83</sup>

Mas voltando ao *Sermão de Santo António (aos peixes)*, este apresenta uma personificação para espantar o auditório: «Parece-vos bem isto, peixes? (...) Pois isto mesmo é o que vós fazeis.» Os maiores comem os mais pequenos, comem «cardumes inteiros». Vieira refere-se às tribos índias que eram devoradas pelos colonos, desde as mais altas figuras até ao mais reles funcionário.

O discurso toma o seu rumo com a advertência de S. Ambrósio: «Guarde-se o peixe, que persegue o mais fraco para o comer, não se acha na boca do mais forte, que o engula a ele»; «nós o vemos aqui cada dia»; «os maiores comeis os pequenos; e os muito grandes não só os comem um por um, senão cardumes inteiros...». O que Vieira queria salientar era: os peixes aqui são peixes-homens, homens que andavam pelos mares, cujo périplo é Portugal – Brasil - Portugal; os portugueses com responsabilidades políticas que foram enviados para o Brasil destruíram o Estado em vez de o governarem e aumentarem; havia uma razão para que isso acontecesse, é que fartavam a fome, que traziam de Portugal, em comer e devorar os naturais do Brasil.

Evidencia-se nos excertos anteriores um paralelismo entre a Hierarquia dos peixes e Hierarquia dos homens, apresentando uma escala em que também os peixes vão sendo sucessivamente mais pequenos: **TUBARÃO**> **XARÉU**> **Bagre**.

Segue-se uma adjectivação em gradação ascendente de teor reforçativo «o mar é muito largo, muito fértil, muito abundante».

Eis que surge uma advertência de Vieira com uma área conceptual da pesca, funcionando como metáfora da guerra: «Não vedes que contra vós...» «se emalham e entralham as redes»; «se tecem as nassas»; «torcem as linhas»; «dobram e farpam os

---

<sup>83</sup> VIEIRA, Padre António, *Obras Completas do Padre António Vieira*. Porto, Lello & Irmão, Vol. II, 1993, p. 546-547.

anzóis»; «as físgas e os arpões». Esta é uma crítica directa aos colonos e colonizadores, àqueles que iam de Portugal para o Brasil na esperança de enriquecerem, «comiam» sucessivamente os índios e quando voltavam ao Reino era a sua vez de serem comidos pelos seus superiores. Mais uma vez se caracterizam dois tipos de *Outro*: os índios (desfavorecidos) com quem Vieira se identifica; e os colonos (ambiciosos), os portugueses que não pertencem ao grupo dos jesuítas e que parecem ser o Mal da portugalidade.

No decorrer do texto surge novamente a imagem do Dilúvio para explicar que na Arca de Noé os animais não se comiam uns aos outros. E deparamo-nos com uma síntese e amplificação do raciocínio «mas como os grandes comem os pequenos, não bastam cem pequenos, nem mil, para um só grande.»

Surge então a segunda repreensão: «Outra coisa muito geral, que não tanto me desedifica, quanto me lastima em muitos de vós é aquela tão notável ignorância, e cegueira, que em todas as viagens experimentam, os que navegam para estas partes».

Vieira continua a discursar, desta vez, com uma imagem:

«A vaidade entre os vícios é o pescador mais astuto e que mais facilmente engana os homens. E que faz a vaidade? Põe por isco na ponta desses piques, desses chuços e dessas espadas dois retalhos de pano, ou branco, que se chama hábito de Malta...»

A interrogação retórica é bem pertinente: «Quem pesca as vidas a todos os homens do Maranhão, e com quê?» A resposta é-nos dada de imediato: «Pode haver maior ignorância e mais rematada cegueira que esta? Enganados por um retalho de pano, perder a vida? Dir-me-eis, que o mesmo fazem os homens. Não vo-lo nego.» Bem como a consequência: «Um homem do mar com uns retalhos de pano. Vem um Mestre de Navio de Portugal com quatro varreduras das lojas com quatro panos e quatro sedas, que já se lhe passou a era...»; «Isca com aqueles trapos aos moradores da nossa terra.»

Em Portugal, os homens são iscados pela ambição dos hábitos, também no Maranhão os homens se deixam pescar facilmente, aqueles que têm «este trabalho de toda a vida»; «na roça»; «na cana»; «no engenho»; «no tabacal»; «Quem o leva?»; não compram «coches, nem liteiras, nem os cavalos, nem os escudeiros, nem os pagens, nem os lacaios, nem as tapeçarias, nem as pinturas, nem as baixelas, nem as jóias»;

antes gastam esse dinheiro «No triste farrapo com que saem à rua, e para isso se matam todo o ano (...) e lá se vai a vida».

Nova questão seguida de resposta: «Não é isto, meus peixes, grande loucura dos homens, com que vos escusais?»; «Claro está que si: nem vós o podeis negar».

Vieira prossegue o discurso com uma série de exemplos: peixes que caem facilmente no engodo da isca; homens que enganam os indígenas e a facilidade com que estes se deixam enganar. E acaba por chegar a uma conclusão, expressando os seus sentimentos, apresentando o contraste entre a cegueira, os peixes e o exemplo de Santo António: perdem a vida os homens pela vaidade, os peixes pela cegueira e ignorância. É esta a cegueira e ignorância de certos portugueses e índios, e esta a ambição dos colonos portugueses.

Os homens são pescados pelo pescador-vaidade. Santo António não se deixou pescar por ela: «trocou a forja pelo burel e a correia pela corda».

O capítulo termina partindo a alegoria do real concreto:

«Toma o homem do mar um anzol, ata-lhe um pedaço de pano cortado e aberto em duas ou três pontas, lança-o por um cabo delgado até tocar na água e, em vendo-o, o peixe arremete cego a ele e fica preso e, bloqueando até que assim suspenso no ar ou lançado no convés, acaba de morrer».

Parece-nos pertinente neste momento apresentar um esquema organizacional do capítulo:

Metáfora violenta	«dá-lhe uma sacadela e dá-lhe outra, com que cada vez lhe sobe mais o preço...»
Anáforas	«de um ano para o outro, e de uma safra para a outra safra»
Articuladores de discurso	«É assim, pois...»
Apóstrofes (personificação – em geral todas as apóstrofes)	«peixes, de vós...»; «olhai, peixes...»
Comparações	«também os homens se comem vivos, assim como vós»
Metáforas	O verbo comer associado aos Homens» «muito maior açoute é o de cá»



estas críticas, Vieira refere quatro tipos de peixes: roncadores, pegadores, voadores e o polvo, utilizando as suas características verdadeiras como representação alegórica dos vícios dos seres humanos. Tal como refere José Noronha na sua análise a este sermão, «em rigor, nem chegaram a ser defeitos dos peixes, porque se trata da natureza dos mesmos. E o que é natural, é natural. Não é desnatural. E há-de confirmar na sua argumentação: de facto, realmente, os colonizadores (pregadores ou não), mais precisamente colonos, possuem os defeitos que Vieira criticará. Por tudo isto é que Vieira, o exegeta à moda do seu tempo, põe o texto bíblico ao serviço do seu discurso parenético».<sup>85</sup> São estes colonizadores (pregadores ou não) que Vieira caracteriza sob forma de alteridade para com o *Eu/si mesmo*.

Os primeiros a serem repreendidos são os roncadores, que representam a alegoria da arrogância, soberba e vaidade. Neste momento, o discurso de Vieira torna-se alegórico e queixoso: «quem tem muita espada tem pouca língua»; «...ouvindo os roncadores e vendo o seu tamanho, tanto me moveram o riso como a ira (...) porque haveis de roncar tanto?».

O sermão segue com Vieira apresentando-se de novo com estatuto de narrador de excertos bíblicos de S. Pedro e de Golias, textos estes ricos em antíteses:

«Tinha roncado, e barbateado (...), que se todos fraqueassem, só ele havia de ser constante até morrer, se fosse necessário»; «bastou a voz de uma mulherzinha para o fazer tremer, e negar»; «**O muito roncar antes da ocasião, é sinal de dormir nela**».

«...era o ronca dos Filisteus.»; «bastou um pastorzinho com um cajado, e uma funda, para dar com ele em terra.»; «Os arrogantes, e soberbos tomam-se com Deus; e

---

desempobrecer, que há-de ser das conquistas e dos que com tanto e tão honrado sangue as ganharam? Oh! que os sujeitos que se põem nestes lugares são pessoas de grande qualidade e de grande autoridade, fidalgos, senhores, títulos! Por isso mais. Os mesmos ecos de uns nomes tão grandes em Portugal, parece que estão dizendo onde se hão-de pôr. Um conde? Onde? Onde obre proezas dignas de seus antepassados, onde despenda liberalmente o seu com os soldados e beneméritos, onde peleje, onde defenda, onde vença, onde conquiste, onde faça justiça, onde adiante a fé e a cristandade, onde se honre a si, e à pátria, e ao príncipe que fez eleição de sua pessoa. E não onde se aproveite e nos arruine, onde se enriqueça a si e deixe pobre o estado, onde perca as vitórias e venha carregado de despojos. Este há-de ser o onde: Ubi? (...) Nos Brasis, nas Angolas, nas Goas, nas Malacas, nos Macaus, onde o rei se conhece só por fama e se obedece só por nome, aí são necessários os criados de maior fé e os talentos de maiores virtudes. Se em Portugal, se em Lisboa, onde os olhos do rei se vêem e os brados do rei se ouvem, faltam a sua obrigação homens de grandes obrigações, que será in regionem longinquam? Que será naquelas regiões remotíssimas, onde o rei, onde as leis, onde a justiça, onde a verdade, onde a razão, e onde até o mesmo Deus parece que está longe?» (VIEIRA, Padre António, *Obras Completas do Padre António Vieira*. Porto, Lello & Irmão, Vol. I, 1993, p. 1022-1027.)

<sup>85</sup> NORONHA, José, *Para uma leitura do Sermão de Santo António aos peixes do Padre António Vieira*. Lisboa, Editorial Presença, 1998, p. 63.

quem se toma com Deus, sempre fica debaixo. Assim que o verdadeiro conselho, amigos roncadores, é calar e imitar a Santo António».

Deve dar-se particular atenção ao aforismo no final do primeiro excerto, em que nos é explicado o que torna os homens roncadores: o saber e o poder. E Vieira dá-nos os devidos exemplos: «Caifas roncava de saber: Vós não sabeis nada.» e «Pilatos roncava de poder: Desconheceis que tenho o poder?». Em paralelo e de forma antitética, Vieira apresenta-nos Santo António, aquele que detinha o poder e a sabedoria e, calado deu muito que falar e permaneceu na história das virtudes da alma.

De seguida, o texto apresenta um tom agressivo, com o uso do diminutivo no sentido pejorativo e dois adjectivos que o qualificam com o mesmo sentido: «Eis aqui peixeziños ignorantes, e miseráveis, quão errado, e enganoso é este modo de vida, que escolheste»; e aconselha-os: «medi-vos, e logo vereis quam pouco fundamento tendes de blasonar nem roncar»; «amigos roncadores, o verdadeiro conselho é calar e imitar a Santo António».

Vieira faz então uma analogia: «Os arrogantes e soberbos tomam-se como Deus (...) Duas cousas há nos homens que nos costumam fazer roncadores, porque ambos incham: o saber e o poder.» Em contrapartida, refere que Santo António era detentor do saber e do poder e não se vangloriava disso.

Os pegadores que vêm a seguir representam a alegoria da adulação e parasitismo, porque

«sendo pequenos, não só se pegam aos outros maiores, mas de tal sorte se lhes pegam aos costados, que jamais os desferram (...) o peixe grande não pode dobrar a cabeça, nem volta a boca sobre o que traz às costas, e assim lhes sustenta o peso e mais a fome».

O orador faz queixa destes: «...e me admirou que se houvesse estendido esta ronha e pagado também aos peixes».

E o mesmo se passa com os colonos:

«Não parte vice-rei ou governador para as Conquistas, que não vá rodeado de pegadores, os quais se arrimam a eles, para que cá lhes matem a fome, de que lá não tinham remédio. Os menos ignorantes, desenganados da experiência, despegam-se e buscam a vida por outra via; mas os que se deixam estar pegados à mercê e fortuna dos maiores, vem-lhes a suceder no fim o que aos pegadores do mar.»<sup>86</sup>

---

<sup>86</sup> Mafalda Ferin Cunha refere: «A verdade, porém, é que todos os cortesãos, ministros e governantes *cresçam, medram e enchem-se*, metáforas reveladoras do que faziam estes homens nos seus cargos, e que

O orador continua o seu discurso com uma enumeração de actos de pesca:

«Lançam-lhe um anzol de cadeia com a ração de quatro soldados: arremessa-se furiosamente à presa, engole tudo de um bocado, e fica preso. Corre meia companha a alá-lo acima, bate fortemente o convés com os últimos arrancos; enfim, morre o tubarão e morrem com ele os pegadores».

O pregador aproveita para salientar um novo aforismo: «os que se deixam estar pegados à mercê e fortuna dos maiores, vem-lhe a suceder no fim (mesmo) que aos pegadores do mar.», chegando mesmo a dar o exemplo de Herodes com uma enumeração gradativa: «... toda a sua família, todos os seus aderentes, todos os que o seguiam e pendiam da sua fortuna. Pois é possível que todos estes morressem juntamente com Herodes».

Vieira caracteriza-os da seguinte forma, numa tentativa de criticar o auditório: «peixeinhos ignorantes e miseráveis», «errado e engenhoso». E aconselha-os: «chegai-vos embora aos grandes; mas não de tal maneira pegados que vos matais por eles, nem morrais com eles». Vieira não perde a oportunidade de recomendar ao povo que não apoie os colonos, inimigos dos jesuítas. Dá o exemplo de Santo António que pegou-se somente a Cristo, certo que os princípios religiosos e verdadeiros corrigiriam muitos dos desmandos dos colonos.

Novamente o discurso baseia-se em analogias: «este modo de vida (...) sem dúvida que o aprenderam os peixes (...) depois que os nossos portugueses navegaram; porque não parte vice-rei ou Governador para as conquistas, que não vá rodeado de pegadores...».

As referências relacionadas com os pegadores terminam com uma interrogativa retórica, que tem como intenção mover o auditório: «Pode haver maior ignorância que

---

Vieira explora e alarga nalguns sermões. Os que se mudam para o lado do príncipe como parte *fértil e fecundada*, vêem medrar e crescer os parentes, os amigos, os criados, as honras, os postos titulares, a casa, a fazenda, o regalo, o poder, o domínio, o respeito, a adoração. A sua estrutura cresce, mas não à sua qualidade, pois de pigmeus convertem-se em *colossos*, grandes volumes destruídos de almas. Quanto aos ministros que vão ao Brasil, Vieira compara-os às nuvens que, tendo partido de Portugal e passado as calmas da Linha, onde se diz que *refervem as conseqüências*, ao chegar à Baía *não fazem mais que chupar, adquirir, ajuntar, encher-se (por meios ocultos mas sabidos) e ao cabo de três ou quatro anos, em vez de fertilizarem a nossa terra com a água que era nossa, abrem as asas do vento, e vão chover a Lisboa, desperdiçar a Madrid*. O pior ainda é que a água que desperdiçam provem *das lágrimas do miserável e do suor dos pobres*.» (Mafalda Ferin Cunha, “O púlpito como uma tribuna política: a censura dos vícios dos poderosos nos sermões do Padre António Vieira” in *Tricentenário da Morte do Padre António Vieira – Congresso Internacional – Actas*. Universidade Católica Portuguesa – Província Portuguesa da Companhia de Jesus, Braga, Editora Barbosa & Xavier, Lda – Artes Gráficas, 1999, p.1744).

morrer pela fome e boca alheia? Que morra o tubarão porque comeu, matou-o a sua gula; mas que morra o pegador pelo que não comeu, é a maior desgraça que se pode imaginar!»

O sermão passa seguidamente para os peixes voadores e também estes foram alvo da crítica de Vieira, representando aqui a alegoria da ambição. São descritos da seguinte forma: «espinhas», «escamas», «barbatanas», logo são peixes e o seu elemento é a água, com «maiores barbatanas que aos outros do vosso tamanho», «ao voador mata-o a vaidade de voar, e a sua isca é o vento.» Estes têm vários perigos: no mar, a fisga e o anzol; no ar, a presunção, o capricho e a vaidade.

Vieira, tal como acontecera com os outros peixes, também a estes repreende: «Dizei-me, voadores, não vos fez Deus para peixes? Pois porque vos meteis a ser aves?» e como bons exemplos refere David e Santo António considerando-os pregadores de Deus.

Quanto ao tom das críticas, Vieira continua a utilizar frequentes aforismos: «Quem quer mais do que lhe convém, perde o que quer e o que tem»; e na tentativa de mover o auditório aconselha mesmo: «se vos parece que as vossas barbatanas vos podem servir de asas, não as estendais para subir (...) escondi-as para descer» dando como exemplo a história de Simão Mago retirada dos Apócrifos.

Vieira no seu discurso utiliza várias figuras de retórica – «Vai o navio navegando e o marinheiro dormindo, e o Voador... ao voador mata-o a vaidade de voar, e a sua isca é o vento» – assim o orador dá-nos a visualização da acção através da fusão de percepções relativas a diferentes dados sensoriais, em que visão perifrástica e a sonoridade (aliteração em “v”), reforçadas pela sinestesia («vaidade»; «voar»; «vento») se complementam tornando a escrita mais fluida.

A metáfora seguinte é bem elucidativa das características deste peixe: «quis ser borboleta das ondas, vieram-se-lhe a queimar as asas».

Vieira retoma novamente o seu estatuto de narrador e através de analogia faz alguns avisos aos voadores: «Eis aqui voadores do mar, o que sucede aos da terra, para que cada um se contente com o seu elemento»<sup>87</sup>, bem como, advertências: «Contentais-vos com o mar e com nadar, e não queirais voar pois sois peixes».

---

<sup>87</sup> No *Sermão de S. Roque* (1652), Vieira caracteriza este tipo de *Outro* que não se contenta com aquilo que possui: «o homem, monstro ou quimera de todos os elementos, em nenhum lugar pára, com nenhuma fortuna se contenta, nenhuma ambição nem apetite o farta: tudo perverte, tudo excede, tudo confunde e

O discurso prossegue com uma apóstrofe a Santo António: «Oh alma de António, que só vós tivestes asas, e voaste sem perigo, porque soubeste voar para baixo, e não para cima!...». O orador usa uma adjectivação que veicula uma antítese e uma identificação entre os diferentes tipos de asas: «Porque há asas para subir e asas para descer. As asas para subir são muito perigosas, as asas para descer muito seguras; e tais foram as de Santo António.» As advertências aos peixes voadores terminam com uma exortação: «Voadores do mar (não falo com os da terra), imitai o vosso santo pregador».

O último peixe a ser criticado é o polvo, representando a alegoria da dissimulação e traição. Vieira inicia a alegoria da seguinte forma: «Mas já que estamos nas covas do mar, antes que saíamos delas, temos lá o irmão polvo...». A sua descrição é feita por comparações e paralelismos, sendo referido ainda que já São Basílio e Santo Ambrósio lhe apresentaram defeitos, e recorrendo a uma enumeração de atributos: «capelo na cabeça» - «monge»; «raios estendidos» - «estrela»; «aquele não ter osso nem espinha» estabelece-se o contraponto entre a realidade e uma aparência enganosa de «brandura» e «mansidão» do polvo.

Passa-se depois para uma conclusão, recorrendo à comparação do polvo com o camaleão: «o maior traidor do mar» – porque ambos mudam de cor. Vieira pretende aqui criticar o mimetismo do povo, a tendência para se deixar levar pelos maus e poderosos, não resistindo em nome de princípios.

A metamorfose do polvo/povo é comprovada pela realidade: «se está nos limos, faz-se verde»; «se está na areia, branco»; «se está no lodo, faz-se pardo»; «se está em alguma pedra (...) faz-se da cor da mesma pedra».

Na descrição do polvo damos-nos conta de várias expressões antitéticas, irónicas ou mesmo paradoxais, tais como: «aparência tão modesta»; «hipocrisia tão santa».

Esta aparência mutável do polvo traz consequências, pois engana os inocentes e distraídos, o que Vieira apela de «hipocrisia santa» (adjectivação oxímora).

Segue-se uma comparação por contraste entre o Polvo e Judas, onde se verifica uma amplificação do raciocínio. Vejamos, **Judas**: «abraçou a Cristo, mas outros o prenderam» e «com os braços fez o sinal»; **Polvo**: «é o que abraça, e mais o que prende», «o polvo dos próprios braços faz as cordas». Vieira conclui o seu raciocínio da seguinte forma: «Vê, Peixe aleivoso, e vil, qual é a tua maldade, pois Judas em tua

---

como é maior que o mundo, não cabe nele.» (VIEIRA, Padre António, *Obras Completas do Padre António Vieira*. Porto, Lello & Irmão, Vol. III, 1993, p. 544.)

comparação já é menos traidor.» O orador refere-se aqui aos traidores da terra, que são os moradores do Maranhão, os colonos:

«Vejo, peixes, pelo conhecimento que tendes das terras, em que se batem os vossos mares, me estais respondendo, e convindo, que também nelas há falsidades, enganar, fingimentos, embustes, ciladas, e muito maiores e mais perniciosas traições».

São grandes as atrocidades cometidas contra os índios. Os colonos disfarçados em Bons Samaritanos enganam-nos e tiram-lhes tudo o que podem, inclusive a própria vida. Posto isto, Vieira decide fazer uma preterição: «Com grande confusão porém vos confesso tudo, e muito mais do que dizeis, pois não posso negar».

A caracterização do polvo continua com uma intensa gradação: «um monstro tão dissimulado, tão fingido, tão astuto, tão enganoso, tão conhecidamente traidor».

Santo António surge como antítese do polvo: «Ponde os olhos em António vosso Pregador, e vereis nele o mais puro exemplar da candura, sinceridade e da verdade, onde nunca houve dolo, fingimento ou engano.» Vieira prossegue a sua argumentação, atacando com dureza as novas actuações dos portugueses, tão diferentes da honra antiga que respeitávamos: «Sabei também que para haver tudo isto em cada um de nós, bastava antigamente ser português, não era necessário ser santo».

Depois, o orador insiste em advertir os peixes (homens) que tentam enriquecer à custa de naufrágios:

«Só resta fazer-vos uma advertência muito necessária, para os que viveis nestes mares. Como eles são tão esparcelados e cheios de baixios, bem sabeis que se perdem e dão à costa muitos navios, com que se enriquece o mar e a terra se empobrece. Importa, pois, que advirtais, que nesta mesma riqueza tendes um grande perigo, porque todos os que se aproveitam dos bens dos naufragantes, ficam excomungados e malditos».

Este pecado não é perdoável, por isso, Vieira pede que restituam os bens aos naufragantes.<sup>88</sup>

---

<sup>88</sup> Também no *Sermão do Bom Ladrão* (1655), Vieira faz referência à restituição de bens roubados: «A salvação não pode entrar sem se perdoar o pecado, e o pecado não se pode perdoar sem se restituir o roubado (...) a restituição do alheio, sob pena da salvação, não só obriga aos súbditos e particulares, senão também aos cetos e às coroas. (...) A lei da restituição é lei natural e lei divina. Enquanto lei natural obriga aos reis, porque a natureza fez iguais a todos; e enquanto lei divina também os obriga, porque Deus, que os fez maiores que os outros, é maior que eles. (...) os príncipes tomam muitas coisas a seus vassallos violentamente, e contra sua vontade: logo, parece que o roubo é lícito em alguns casos, porque, se dissermos que os príncipes pecam nisto, todos eles, ou quase todos se condenariam: *Fere omnes principes damnarentur*. Oh! que terrível e temerosa consequência, e quão digna de que a considerem

Vieira narrativiza um episódio evangélico de Cristo com S. Pedro «os peixes (...) morrendo primeiro (...) com o mesmo dinheiro que engoliram atravessado na garganta.»

O orador termina este capítulo referindo o seguinte: «Oh que boa doutrina era esta para a terra, se eu não pregara para o mar! Para os homens não há mais miserável morte».

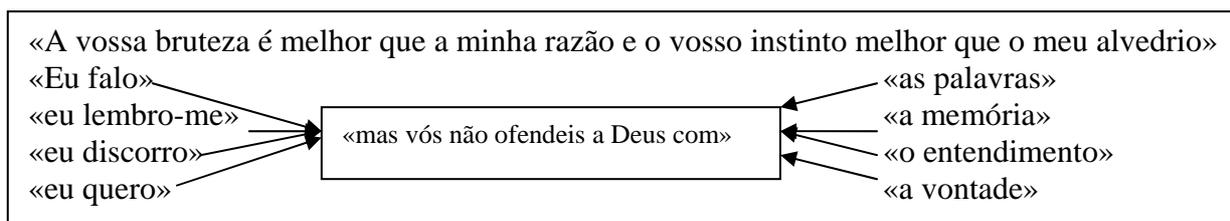
O capítulo final corresponde à **peroração** ou epílogo, e consiste numa enumeração dos seus melhores argumentos, convenientemente ampliados. Aqui ocorre o apelo, o incitamento, a elevação e Vieira despede-se convidando os peixes a juntarem-se a ele no louvor a Deus.

Apercebemo-nos de que estamos perante uma conclusão através da seguinte frase: «Com esta última advertência vos despido, ou me despido de vós meus peixes».

Vieira no final do seu discurso faz referência ao *Levítico* (que excluiu os peixes como objecto de sacrifício que a Deus o povo judaico oferecia) mas acrescenta: «Os outros animais ofereçam a Deus o ser sacrificados; vós oferecei-lhe o não chegar ao sacrifício: os outros sacrificam a Deus o sangue, e a vida; vós sacrificai-lhe o respeito, e a reverência».

Vieira evidencia que os animais terrestres e aves sacrificam-se pelo sangue e vida, já os peixes, sacrificam-se pelo respeito e reverência.

O orador também elogia os peixes em relação a si próprio usando antíteses e a oposição eu-vós:



Vieira continua com uma invocação aos peixes para louvarem a Deus porque: «Vos criou em tanto número»; «Vos distinguiu em tantas espécies»; «Vos vestiu de tanta variedade e formosura»; «Vos habilitou de todos os instrumentos necessários para a vida»; «Vos deu um elemento tão largo e tão puro»; «Chamou para si aqueles que

---

profundamente os príncipes, e os que têm parte em suas resoluções e conselhos!» (VIEIRA, Padre António, *Obras Completas do Padre António Vieira*. Porto, Lello & Irmão, Vol. II, 1993, p. 535-536.)

conosco e de vós viviam»; «Vos sustenta»; «Vos conserva»; «Vos multiplica»; «Servindo e sustentando ao homem.»

Deve ser dada particular atenção à repetição continuada do verbo “louvar” no modo imperativo «Louvai a Deus...»

O sermão termina com o hino *Benedicite*, um cântico de louvor retirado dos Salmos bíblicos, com um tom festivo à comemoração de Santo António, cuja festa se celebrava.

A **última frase do sermão** é um quiasmo: «Como não sois capazes de glória, nem de graça, não acaba o vosso sermão em graça e glória».

Em suma, este sermão é «um forte ataque às leis que regulavam a liberdade dos índios brasileiros»<sup>89</sup>, e Vieira tem a intenção de atingir os que lhe dificultavam a missão junto dos índios. Para isso, serviu-se do púlpito, recorrendo a uma alegoria global e transpondo para o século XVII a ideia imaginária de Santo António, zangado com os homens pecadores e pregando aos peixes que o escutavam sendo mais sensíveis à voz de Deus.

O *Sermão de Santo António (aos peixes)* é um dos mais conhecidos de Vieira. Olhamo-lo como uma obra-prima no género do sermão. O pregador imite um ilustre precursor. Como os homens não o querem entender ele vai pregar aos peixes:

«Isto suposto, quero hoje à imitação de S. António  
voltar-me da terra ao mar, e já que os homens se não aproveitam,  
pregar aos peixes.»

No caso vieiriano, este pregador adapta o seu discurso ao auditório, usando a alegoria do início ao fim do sermão, demonstrando um virtuosismo excepcional. Aliás, e para não esquecermos a estrutura exemplar, a palavra-chave é “peixe”, repetida 138 vezes.

Apesar disso, Vieira mostra-se sóbrio na evocação das variedades de peixes. À excepção do peixe de Tobias que é simbólico, o orador nomeia apenas, na realidade,

---

<sup>89</sup> ALBUQUERQUE, M. Fátima M., «“Sermão de Santo António (aos peixes)” de Padre António Vieira: como ensinar o discurso engenhoso?», in ABREU, Luís Machado (coord.), *Revista da Universidade de Aveiro – Letras*. n.º 14, Aveiro, Universidade de Aveiro, 1997, p. 33.

dezassexes peixes diferentes. Nem todos pertencem hoje à classe dos peixes, mas na época eram vistos como tal<sup>90</sup>:

bagre	Roncador 4
Baleia	salmão
bonito	sardinha
espadarte	solho
Pegador 12	Torpedo 2
Polvo 8	Tubarão 6
Quatro-olhos	Voador 10
Rémora 11	xaréu

É caso para ficarmos realmente surpresos, já que este reduzido número de espécies serve para criar a ilusão da vida do mar, transmitindo-nos com realismo esses mesmos animais, as suas actuações e os seus hábitos mais relevantes. Estes pormenores servem claramente para reforçar a veracidade das críticas aos colonos.

E é essa presença marítima que é reforçada pela utilização de um léxico que torna o mar ainda mais dominante. Assim, o pregador usa o seguinte vocabulário que podemos dividir em diversas áreas e categorias morfológicas.

***Substantivos:***

**O corpo dos peixes:** barbatana 6; escama 2; espinha 2.

**O mar:** baixio 2; corrente; gruta; mar 6; naufrágio 2; pego; porto; praia; tempestade; sarração.

**Os homens:** corsário; marinheiro; naufragante 3; navegante; pescador 10; piloto; remeiro.

**Os barcos:** ancora; canoa; gavea; leme 6; nau 7; navio 6; proa; vela 5.

**A pesca:** anzol 9, arpão; bóia; cana 6; corda 4; cortiça; engano 2; fiska 3; isca 5; linha 2; nassa; rede 3.

**Verbos:** alar, barbatear, boquear, comer 8, devorar 3, emalhar, engastar, engodar, engolir 5, entralhar, fartar, iscar, mergulhar, nadar 2, navegar 4, pescar 13, picar, prender 2, tecer, tomar, tragar 2.

---

<sup>90</sup> Convém salientar que o polvo e a baleia, não são peixes, mas sim, o primeiro que é hoje considerado molusco e o segundo mamífero. No tempo de Vieira para serem considerados peixes, bastava que andassem na água. Esta classificação dos animais esteve em vigor até ao século XVIII.

Nunca a veia cáustica do pregador foi mais acerada como neste sermão, onde é usada a ironia benévola, o pregador ultrapassa a simples ironia criando uma prosa claramente combativa e dura. Concordamos aliás com J. Luccio de Azevedo, quando este sintetiza:

«todo o Maranhão passa à vista na alegoria aquática. O peixe roncador, o voador, o polvo, o pegador, são outros tantos tipos de colonos, como existiam na terra; alguns tão caracterizados que qualquer dos ouvintes, o mais ingénuo, poria o nome no retrato. (...) O roncador é peixinho dos trópicos, muito abundante no Maranhão. Insignificante no tamanho, mas fazendo ruído como de animal temível. Dele zomba o pregador às casquinhas, falando de Santo António, mas de quem realmente ri é dos oficiais da Câmara e outros, que bravateiam contra ele. (...) O polvo do sermão (...) bem podia ser ele o capitão-mor Baltasar de Sousa, que enganara o pregador com promessas falsas, o vigário, ou algum dos prelados das ordens rivais. (...) o peixe-voador deve ser o inimigo petulante que, inconsciente da sua fragilidade, tenta medir suas forças com as do pujante atleta que era António Vieira. Talvez o procurador da Câmara Jorge de Sampaio, presunçoso de dotes intelectuais, autor principal e porta-voz de todas as queixas contra os jesuítas».<sup>91</sup>

Vieira queria defender aqueles que eram mais fracos e desprotegidos (índios e escravos negros) contra os colonos, denunciando os culpados onde houvesse injustiças.

Neste sermão os colonos e colonizadores portugueses (pregadores ou não), de uma maneira geral, são caracterizados como orgulhosos, cobiçosos, ambiciosos, vingativos, vaidosos, odiosos, invejosos, arrogantes e soberbos. No entanto, os índios são apenas referidos como cegos e ignorantes.

Como verificamos ao longo da análise, Vieira auto-define-se estabelecendo paralelos entre ele mesmo e Santo António, que como ele era um homem de Deus. Por vezes, identifica-se também com pequenos peixes ou estabelece paralelos com os desfavorecidos que ele pretendia ajudar. Contudo, à medida que o sermão vai evoluindo, mais sentimos que a identidade portuguesa não era uma para o grande pregador: mais do que isso; a enumeração dos erros, vícios e pecados dos colonos portugueses no Brasil faz-nos entender que Vieira ultrapassou certos códigos da Literatura de Expansão que usavam personagens das outras culturas, das culturas que dominávamos para criticar os desmandos dos Portugueses. No caso de Vieira, as

---

<sup>91</sup> BESSELAAR, José van den, *António Vieira: o homem, a obra e as ideias*. 1ª Edição, Lisboa, Biblioteca Breve, 1981, p. 213-215.

repreensões, as críticas nada tinham de veladas, sendo óbvio que o pregador considerava como sua missão de jesuíta, de homem de Deus, referir a justiça e a pureza da Fé Cristã.

Concluimos, chamando a atenção para a importância do mar e da vida marítima na nossa História: afinal, foi o mar que nos possibilitou as viagens para outros mundos, foi o mar que nos permitiu a Epopeia Imperial e a definição da Cultura Portuguesa.

Sem os percursos marítimos, sem o conhecimento do mar, Portugal não seria grande e não poderia divulgar as suas crenças e os seus modos de vida. Com efeito, o mar é, a partir do século XVI, o aglutinador da nossa identidade, e por isso, achamos de grande subtileza conceptual Vieira ter utilizado o léxico, as imagens, os recursos estilísticos baseados na vida marítima como forma de descrever os lados maus da Expansão Portuguesa.

Mas com esse lado negativo, Vieira não se identifica; antes, repreende, critica com dureza e define esta forma do *Outro*, tão difícil de aceitar porque em princípio partilhava com os padres da Companhia os mesmos anseios e a mesma visão do mundo. Contudo, como Vieira demonstra passo a passo no *Sermão de Santo António (aos peixes)*, os colonos com os seus vícios enfraquecem verdadeiramente a acção da Companhia comprometendo a evangelização e esvaziando o sentido da actuação religiosa dos Jesuítas junto dos Indígenas.

### **III.2. Em nome da liberdade dos Índios nativos: *Sermão da Primeira Domingo da Quaresma***

Em princípio, a alteridade nos sermões de Vieira é sobretudo expressa por duas imagens do *Outro*: o índio do Brasil e o escravo negro.

Com efeito, com o desenrolar do século XVII, cada vez mais a coroa portuguesa tomava consciência de que as riquezas da Ásia não passavam efectivamente de fumos da Índia, crescendo progressivamente o interesse pelo Brasil na esperança de aí se recuperar, pelo povoamento e pela agricultura, a falência comercial da Índia. Contudo, também aí os portugueses se depararam com dificuldades, visto que um ano após o descobrimento, os tupinambás, agressivos e antropófagos venceram os tupiniquins idilicamente descritos na *Carta de Pêro Vaz de Caminha*.

Embora de dois em dois anos seguissem para o Brasil armadas com a missão de defender as costas portuguesas, a distribuição das terras e os núcleos de colonização permanente foram-se erguendo erraticamente sem grande vigilância portuguesa. Aliás, só em 1549 surge o primeiro governador-geral, Tomé de Sousa, que procede à unificação e defesa das capitanias.

Também é deste tempo a entrada em solo brasileiro dos primeiros missionários – são padres da Companhia de Jesus – entre os quais o Padre Manuel de Nóbrega, que funda no Planalto do Piratininga, em meados do século XVI, o Colégio de São Paulo onde leccionou o Padre José de Anchieta, grande missionário e autor de uma gramática da língua tupi, tendo também redigido nesta língua poesia e obras de devoção.

Como magistrado, Tomé de Sousa impõe à colónia uma legislação eficiente preocupando-se com a situação dos indígenas e procurando a colaboração activa da Companhia de Jesus. A partir desta altura, é visível a actividade dos Jesuítas no Império. Até ao fim do século XVII, se vão sair mil evangelizadores para a Índia e saem quinhentos elementos da Companhia para cristianizar o Brasil. No Império do Ocidente e em virtude do estado primitivo em que se encontravam os indígenas, os missionários da Companhia de Jesus intervêm decisivamente na colonização, não só através da defesa dos índios contra os colonos, mas também na formação das cidades e criando

uma resistência activa contra os invasores europeus da colónia, esforçando-se por eliminar as lutas tribais e irradiar os dois grandes vícios dos índios – a antropofagia e a poligamia; os Jesuítas aproveitaram habilmente o hábito indígena da vida em comunidade e criaram aldeamentos para onde levavam os indígenas no intuito de os preparar para o baptismo, quer doutrinando-os, quer ensinando-os a trabalhar. E apesar de se verem forçados a aceitar a escravatura, para não porem em risco a obra evangelizadora, limitaram-na pelos seus escritos impondo-se aos colonos na protecção dos índios escravizados.

É neste contexto que António Vieira inicia e desenvolve a sua pregação e as suas ideias sobre esta importante imagem da alteridade – o índio brasileiro – que podem ser exemplificadas através do estudo do *Sermão da Primeira Domingo da Quaresma* (S. Luís do Maranhão, 1653). Neste sermão, Vieira alegorizava, em relação à situação dos índios, chamando a atenção para as injustiças e levantando uma imagem final poderosíssima:

«Sabeis, Cristãos, sabeis nobreza e povo do Maranhão, qual é o jejum que quer Deus de vós esta Quaresma? Que solteis as ataduras da injustiça e que deixeis ir livres os que tendes cativos e oprimidos. Deus me manda desenganar-vos e eu vos desengano da parte de Deus: todos estais em pecado mortal, todos viveis e morreis em estado de condenação e todos vós ides ao inferno! (...) Ah! Fazendas do Maranhão, que esses mantos e essas capas se torcessem, haviam de lançar sangue!»<sup>92</sup> (sublinhado nosso)

Passemos agora à análise mais pormenorizada do sermão, pretendendo ressaltar a imagem do índio na colónia portuguesa. Para não nos tornarmos excessivamente repetitivos, só mencionaremos os procedimentos estilísticos importantes para o conteúdo, já que um sem número de processos são idênticos aos usados no *Sermão de Santo António (aos peixes)*.

Este sermão tem como conceito predicável «Todas as coisas te darei, se, caíndo, me adorares» do qual todo o sermão se vai basear:

*Haec omnia tibi dabo, si cacens adoraveris me.* (S. Mateus, IV, 9.)  
(*Todas estas coisas te darei, se, caíndo, me adorares.*)

Facilmente nos apercebemos de que o primeiro Domingo da Quaresma, é eucaristicamente o Domingo das tentações «temeroso dia», bem como, «venturoso dia»;

---

<sup>92</sup> VIEIRA, Padre António, *Obras Escolhidas do Padre António Vieira*. Vol. I, Porto, Lello & Irmão, 1993, p. 856.

pois o Demónio pode nos tentar e levar-nos ao pecado, ou com a coragem e o poder de Deus ultrapassarmos esse obstáculo e o vencermos.

Vieira, ao mesmo tempo, assusta e alegra o auditório, empregando dois adjectivos caracterizadores do dia que está a ser celebrado: “temeroso” e “venturoso”; em que Cristo por três vezes venceu e derrubou o Demónio negando as suas ofertas, conselhos e pedidos. Algo que os colonos deviam fazer no dia-a-dia não vendendo a sua alma por ganância: o assunto era o que menos grato achariam senhores de escravos e fautores de escravidões.

É no **exórdio** que o orador apresenta o assunto do seu sermão, escolhendo a terceira tentação do Demónio, também referida no conceito predicável.

A caracterização do Domingo das tentações é feita com uma adjectivação paradoxal «temeroso» e «venturoso» dia, que prepara o ouvinte para a ideia de que mesmo nas situações mais graves da vida se pode vencer.

O sermão inicia-se com um paralelismo frásico antitético composto pela sequência: interjeição; conjunção; adjectivação; nome – pretendendo causar estranheza no auditório, abrindo com uma interjeição de alegria:

«Oh que temeroso dia! Oh que venturoso dia!<sup>93</sup>  
Estamos no dia das tentações do Demónio, e no dia das vitórias de  
Cristo. Dia em que o Demónio se atreve a tentar em campo aberto  
ao mesmo Filho de Deus: *Si Filius Dei es.*»

Verifica-se que no excerto anterior temos um novo paralelismo frásico, marcado por um ritmo binário, que cria uma antítese primordial entre a acção do Demónio e a reacção de Cristo. A voz deste último termina por ser superlativizada com a perífrase «Filho de Deus». O excerto finaliza com uma citação da Sagrada Escritura, algo já comum nos seus sermões, tal como verificámos na análise ao *Sermão de Santo António (aos peixes)*.

Segue-se uma interrogativa retórica sob hipótese, pretendendo o orador comover o auditório e captar a sua atenção, movendo os afectos: «Se até o mesmo Deus é tentado, que homem haverá que não tema ser vencido?»

---

<sup>93</sup> Anáfora, esta figura de belo efeito oratório, que Vieira muito usou, é a prova de que ele acreditava na sua eficácia. O jovem orador sabia aliar o prazer da variação ao da repetição. Os termos da anáfora são muitas vezes próximos «Oh que temeroso dia! Oh que venturoso dia!» A anáfora, nos seus sermões, é feita com todas as categorias gramaticais.

O sermão prossegue com o domínio do número três: «três palavras»; «derrubou três vezes»; «três foram as tentações». Afinal, o número três tem grande importância na tradição cristã, como é visível na crença da Santíssima Trindade ou na actuação de S. Pedro que negou a Cristo três vezes antes do galo cantar, tal como Jesus previu.

Temos de seguida o início do *Rationatio*, isto é, ênfase do pensamento com a descrição das tentações:

«Na primeira ofereceu: (...) que fizesse das pedras pão»;  
«Na segunda aconselhou: (...) que se deitasse daquela torre abaixo»;  
«Na terceira pediu: (...) que caído o adorasse.»

Deve-se salientar a repetição do verbo “ver” no imperativo: «Vede que ofertas, vede que conselhos, vede que petições!» – que cria um ritmo claramente ascendente da frase, supervalorizando o substantivo que se segue.

Vieira destaca novamente no seu sermão a Trilogia de pedidos: «Oferece pedras, aconselha precipícios, pede caídas»; e dá o seu parecer: «E com isto ser assim, estas são as ofertas que nós aceitamos, estes os conselhos que seguimos, estas as petições que concedemos». O orador referia-se aos colonizadores, o *Outro* ambicioso muito diferente do *Eu/si mesmo/Vieira*.

Dado que não podia escolher as três tentações para analisar no sermão, Vieira dá a razão da sua escolha:

«escolhi das três, (...) a terceira e última; porque ela é a maior, porque ela é a mais universal, ela é a mais poderosa e ela é a mais própria desta terra em que estamos.»

Vieira queria referir-se ao Maranhão. Devemos dar particular atenção ao uso do predicativo do sujeito com adjectivos no grau superlativo de superioridade, que criam uma gradação tão do gosto vieiriano. Depois de ele universalizar o defeito, estando nós preparados para ele o desculpabilizar, Vieira surpreende-nos ligando-o directamente ao Maranhão e, por inferência, aos seus ouvintes.

Segue-se o uso de apóstrofe: «De maneira, Cristãos, que temos hoje a maior tentação: queira Deus que tenhamos hoje a maior vitória.» Inicia-se, aqui, a intenção do pregador em ensinar a negar o pecado e a praticar o Primeiro Mandamento da Lei de Deus - «Adorar a Deus e amá-lo sobre todas as coisas, e ao próximo como a ti mesmo».

À semelhança dos restantes sermões de Vieira, no final do exórdio temos presente a Invocação à graça divina e ao Espírito Santo «peçamo-la ao Espírito Santo

por intercessão da Senhora», e a Invectiva ao auditório «e peço-vos que a peçaís com grande afecto, porque nos há-de ser hoje mais necessária que nunca. *Avé Maria.*»

Na **explicação**, que corresponde ao **capítulo II**, através de sucessões de questões retóricas, o orador demonstra que as promessas do Demónio são enganadoras, fazendo-nos perder/vender a alma ofendendo a Deus moralmente. Daí que Vieira nos aconselhe a pesar a nossa alma para verificar se ela não vale mais que o mundo inteiro, já que não nos serve de nada ter o mundo inteiro a nossos pés, se a nossa alma ficar cativa do Demónio. Esta é a pedra-de-toque da argumentação de Vieira, base da sua pedagogia.

Assim, este capítulo começa da seguinte forma:

«Oh quanto temos que temer! Oh quantos temos que imitar nas tentações do Demónio! Ter que temer, e muito que temer, nas tentações do Demónio, cousa é muito achada e mui sabida; mas ter nas tentações do Demónio que imitar?! Sim; porque somos tais os homens por uma parte, e é tal a força da verdade por outra, que as mesmas tentações do Demónio, que nos servem de ruína, nos podem servir de exemplo.»

Verificamos assim o uso de frases exclamativas e interjeições para despertar o espírito dos ouvintes, apercebemo-nos da repetição sucessiva das palavras: «temer» e «tentações», bem como do advérbio de intensidade «muito», «mui». Deve dar-se atenção à pergunta retórica com a conjunção coordenativa «mas» carregada de ironia; a esta, Vieira dá resposta positiva levando os ouvintes à meditação. Existe também um paralelismo antitético nas expressões: «servem de ruína» e «servir de exemplo», chamando Vieira a atenção para o facto de que o Mal na vida pode ser transformado em virtude e arrependimento criando uma saída para os colonos que pecaram até esta data.

Utilizando o modo imperativo, Vieira dirige-se ao auditório, motivando-o a escutar as suas razões: «Estai comigo», e a compreender a verdade do que é declarado.

O texto continua com uma imagem:

«Toma o Demónio pela mão de Cristo, leva-o a um monte mais alto que essas nuvens, mostra-lhe dali os reinos, as cidades, as cortes de todo o mundo e suas grandezas, e diz-lhe desta maneira: - (...) Tudo isto te darei se dobrando o joelho me adorares».

Dirigindo-se pessoalmente ao Demónio, Vieira dá início a uma teatralização, usando interrogações retóricas, anáforas e posteriormente respondendo às questões previamente colocadas:

«Há tal proposta? Vem cá, Demónio: sabes o que dizes, ou o que fazes? É possível que promete o Demónio um mundo por uma só adoração? É possível que oferece o Demónio um mundo por um só pecado? É possível que lhe não parece muito ao Demónio dar um mundo só por uma alma? – Não; porque a conhece, e só quem conhece as cousas as sabe avaliar».

O procedimento é estilisticamente idêntico ao que usara no *Sermão de Santo António* quando se dirigia aos peixes... só que agora o adversário é mais temível. De seguida, o orador apresenta-nos uma proporção / silogismo de forma irónica, acompanhada de um novo silogismo:

«Nós os homens, como nos governamos pelos sentidos corporais e a nossa alma é espiritual, não a conhecemos; e como não a conhecemos, não a estimamos, e por isso a damos tão barata.»

«Porém o Demónio, como é espírito, conhece muito bem o que ela é; e como a conhece, estima-a, e estima-a tanto, que do primeiro lança oferece por uma alma o Mundo todo; porque vale mais uma alma que todo o Mundo.»

Vieira faz então uma invectiva ao auditório utilizando verbos no imperativo: «vede», «aprendamos», «fique-nos», levantando uma hipótese que é reforçada pela apóstrofe «Cristãos», dando-nos no final do excerto seguinte uma noção de verosimilhança, através de uma explicação de tudo:

«Vede se as tentações do Demónio, que nos servem de ruína, nos podem servir de exemplo. Aprendamos sequer do Demónio a avaliar e a estimar nossas almas. Fique-nos, Cristãos, que vale mais uma alma que todo o mundo. E é tão manifesta verdade esta, que até o Demónio, inimigo capital das almas, a não pode negar.»

De seguida, o sermão apresenta um eufemismo: «Mas já que o Demónio nos dá doutrina, quero-lhe eu dar um quinau.» A repreensão anunciada, que agora se segue, serve claramente para rebaixar o Demónio tornando-o menos assustador para o Povo, e por implicatura, para ser visto como alguém que pode ser vencido. Vieira continua a teatralização de forma irónica, com interjeições e repetição anafórica «Tu...»:

«Vem cá, Demónio, outra vez. Tu sábio? Tu astuto? Tu tentador? Vai-te daí, que não sabes tentar. Se tu querias que Cristo se ajoelhasse diante de ti e souberas negociar, tu o renderas. Vais-lhe oferecer a Cristo mundos?! Oh que ignorância!»

A imagem seguinte justifica a argumentação anterior: «Se quando lhe davas o mundo, lhe tiraras uma alma, logo o tinhas de joelhos a teus pés. Assim aconteceu.»; seguindo-se então a passagem bíblica de Judas, como símbolo de um Homem que perdeu a alma.

Vieira utiliza nos seus sermões vários argumentos de raciocínio lógico, acompanhados de interrogações retóricas seguidas de resposta. Vejamos:

«Para que acabemos de entender os homens cegos, que vale mais a alma de cada um de nós, que todo o mundo. As cousas estimam-se e avaliam-se pelo que custam. Que lhe custou a Cristo uma alma, e que lhe custou o mundo? – O mundo custou-lhe uma palavra; uma alma custou-lhe a vida e o sangue todo. Pois se o Mundo custa só uma palavra de Deus, e a alma custa todo o sangue de Deus, julgai se vale mais uma alma que todo o Mundo. Assim o julga Cristo, e assim não pode deixar de o confessar o mesmo Demónio.»

Toda a argumentação do pregador serve para fazer o público entender que vale tudo para encontrar os caminhos da salvação. E por isso continua: para Cristo uma alma vale tanto como para o Demónio, Vieira defende que a alma deve ser cuidada e estimada, devemos desejá-la como Cristo a deseja – pura; e não como o Demónio – vendida:

«E só nós somos tão baixos estimadores de nossas almas, que lhas vendemos pelo preço que vós sabeis! Espantamos que Judas vendesse a seu Mestre a sua alma por trinta dinheiros; e quantos há que andam rogando com ela ao Demónio por menos de quinze! (...) Oh se considerarmos bem os nadas por que vendemos a nossa alma! Todas as vezes que um homem ofende a Deus mortalmente, vende a sua alma».

O orador referia-se ao Português com quem não se identifica – os colonos, e antes de caracterizar os modos como agem, quer sensibilizá-los para a gravidade de alguns pecados que irá indicar.

Tenhamos atenção ao excerto que se segue, à apóstrofe dirigida ao auditório, ao uso dos advérbios de negação, à comparação do espírito/alma a um objecto:

«Eu, Cristãos, não quero agora, nem vos digo que não vendais a vossa alma, porque sei que a haveis de vender; só vos peço que, quando a venderdes, que a vendais a peso. Pesai primeiro o que é uma alma, pesai primeiro o que vale e o que custou; e depois eu vos dou licença que a vendais embora.»<sup>94</sup>(sublinhado nosso)

---

<sup>94</sup> No *Sermão de S. Pedro Nolasco*, Vieira também referencia a compra e venda da alma e do corpo: «O bárbaro vende o corpo que ali tem preso e cativo, e o redentor também compra o corpo: mas não compra

Vieira dá vergastadas no seu auditório com um paradoxo violento, que serve para ressaltar a amargura do pregador perante a actuação pecaminosa dos seus ouvintes/colonos.

Ele prossegue o sermão com uma interrogação retórica seguida de resposta e uma imagem, com intenção de elucidar o auditório, criando várias suposições, conferindo realismo à situação espiritual de onde parte: se a alma não tivesse tanto valor o Demónio não a desejaria:

«Mas em que balança se há-de pesar uma alma? Não nas balanças do juízo final, não; porque são mui falsas. Pois em que balanças? Cuidareis que vos havia de dizer que nas balanças de S. Miguel, o anjo, onde as almas se pesam? – Não quero tanto; digo que a peseis nas balanças do Demónio, e eu me dou por contente. Tomai as balanças do Demónio na mão: ponde de uma parte o Mundo todo e da outra uma alma, e achareis que pesa mais a vossa alma, que todo o Mundo.»<sup>95</sup>

Vieira continua o seu discurso recorrendo a perguntas retóricas, frases exclamativas e interjeições com a intenção principal de mover o auditório e chamar cada vez mais a atenção para um ponto fundamental da sua argumentação: Qual o sentido de cada um perder a alma? Com que finalidade?

«Pergunto: Tomáreis agora algum de vós ser Alexandre Magno? Tomáreis ser Júlio César? – Deus nos livre! – Como, se foram senhores de todo o Mundo?! – É verdade, mas perderam as suas almas. – Oh grande cegueira! (...) Sabeis de que nasce tudo isto? De falta de consideração; de não tomardes o peso da vossa

---

principalmente o corpo, por amor do corpo, senão o corpo por amor da alma. Sabe que a alma é tesouro, e o corpo terra; e compra a terra por amor do tesouro: compra a terra, porque o infiel não semeie nele zizânia, com que venha a arder o tesouro, e mais a terra.» (VIEIRA, Padre António, *Obras Completas do Padre António Vieira*. Porto, Lello & Irmão, Vol. II, 1993, p. 1299-1300.)

<sup>95</sup> Todo o *Sermão do Primeiro Domingo da Quaresma de 1655* se desenvolve em torno da imagem da balança, de que Vieira retira efeitos muito belos: «Nestas balanças, que são como as de São Miguel em que se pesam as almas, de uma parte está a alma, da outra parte o mundo; de uma parte está o temporal, da outra o eterno; de uma parte está a verdade, da outra está a vaidade. E porque nós pomos o nosso afecto e o nosso coração da parte do mundo e da vaidade, esse afecto e esse coração é o que dá à vaidade do mundo o peso que ela não tem, nem pode ter (...) De maneira que o peso não está nas cousas, está no coração com que as amava.» (VIEIRA, Padre António, *Obras Completas do Padre António Vieira*. Porto, Lello & Irmão, Vol. II, 1993, p. 799.)

Para justificar a imagem, bastaria esta reflexão de que o «peso» das coisas não está nelas próprias, mas no afecto que lhe dedicamos. Mas a esta realidade, de certa maneira imanente, que lhe advém da expressão «peso do coração», junta-se outra, que lhe é imposta do exterior. Segundo o ensinamento tradicional da Igreja, existe realmente a balança das almas, a balança de São Miguel, reservada para o dia do Juízo Final, reproduzida com frequência pela escultura gótica.

Foi também numa balança que a nossa alma foi pesada: ela é a cruz sobre a qual, à custa da sua morte, Cristo a resgatou. Isto mostra que uma alma não pesa menos que o próprio Deus. Aqui a aproximação entre balança e a cruz parece inspirar-se numa semelhança puramente visual, o que a tornaria menos convincente.

alma (...) Que aproveita o homem lucrar todo o mundo e perder a sua alma? (...) Oh que cousa há no mundo, pelo qual se possa uma alma trocar?»

O texto prossegue com uma enumeração de série de sentimentos, numa gradação que acaba por isolar a alma, como algo que está fora das avaliações de todos os dias e dos códigos venais.

«Todas as coisas deste Mundo têm outra por que se possam trocar. O descanso pela fazenda, a fazenda pela vida, a vida pela honra, a honra pela alma; só a alma não tem por que se trocar.»

Na tentativa de tornar o seu texto mais sólido em termos argumentativos, Vieira justifica as suas razões espirituais com palavras do filósofo Séneca: «Não há cousa para connosco mais vil, que nós mesmos.»

O sermão continua com uma sucessão de perguntas retóricas dirigidas directamente aos colonos, onde Vieira apresenta uma comparação entre o valor da alma e dos bens materiais como os escravos ou os cavalos, dirigindo totalmente o discurso para o público. Agora, o sermão passa da indefinição da terceira pessoa, para o possessivo «vossa alma», individualizando os receptores do sermão: aqueles que o ouvem e que não dão a devida atenção à sua alma e à vida eterna.

«Se vos querem comprar a casa, o canavial, o escravo ou o cavalo, não lhe pondeis um preço muito elevado e não o vendeis muito bem vendido? (...) a vossa alma, que vale mais que o Mundo todo; a vossa alma, que custou tanto como o sangue de Jesus Cristo, porque a haveis de vender tão vil e baixamente? Que vos fez? Que vos desmereceu a triste alma? Não a tratareis sequer como o vosso escravo e como o vosso cavalo?»

Surge então no texto uma hipótese irónica e antitética, seguida imediatamente por uma apóstrofe:

«Se vos perguntam, acaso, porque não vendeis a vossa fazenda por menos do que vale, dizeis que a não quereis queimar?! Ainda mal, porque a haveis de queimar e porque há-de arder eternamente. Ora, Cristãos, não seja assim; aprendamos ao menos do Demónio a estimar nossa alma.»

De seguida, o orador dá a conhecer ao auditório uma imagem, pretendendo movê-lo:

«Vejamos o que o Demónio hoje fez a uma alma alheia, para que nós nos corramos e confundamos do pouco que fazemos

pelas próprias. Vai-se o Demónio ao deserto, está-se nele quarenta dias e quarenta noites, como se fora um anacoreta; e em todo este tempo esteve vigiando e espreitando ocasião (...) não repara em dar de uma só vez o Mundo todo.»

O sermão continua com uma enumeração de pensamentos apresentados num jogo de simetrias compostas com a conjunção integrante «que» em forma de anáfora. São usadas frases exclamativas que constroem um paralelismo antitético entre o *Eu/Vieira* e o *Outro* (colonos), bem como o Demónio, isto é, através destes, Vieira auto-define-se por alteridade.

<b>Que ...</b> o Demónio faça tudo isto por uma alma alheia;	<b>e que ...</b> façamos nós tão pouco pela própria!
se ponha o Demónio quarenta dias no deserto para me tentar	eu nos quarenta dias da Quaresma não tome um quarto de hora de retiro para lhe saber resistir!
vigie o Demónio e espreite todas as ocasiões para me condenar;	deixei eu passar tantas da minha salvação e ocasiões que, uma vez perdidas, não se podem recuperar!
vá o Demónio ao templo de Jerusalém distante tantas léguas, para me despenhar ao pecado;	tenho eu a alegria à porta, não me saiba eu meter em um canto dela, como o publicano, para chorar os meus pecados!
o Demónio, para me persuadir, estude e alegue os Livros Sagrados;	eu não abra um só espiritual, para que Deus fale comigo, já que eu não sei falar com ele!
o Demónio, vencido a primeira e segunda vez, insista, e não desanime para me render,	se comecei acaso alguma obra boa, à primeira dificuldade desista, e não tenha consciência nem perseverança em nada!
o Demónio, para me fazer cair, desça vales e suba montes;	eu não dê um passo para me levantar, tendo dado tantos para me perder!
o Demónio, para granjear a minha alma, não repare em dar no primeiro lanço o Mundo todo;	eu estime a minha alma tão pouco, que bastem os mais vis interesses do Mundo para a entregar ao Demónio!
Oh miséria! Oh cegueira!	

O capítulo termina com as primeiras referências directas aos índios do Brasil, aqueles com quem Vieira se identificava, os desfavorecidos que tentava ajudar e animar. Continua a ser usada a ironia, a anáfora e enumeração negativa e gradativa, evidencia-se também uma imagem diabólica e um quiasmo hiperbólico. A gradação continua a fazer-se à volta do Demónio que foi invocado pelo pregador no começo do sermão, para

interpretar os comportamentos venais à sua volta, algo que ainda não abandonou o discurso do sermão.

«Já nesta nossa terra, vos digo eu! Nenhuma feira tem o Demónio no Mundo, onde lhe saiam mais baratas; no nosso Evangelho ofereceu todos os reinos do Mundo por uma alma; no Maranhão não é necessário ao Demónio tanta bolsa para comprar todas, não é necessário oferecer mundos; não é necessário oferecer reinos; não é necessário oferecer cidades, nem vilas, nem aldeias. Basta acenar o Diabo com um tujupar de pindoba<sup>96</sup> e dois tapuias<sup>97</sup>; e logo está adorado com ambos os joelhos (...) Oh que feira tão barata! Negro por alma; e mais negra ela que ele! Esse negro será teu escravo esses poucos dias que viver; e a tua alma será minha escrava por toda a eternidade, enquanto Deus for Deus. Este é o contrato que o Demónio faz convosco; e não só lho aceitais, senão que lhe dais o vosso dinheiro em cima!»

António Vieira refere-se à ambição e cegueira dos colonos portugueses que se apoderavam dos índios para trabalharem como escravos nas suas fazendas, sem parecerem perceber que, por essa avareza se iriam tornar eles próprios escravos do Demónio.

Nos capítulos III a V, Vieira confirma esta situação com o exemplo bem específico que se vive no Maranhão, onde os colonos vendem a sua alma por um simples aceno de “tapuias”. O orador aproveita a ocasião para referir o pedido de Deus para a Quaresma desse mesmo ano: terminar com as injustiças praticadas contra os índios, libertando-os.

É esta a causa das pragas e castigos emanados pela Divina Providência, que só podem ser contra-atacados com a prática do bem, libertando as consciências destes cristãos.

O **terceiro capítulo** inicia-se com uma acumulação de adjectivos no grau superlativo relativo de superioridade, terminando a frase com o adjectivo no grau oposto (superlativo relativo de inferioridade). Ainda mais importante é a apóstrofe inicial «Senhores meus», onde o possessivo é colocado numa posição de evidência, pretendendo Vieira criar um momento de identificação e de troca de impressões do pastor religioso com as suas ovelhas.

---

<sup>96</sup> Palhiço de negros ou índios.

<sup>97</sup> Raça nativa do Brasil.

«Senhores meus, somos entrados à força do Evangelho na mais grave e mais útil matéria, que tem este Estado. Matéria em que vai ou a salvação da alma, ou o remédio da vida, vede se é grave e se é útil. É a mais grave, é a mais importante, é a mais intrincada; e sendo a mais útil, é a menos gostosa.» (sublinhado nosso)

Embora relutantemente, Vieira viu-se obrigado a subir ao púlpito, porque o seu tema é verdadeiro, isto é, visto que os colonos não o querem ouvir este vai antes pregar aos índios, na medida em que acredita que neles a sua pregação tem mais fruto. Deve ser dada especial atenção à gradação existente na terceira frase do excerto:

«Por esta última razão de menos gostosa, tinha eu determinado de nunca vos falar nela; e por isso também de não subir ao púlpito. Subir ao púlpito para dar desgosto, não é de meu Ânimo, e muito menos a pessoas a quem eu desejo todos os gostos e todos os bens. Por outro lado, subir ao púlpito e não dizer a verdade, é contra o ofício, contra a obrigação e contra a consciência; principalmente em mim, que tenho dito tantas verdades, e com tanta liberdade, e a tão grandes ouvidos. Por esta causa resolvi trocar um serviço de Deus por outro: e ir-me doutrinar os índios por essas aldeias.»

O orador novamente constrói a sua identidade através da sua identificação com os índios. Este auto-define-se no próprio texto como verdadeiro, bem como, evangelizador de índios.

A monumental síntese de Serafim Leite sobre a acção dos jesuítas no Brasil permite-nos ver, de forma sistemática, o que se fazia no plano catequético e da pregação aos nativos. “Até se diz nomeadamente que os hábitos dos índios se europeizavam à medida dos modos de pregar onde apenas se mantinham a exuberância dos gestos”.<sup>98</sup>

Tal como em todos os sermões do orador, encontramos neste sermão mais uma interrogação retórica seguida de uma passagem bíblica (Isaías, cap. LVIII), palavra de Deus retirada do Evangelho e traduzida por Vieira. Mais uma vez estamos perante uma nítida auto-definição e definição/identificação com o seu grupo, com a sua comunidade, a Companhia de Jesus:

«Pergunto-vos: - Qual é melhor amigo: aquele que vos avisa do perigo, ou aquele que, por vos não dar pena, vos deixa perecer nele? (...) «*Brada, pregador, e não cesses; levanta a tua voz como trombeta, desengana o teu povo, anuncia-lhe seus pecados, e diz-lhe o estado em que estão.*»

---

<sup>98</sup> MARQUES, João Francisco, *A Parenética e a Restauração 1640 – 1668*. Porto, INIC, 1989, p. 47.

Vieira refere ainda: «Não vos assombre, Senhores, o pregão, que, como é pregão de Deus, eu vos prometo que seja mais brando e mais benigno que o do rei.», usando uma comparação antitética entre o pregão de Deus que é mais brando e o pregão do Rei.

«E sabes porque quero que desenganes este meu povo, e porque quero que lhe declares seus pecados? Porque são uns homens, diz Deus, que me buscam todos os dias, e fazem muitas cousas em meu serviço, e sendo que têm gravíssimos pecados de injustiças, vivem tão desassustados, como se estiveram em minha graça»

De salientar, a comparação antitética do final do excerto, bem como, uma das tentativas de caracterização dos nativos.

O texto prossegue com várias perguntas retóricas dirigidas directamente ao auditório. Vieira aproveita para, como do seu costume, dar a resposta a estas questões, obrigando os ouvintes a aceitar o óbvio. Verifica-se uma constante repetição do verbo “saber” que guarda implicaturas múltiplas, especialmente ligado aos nomes que se seguem – primeiro, «Cristãos», depois, «nobreza e povo do Maranhão...» - mas antes de mais nada Cristãos como ele, o pregador, que com eles partilha das palavras e dos princípios do amor. Ainda se verifica o uso de antíteses, da anáfora «todos» e de uma enumeração gradativa com sentido de ameaça:

«Sabeis, Cristãos, sabeis, nobreza e povo do Maranhão, qual é o jejum que quer Deus de vós esta Quaresma? Que solteis as ataduras da injustiça, e que deixeis ir livres os que tendes cativos e oprimidos» (...) «Estes são os pecados do Maranhão; estes são os que Deus me manda que vos anuncie (...) Cristãos, Deus me manda enganar-vos, e eu vos enganano da parte de Deus. Todos estais em pecado mortal; todos vos ides direitos ao Inferno. Já lá estão muitos, e vós também estareis cedo com eles, se não mudardes de vida.»

«Pois valha-me Deus! Um povo inteiro em pecado?! Um povo inteiro ao inferno?! – quem se admira disto, não sabe que cousa são cativeiros injustos.»

Eis a descrição das relações entre colonos e nativos, entre Portugueses e índios, entre o que pode ser bom e generoso (porque Cristão) e o *Outro* visto como algo primitivo.

Para justificar os seus argumentos, o orador utiliza a imagem bíblica dos filhos de Israel quando desceram ao Egipto. De destacar, a enumeração do final do excerto seguinte:

«Desceram os filhos de Israel ao Egipto, e depois da morte de José, cativou-os El-rei Faraó e servia-se deles como escravos. Quis Deus dar liberdade a este miserável povo, mandou lá Moisés, e não lhe deu mais escolha que uma vara. Achou Deus que para pôr em liberdade cativos, bastava uma vara, ainda que fosse libertá-los de um rei tão tirano como o Faraó e de uma gente tão bárbara como a do Egipto. Não quis o Faraó dar liberdade aos cativos: começaram a chover as pragas sobre ele. A terra se convertera em rãs; e o ar se convertia em mosquitos; e os rios se convertiam em sangue; as nuvens se convertiam em raios e coriscos; todo o Egipto assombrado e perecendo!»

Novamente surgem interrogações retóricas seguidas de resposta: «Sabeis quem traz as pragas às terras? – Cativados injustos. Quem trouxe ao Maranhão e praga dos holandeses? Quem trouxe a praga das bexigas? Quem trouxe a fome e a esterilidade? – Estes cativados.» A frase torna-se agora curta, incisiva, quase martelada, porque o pregador pretende uma resposta imediata do seu auditório; e depois da explicação inicial que refere os cativados injustos; pretende-se que o público apenas repita o que foi dito.

Segue-se então uma enumeração de hipóteses nas quais podemos observar a conjunção condicional «se» em que a ironia é evidente. Surgem mais descrições dos índios do Brasil.

«Sabeis porque não dais liberdade aos escravos mal havidos? – Porque não conheceis a Deus. Falta de fé é causa de tudo. Se vós tivéreis verdadeira fé, se vós crêeis verdadeiramente na imortalidade da alma, se vós crêeis que há Inferno para toda a eternidade, bem me ria eu que quisésseis ir lá pelo cativado de uma Tapuia.» (sublinhado nosso)

O ataque é agora mais directo: os colonos não conheciam Deus. Logo, estão a caminho do Inferno. De novo, a imagem do Demónio presente vem lembrar o diálogo com os Portugueses e ressaltar o papel de Vieira como homem de Deus.

Vieira justifica os seus argumentos fazendo um paralelismo entre os cativados do Maranhão (colonos) e Egipto (Faraó). Vejamos, assim, a descrição de um tipo de *Outro* como avarentos, idólatras e cobiçosos:

«Com que confiança vos parece que disse hoje o diabo: se dobrando o joelho me adorares? – Com a confiança de lhe ter oferecido o Mundo. Fez o Demónio este discurso: - Eu a este homem ofereço-lhe tudo; se ele é cobiçoso e avarento, há-de aceitar; se aceita, sem dúvida me adora, idolatrando; porque a cobiça e avareza são a mesma idolatria (...) Tal foi a avareza do Faraó em querer reter, e não dar liberdade aos filhos de Israel; confessando injustamente que não conhecia Deus (...) o que fez foi que, fugindo todos os Isrealitas cativos; sai o mesmo rei Faraó

com todo o poder do seu reino para tornar ao cativeiro; e que aconteceu? – Abre-se o Mar Vermelho, para que passassem os cativos a pé enxuto que sabe Deus fazer milagres para libertar cativos. Não cuideis que mereceram isto os Hebreus por suas virtudes, porque eram piores que esses Tapuias».

O sermão continua com um silogismo composto por um jogo de palavras (cuidar/saber): «todos, ou quase todos os homens do Maranhão devem serviços e liberdades alheias, e podendo restituir não restituem, logo, todos ou quase todos se condenam. Dir-me-eis que ainda que isto fosse assim, que eles o não cuidavam, nem o sabiam; e que a sua boa-fé os salvaria.»

O jogo de palavras continua, desta feita, com uma imagem hiperbólica e pergunta retórica seguida de resposta, partindo sempre do trocadilho «saber»/«cuidar», desenvolvendo a polissemia desses vocábulos. Lembramos que «saber», neste sermão, tem diferentes sentidos; no início do sermão já se verificou isso, quando o pregador joga com os conceitos de «saber» / «conhecer» e «saber» / «ter sabedoria». Aqui, o pregador faz a mesma coisa com o vocábulo «cuidar» utilizado com sentido de “julgar” ou “ter cuidado”. Vieira justifica o seu texto com três tipos de condenação – certeza, dúvida e ignorância; é pois um processo de acumulação:

«Nego tal: sim, cuidavam, e sim, sabiam, como também vós o cuidais e o sabeis; e se o não cuidavam, nem o sabiam, deveram cuidá-lo e sabê-lo. A uns condena-os a certeza, a outros a dúvida, a outros a ignorância. Aos que têm a certeza, condena-os o não restituírem; aos que têm dúvida, condena-os o não examinarem; aos que têm ignorância, condena-os o não saberem, quando tinham obrigação de saber. Ah se agora se abriam essas sepulturas e aparecera aqui um dos que morreram neste infeliz estado, como é certo que ao fogo das suas lavaredas havíeis de ler claramente esta verdade! Mas sabeis porque Deus não permite que vos apareça? (...) não é necessário que vá de cá do Inferno quem lhe apareça e lhe diga a verdade».<sup>99</sup>

O capítulo termina com uma apóstrofe dirigida directamente ao auditório, com o uso dos verbos no imperativo e o uso de perguntas retóricas:

«Meus irmãos, se há quem duvide disto, aí estão as leis, aí estão os letrados, perguntai-lho. Três religiões tendes neste Estado, onde há tantos sujeitos e tantas virtudes e tantas letras; perguntai, examinai, informai-vos. Mas não é necessário não às religiões, ide à Turquia, ide ao inferno, porque não pode haver turco tão turco na Turquia, nem demónio tão endemoninhado no Inferno, que diga que um homem livre pode ser cativo. Há algum de vós só com o lume natural, que o negue? Pois em que duvidais?»

---

<sup>99</sup> Esta ideia de restituição de bens também foi mencionada no *Sermão do Bom Ladrão*.

A introdução ao **quarto capítulo** surge com uma pergunta retórica seguida de resposta, na qual Vieira faz queixa do povo do Maranhão:

«Vejo que me dizeis: - Bem estava isso, se nós tivéramos outro remédio; e com o mesmo Evangelho nos queremos defender. Qual foi a mais apertada tentação: a primeira ou a segunda? (...) e um homem pode viver sem reinos e sem impérios, mas sem pão para a boca não pode viver: e neste aperto vivemos nós.»

O excerto seguinte, introduz uma expressão pleonástica em que a enumeração é gradativa, dando ao verbo “sustentar” uma intenção de crítica. Também neste excerto verificamos uma nova sucessão de perguntas retóricas construídas a partir de anáforas («Quem»; «Hão-de»), para introduzir uma enumeração gradativa. Na última frase evidencia-se uma apóstrofe hiperbólica. Muito ao gosto vieiriano, no meio do trecho argumentativo, o pregador introduz um elemento de suspense, cuja função é manter o público mais interessado: «como logo vereis»

«Este povo, esta república, este estado, não se pode sustentar sem índio. Quem nos há-de ir buscar um pote de água ou um feixe de lenha? Quem nos há-de fazer duas covas de mandioca? Hão-de ir nossas mulheres? Hão-de ir nossos filhos? – Primeiramente não são estes os apertos em que vos hei-de pôr, como logo vereis; mas quando a necessidade e a consciência obriguem a tanto, digo que sim, e torno a dizer que sim: que vós, que vossas mulheres, que vossos filhos, e que todos nós nos sustentássemos dos nossos braços; porque melhor é sustentar do suor próprio, que do sangue alheio. Ah fazendas do Maranhão, que se esses mantos e essas capas se torceram, haviam de lançar sangue!»

Mais uma vez, o orador caracteriza os colonos, apresentando a escravidão a que sujeitam os índios nativos através de uma das imagens mais cruas de toda a sua oratória: «... essas capas se torcessem, haviam de lançar sangue».

Na metáfora seguinte, Vieira pretende justificar os seus argumentos anteriores com o exemplo da vida humilde de Cristo:

«Filho de Deus era Cristo, e ganhava com um instrumento mecânico o com que sustentava a vida, que depois havia de dar por nós. Faz isto por nós o mesmo Deus; e nós desprezar-nos-emos de fazer outro tanto por guardar a sua lei?!»

«Direis que os vossos chamados escravos são os vossos pés e mãos; e também podereis dizer que os amais muito, porque os criastes como filhos e porque vos criaram os vossos.»

O argumento seguinte baseia-se no real, Vieira utiliza a metáfora de uma forma enriquecida, pois utiliza uma conjunção condicional, dando assim a informação sob forma de hipótese. Com tal, pretende criticar as atitudes dos colonos:

«O mercador ou passageiro que vem da Índia ou do Japão, muito estima as drogas, que tanto lhe custaram lá; mas se a vida periga, vai tudo ao mar para que ela se salve.<sup>100</sup> O mesmo digo no caso: se para segurar a consciência e para salvar a alma, for necessário perder tudo e ficar como um Job, perca-se tudo.»

Vieira tenta cativar o auditório, afirmando que nem tudo está perdido e que não há necessidade de muito sacrifício; dando-lhes ânimo, pede-lhes também que tenham atenção às suas explicações. No nosso entender, a utilização do argumento do absoluto anteriormente, torna agora o sacrifício pedido bem menor, por contraposição.

«Mas, bom ânimo, Senhores meus, que não é necessário chegar a tanto, nem a muito menos! (...) com muito pouca perda temporal se podem segurar as consciências de todos os moradores deste estado, e com muito grandes interesses se podem melhorar suas conveniências para o futuro. Dai-me atenção.»

É neste momento que é introduzida a descrição fundamental dos nativos, como Vieira os via. Para isso, o pregador serve-se da conjunção disjuntiva associada a uma conjunção causal “ou... como”. É-nos dada uma imagem por antonomásia e Vieira usa frequentemente a dupla e tripla adjectivação:

«Todos os índios deste estado, ou são os que vos servem como escravos, ou os que moram nas aldeias de El-Rei como livres, ou os que vivem no sertão em sua natural e ainda maior liberdade, os quais por esses rios se vão comprar ou resgatar (como dizem) dando o piedoso nome de resgate a uma venda tão forçada e violenta, que talvez se faz com a pistola nos peitos. Quanto àqueles que vos servem, todos nesta terra são herdados, havidos e possuídos de má-fé, segundo a qual não farão pouco (ainda que o farão facilmente) em que vos perdoar todo o serviço passado. Contudo, se depois de lhes ser manifesta esta condição de sua liberdade, por serem criados em vossa casa e com vossos filhos, ao menos os mais domésticos, espontânea e voluntariamente vos quiserem servir e ficar nela, ninguém, enquanto eles tiverem esta vontade, os poderá apartar de vosso serviço.»

Se os Jesuítas tinham de aceitar a escravatura por uma questão económica da colónia, muitos se revoltavam como Vieira com a apanha desenfreada dos índios nas

---

<sup>100</sup> Sabemos que em termos reais tal não acontecia. Aí está a *História Trágico Marítima* para confirmar os abismos de ganância a que os Portugueses desciam em todo o Império.

aldeias deles como se estivéssemos numa caçada. Pelo menos, no caso dos negros, muitos deles já eram escravos nos seus reinos.

O texto prossegue com uma pergunta retórica: «E que se fará a alguns deles, que não quiserem continuar nesta sujeição?»

A resposta é-nos dada de imediato, usando Vieira como recursos expressivos o eufemismo e a comparação, para apoiar uma argumentação realista e soluções que agradem a Companhia e os colonos. Novamente se evidencia a presença do *Outro*, quer através dos colonos vistos como completamente exteriores à realidade dos princípios jesuítas, quer os índios nativos sentidos como matéria de evangelização e como vítimas. Tal como no excerto anterior:

«Estes serão obrigados a ir viver nas aldeias de El-Rei, onde também vos servirão na forma que logo veremos. Ao sertão se poderão fazer todos os anos entradas, em que verdadeiramente se resgatem os que estiverem (como se diz) em cordas, para ser comidos, e se lhe comutará esta crueldade em perpétuo cativo. Assim serão também cativos todos os que sem violência forem vendidos como escravos de seus inimigos, tomados em justa guerra; da qual serão juízes o Governador de todo o Estado, o Ouvidor geral, o Vigário do Maranhão ou Pará, e os Prelados das quatro religiões, Carmelitas, Franciscanos, Mercenários e da Companhia de Jesus. Todos os que deste juízo saírem qualificados por verdadeiramente cativos, se repartirão aos moradores pelo mesmo preço por que foram comprados.»<sup>101</sup>

De novo uma interrogação retórica: «E os que não constar que a guerra, em que foram tomados, fora justa, que se fará deles?»

Como resposta, Vieira vai definir os diferentes tipos de índios:

- inteiramente cativos (de corda, de guerra justa, os que livre e voluntariamente quiserem servir);
- meios cativos (os das antigas e novas aldeias, que se sujeitam a servir e ajudar metade do tempo da sua vida).

Vejamos:

«Todos serão aldeados em novas povoações, ou divididos pelas aldeias que hoje há; donde, repartidos com os demais índios delas pelos moradores, os servirão em seis meses do ano,

---

<sup>101</sup> Sobre este assunto o *Sermão de S. Pedro Nolasco* refere: «aos religiosos da redenção dos cativos, mais lhes custam os resgates, que os resgatados; porque os resgatados compram-nos dando; os resgates compram-nos pedindo. Para comprar os resgatados, dão uma vez: para comprar os resgates, pedem muitas vezes». (VIEIRA, Padre António, *Obras Completas do Padre António Vieira*. Porto, Lello & Irmão, Vol. II, 1993, p. 1290.)

alternadamente, de dois em dois, ficando os outros seis meses para tratarem de suas lavouras e famílias. De sorte que, desta forma, todos os índios deste Estado servirão aos Portugueses; ou como própria e inteiramente cativos, que são os da corda, os da guerra justa e os que livre e voluntariamente quiserem servir, como dissemos dos primeiros; ou como meios cativos, que são todos os das antigas e novas aldeias, que sendo livres, se sujeitarão a nos servir e ajudar a metade do tempo de sua vida.»

O texto continua com a ironia de sempre: «Só resta saber qual será o preço destes que chamamos *meios cativos* ou *meios livres*, com que se lhes pagará o trabalho do seu serviço. É matéria de que se rirá qualquer outra nação do mundo, e só nesta terra se não admira.»

O capítulo dá-se por terminado com a seguinte metáfora, onde reina a ironia:

«O dinheiro desta terra é pano de algodão, e o preço ordinário por que servem os índios e servirão cada mês são duas varas deste pano, que valem dois tostões! De onde se segue que por menos de sete reis de cobre servirá um índio cada dia! Causa que é indigna de se dizer, e muito mais indigna de que, por não pagar tão leve preço, haja homens de entendimento e de cristandade que queiram condenar suas almas e ir ao Inferno.»

O **quinto capítulo**, e último pertencente à confirmação, inicia-se com uma anáfora e duas interrogações retóricas:

«Pode haver cousa mais moderada? Pode haver cousa mais posta em razão que esta? Quem se não contentar e não satisfazer disto, uma de duas: ou não é cristão ou não tem entendimento. E senão, apertemos o ponto, e pesemos os bens e os males desta proposta.»

Vieira faz uma promessa ao seu auditório. Depois, em tom de justificação, o orador apresenta uma sucessão de perguntas retóricas seguidas de respostas, com a intenção final de convencer o seu público:

«O mal é um só, que será haverem alguns particulares de perder alguns índios, que vos prometo que sejam mui poucos. Mas aos que nisto repararem pergunto: - morreram-vos já muitos índios? Fugiram-vos já alguns índios? – Muitos. – Pois o que faz a morte, porque o não fará a razão? O que faz o sucesso da fortuna, porque o não fará o escrúpulo da consciência? Se vieram as bechigas e vo-las levaram todos, que havíeis de fazer? Havíeis de ter paciência. Pois não é melhor perdê-los por serviço de Deus, que perdê-los por castigo de Deus? Isto não tem resposta.»<sup>102</sup>

---

<sup>102</sup> Mas existem outros sermões que se relacionam directamente com a questão dos índios, os nativos do Brasil que tanto são perseguidos, como é o caso do *Sermão da Primeira Oitava da Páscoa* (1656). Estabelecendo um paralelo entre os trabalhos das minas e os das lavouras, descreve os nativos «aqueles infelizes Ciclopes» da seguinte forma: «Agora vos pergunto eu: E estes martírios das minas, se as vossas

Continuando a convencer o auditório, Vieira apresenta os benefícios que os colonos poderão ter se seguirem os preceitos de Deus. Faz então uma enumeração gradativa onde predomina o futuro como tempo verbal, já que Vieira não queria que o auditório esquecesse que tudo isto consta de uma proposta futura cuja realização é desejada pela Companhia de Jesus. Também são usadas hipérboles nas descrições dos bens e a metáfora do pão; Vieira vai sistematizar agora as vantagens obtidas em seguir estes preceitos:

«Vamos aos bens, que são quatro os mais consideráveis: o primeiro é ficardes com as consciências seguras. Vede que grande bem este. Tirar-se-à este povo do estado de pecado mortal; vivereis como cristãos, confessar-vos-eis como cristãos, morrereis como cristãos, testareis os bens como cristãos; enfim, ireis ao Céu, não ireis ao inferno, ao menos, certamente, que é triste cousa.»

«O segundo bem é que tirareis de vossas casas esta maldição. Não há maior maldição numa casa, nem numa família, que servir-se com suor e com sangue injusto. Tudo vai para trás; nenhuma coisa se logra; tudo leva o Diabo. (...) vede-o nestes que tiram muito pão do Maranhão, vede se o digeriu algum, ou se lhe logrou algum. Houve quem se lhe atravessou na garganta, que nem confessar-se pôde.»

«O terceiro bem é que, por este meio, haverá muitos resgates, com que se tirarão muito índios; que doutra maneira não os haverá. Não dizeis vós que este estado não se pode sustentar sem índios? Pois se os sertões se fecharem, se os resgates se proibirem totalmente, mortos estes poucos índios que há, que remédio

---

se descobrissem, quem os havia de padecer? (...) mas quem haviam de ser senão os seus escravos? (...) Sobretudo, se tantos milhares de índios se têm acabado e consumido em tão poucos anos, e com tão leve trabalho, como o das vossas lavouras, onde se haviam de ir buscar outros que suprissem e suportassem quanto tenho dito? E quais haviam de ser os que vendo-se enterrar vivos naquelas furnas, não fugissem para onde nunca mais aparecessem, levando o mesmo medo com eles aos demais?» (VIEIRA, Padre António, *Obras Completas do Padre António Vieira*. Vol. II, Porto, Lello & Irmão, 1993, p. 704-706.) Também o *Sermão da Quarta Domingo da Quaresma* (1657) faz a mesma referência: «É pecado geral do Brasil deitar a moer ao dia santo. Deus deu à Terra um dia na semana para descansar; vós não quisestes que descansasse, e louvasse a Deus um dia; pois descansará agora toda a semana, e todo o mês, e todo o ano, e tantos anos. Senhores, porque cuidais que vos morreram as peças? Porque cuidais que vos fogem e desaparecem? Porque cuidais que se arruinam e desfabricam, e estão feitos taperas tantos engenhos? Eu vo-lo direi: por descuido, e pelo zelo desta capitania. Não mandais o vosso escravo ao domingo à igreja? Pois que faz Deus? Já que vós não obedeceis ao meu preceito, e não quereis que o vosso escravo venha um dia na semana à igreja, eu vo-lo matarei, e virá estar toda a semana no adro. Sabeis que fazem ali os vossos escravos? Estão para ouvirem as missas, que vós lhes não fizestes ouvir. Por cobiça de lavar e granjear mais, mandastes trabalhar o vosso escravo ao dia santo; que faz Deus? Deixa-o fugir para o mato, e que nunca mais apareça; e agora anda folgando sete dias da semana, porque vós não quisestes que descansasse um só. Por fazer as seis tarefas redondas mandaste deitar a moer ao domingo à tarde; e Deus que faz? Dispõe que tendes mais perdas no mar e na terra, que não possais sustentar a fábrica, e que não moais nem uma só tarefa. Sabeis que faz agora a tapera do engenho? Está guardando os dias santos, que seu dono lhe não deixou guardar.» (VIEIRA, Padre António, *Obras Completas do Padre António Vieira*. Vol. II, Porto, Lello & Irmão, 1993, p. 69.)

tendes? Importa logo haver resgates, e só por este meio se poderão conceder.»

«Quarto e último bem, que feita uma proposta nesta forma, será digna de ir às mãos de Sua Majestade, e de que sua Magestade aprove e confirme»

Argutamente, estas quatro vantagens reúnem o espiritual com o temporal sendo transformadas em soluções ideais: assim os colonos salvam a consciência, a alma, não são castigados por Deus e ficam mais ricos.

O excerto seguinte apresenta-se sob a forma de proporção entre o lícito/justo e o ilícito/injusto:

«Quem pede o ilícito e o injusto, merece que lhe neguem o lícito e o justo; e quem requer com consciência, com justiça e com razão merece que lha façam. Vós sabeis a proposta que aqui fazíeis? (...)»

É devido às propostas injustas dos colonos, à violação das leis do amor cristão e da justiça básica que Vieira não identifica a sua imagem de Português com os colonos, pois as suas propostas são diferentes e baseadas nos princípios da Igreja.

O capítulo termina com uma imagem hiperbólica. Como figuras de estilo evidenciam-se neste excerto a enumeração e a repetição do pronome indefinido «todos», enfatizando o empenhamento colectivo na transformação da situação injusta:

«O mesmo passa nos índios. El-Rei poderá mandar que os cativos sejam livres; mas que os livres sejam cativos não chega lá sua jurisdição. Se tal proposta fosse ao Reino, as pedras da rua se haviam de levantar contra os homens do Maranhão. Mas se a proposta for lícita, se for justa, se for cristã, as mesmas pedras se porão de vossa parte, e quererá Deus que não sejam necessárias pedras, nem pedreiras. Todos assinaremos, todos informaremos, todos ajudaremos, todos requereremos, todos encomendaremos a Deus, que ele é o Autor do bem e não pode deixar de favorecer intentos tanto de seu serviço. E tenho dito.» (sublinhado nosso)

Era pois este o objectivo de Vieira: convencer os colonos da necessidade de correcções legais à situação que se vivia; tudo em nome do ideal cristão.

Verifica-se no desenrolar da **peroração** que este adverte mais uma vez os colonos à cessação das práticas aleatórias de cativo aos índios, podendo assim salvar as suas almas do inferno. Vieira demonstra que os índios estão predispostos a servi-los mas sem a opressão do cativo injusto.

O excerto seguinte é rico em dupla e tripla adjectivação e repetições, bem como, enumeração de hipóteses; já que lançada a ideia que Vieira queria divulgar, é necessário repeti-la até ser aceite totalmente, até obter a aquiescência do auditório. Parece-nos também de destacar, o processo contedúístico utilizado na apóstrofe em que o pregador utiliza uma fórmula popular e emotiva «Cristãos e Senhores da minha alma» para aproximar os seus ouvintes.

«Ora, Cristãos e Senhores da minha alma, se estas verdades e desenganos que acabo de vos dizer; se nesta minha breve proposta consiste todo o vosso bem e toda a vossa esperança espiritual e temporal; se só por este caminho vos podeis salvar e livrar vossas almas do Inferno; se o que se perde, ainda temporalmente, é tão pouco, e pode ser que não seja nada, e as conveniências e bens que daí se esperam são tão consideráveis e tão grandes; que homem haverá tão mau cristão, que homem haverá tão mal entendido, que homem haverá tão esquecido de Deus, tão cego, tão desleal, tão inimigo de si mesmo, que se não contente de uma cousa tão justa e tão útil, que a não queira, que a não aprove, que a não abrace?»

A imagem que o orador nos apresenta de seguida pretende continuar a mexer com os sentimentos do auditório, através da repetição insistente do verbo «dêmos»; num ritmo ascendente que alarga progressivamente a importância do acto de dar.

«Por reverência de Jesus Cristo, Cristãos, e por aquele amor com que aquele Senhor hoje permitiu ser tentado, para nos ensinar a ser vencedores das tentações, que metamos hoje o Demónio debaixo dos pés, e que vençamos animosamente esta cruel tentação, que a tantos nesta terra tem levado ao Inferno e nos vai levando também a nós! Dêmos este triunfo ao Céu, dêmos este pesar ao Inferno, dêmos este remédio à terra em que vivemos, dêmos esta honra à Nação Portuguesa, dêmos este exemplo à Cristandade, dêmos esta fama ao Mundo!»

O excerto seguinte apresenta-se sob forma de amplificação, através de argumentos baseados no real e enfatizados pela anáfora com a expressão «Saiba». De salientar, também a sequência de interrogativas retóricas:

«Saiba o Mundo, saibam os Hereges e os Gentios que não se enganou Deus, quando fez os Portugueses conquistadores e pregadores de seu santo nome. Saiba o mundo que ainda há verdade, que ainda há temor de Deus, que ainda há alma, que ainda há consciência, e que não é o interesse tão absoluto e tão universal senhor de tudo, como se cuida. Saiba o mundo que há quem por amor de Deus e da sua salvação mete debaixo dos pés interesses. Quanto mais, Senhores, que isto não é perder interesses, é multiplicá-los, é acrescentá-los, é semeá-los, é dá-los à usura. Dizei-me, cristãos, se tendes fé: os bens deste mundo,

quem é que os dá? Quem é que os reparte? Dizeis-me que Deus. Pois pergunto: - Qual será melhor diligência para mover a Deus a que vos dê muitos bens: servi-lo, ou ofendê-lo? Obedecer e guardar a sua Lei, ou quebrar todas as leis? Ora tenhamos fé e tenhamos uso da razão!»

A peroração prossegue com a explicação de Vieira para pôr fim ao oportunismo dos colonos perante os nativos: «Deus para vos sustentar e para vos fazer ricos não depende de que tenhais um Tapuia mais ou menos.»

O texto continua com nova sucessão de questões retóricas sempre reforçativas e complementares em relação ao anterior: «Não é melhor ter dois escravos que vos vivam vinte anos, que ter quatro que vos morram ao segundo? Não rendem mais dez caixas de açúcar que cheguem a salvamento a Lisboa, que quarenta levadas a Argel ou Zelanda?»

Deve ser dada particular atenção à enumeração seguinte, construída sob a forma de hipóteses anafóricas «se Deus» em que a condicional não introduz uma possibilidade, mas antes argumentos mais que conhecidos.

«se Deus é o Senhor dos fôlegos dos escravos; se Deus é o Senhor dos ventos, dos mares, dos corsários e das navegações (...) se Deus tem tantos modos e tão fáceis de vos enriquecer ou de vos destruir; que loucura e que cegueira é cuidar que podeis ter bem algum, nem vós, nem vossos filhos, que seja contra o serviço de Deus?»

«Faça-se o serviço de Deus, acuda-se à alma e à consciência, e logo os interesses temporais estarão seguros»

Praticamente no limiar da peroração, Vieira parece agora conversar ao ouvido com os colonos e colonizadores:

«A vossos pés está a fazenda, a vossos pés estão os interesses, a vossos pés estão os escravos, a vossos pés estão os filhos, a vossos pés está o sangue, a vossos pés está a vida, para que corteis por ela e por eles, para que façais de tudo e de todos o que for mais conforme à vossa santa Lei!»

E assim termina o sermão com o paralelismo antitético elaborado com o imperativo dos verbos “morrer” e “viver”:

«Assim é, assim o digo, assim o prometo a Deus em nome de todos a vitória (...) contra a maior tentação do Demónio: morra o Demónio, moram as tentações, morra o pecado, morra o inferno, morra a ambição, morra o interesse! E viva só o interesse de Deus, viva a fé, viva a cristandade, viva a consciência, viva a alma, viva a Lei de Deus, e o que ela ordenar! Viva Deus, e vivamos todos nesta vida com muita

abundância de bens, principalmente os da Graça; e na outra por toda a eternidade os da glória! *Ad quam nos, etc.*»

Esta é a vitória contra a maior tentação do Demónio no Maranhão.

O *Sermão da Primeira Domingo da Quaresma*, de 1653, é uma resposta realista a uma prática do Império do Ocidente: o orador sabe que certos colonos querem reduzir à escravatura os índios que ainda são livres, e isso cria a sua indignação: «se tal proposta fosse ao Reino, as pedras da rua se haviam de levantar contra os homens do Maranhão». Contra essa prática, Vieira desenvolve uma argumentação de teor religioso, falando do Demónio, de salvação, de imortalidade da alma; não havendo dúvidas sobre a importância destes conceitos para os cristãos. Junto com outras palavras-chave, *leitmotiv* ao longo de muitos sermões, Vieira usa palavras como: tentação, temeroso, cristão, etc. Ele usa o seu poder como porta-voz da igreja para corrigir os comportamentos dos Portugueses.

Devemos salientar que reconhecemos ser este sermão mais simples e não tão denso como o *Sermão de Santo António (aos peixes)*, talvez porque Vieira pretendia cumprir directamente a função do *movere*, desejando transmitir uma mensagem singela que alterasse os hábitos e comportamentos dos portugueses em geral.

Em muitos dos seus sermões, Vieira faz constantes referências às questões sociais, com destaque para a exploração dos índios cometida pelos colonos e a situação miserável do povo indígena.

Era grande a sua preocupação com os nativos: «Mas que será dos pobres e miseráveis Índios, que são a presa e os despojos de toda esta guerra? (...) a liberdade por mil modos trocada em servidão e cativoiro».<sup>103</sup>

Contudo, a tarefa de converter os índios não era fácil: era um trabalho árduo e moroso que Vieira retratou, de uma forma singular, no *Sermão da Epifania* em 1662, onde o orador também advoga a causa do pregador-missionário tão ao gosto da tradição Jesuíta:

«É necessário tomar o bárbaro à parte e estar e instar com ele muito só por só, e muitas horas, e muitos dias; é necessário trabalhar com os dedos, escrevendo, apontando, e interpretando por acenos o que não se pode alcançar das palavras; é necessário trabalhar com a língua, dobrando-a, e torcendo-a, e dando-lhe mil voltas para que chegue a pronunciar os acentos tão duros e tão estranhos; é necessário levantar os olhos ao céu uma e muitas

---

<sup>103</sup> VIEIRA, Padre António, *Obras Completas do Padre António Vieira*. Vol. I, Porto, Lello & Irmão, 1993, p. 422.

vezes com a oração, e outras quase com desesperação; é necessário, finalmente, gemer, e gemer com toda a alma; gemer com o entendimento, porque em tanta escuridade não vê saída; gemer com a memória, porque em tanta variedade não acha firmeza; e gemer com a vontade, por constante que seja, porque no aperto de tantas dificuldades desfalece e quase desanima».<sup>104</sup>

Vieira dedicou-se arduamente ao trabalho, estudando os costumes e a língua dos nativos, o *tupi-guarani*, isto é, a língua geral do Brasil, chegando mesmo a redigir um pequeno catecismo na língua geral dos índios, ao qual atribuiu bastante importância. Vejamos a sua explicação:

«Se eu não entendo a língua do gentio, nem o gentio entende a minha com o hei-de converter a trazer a Cristo? Por isso temos por regra e instituto aprender todos a língua ou línguas da terra, onde imos pregar; e esta a maior dificuldade e o maior trabalho daquela espiritual conquista»<sup>105</sup>

«as nossas estrelas tornam uma e mil vezes a desandar o já andado, e a ensinar o já ensinado, e a repetir o já aprendido, porque o bárbaro buçal e rude, o tapuia cerrado e bruto como não faz inteiro entendimento, não imprime nem retém na memória.»<sup>106</sup>

As estrelas a que Vieira se referia eram os padres da sua Companhia.

Assim, toda a azáfama do jesuíta era animada pela sua fé em Cristo; e ao seu forte sentido de justiça vai beber inspiração para defender os direitos dos índios contra os abusos dos colonos. Por isso, Vieira apelidou os padres da Companhia de «estrelas», e descreveu os nativos da seguinte forma:

«as nossas estrelas também trazem a Cristo, e convertem almas; mas almas de gente onde nunca se viu ceptro, nem coroa, nem se ouviu o nome de rei. A língua geral de toda aquela costa carece de três letras: F, L, R: De F, porque não tem Fé, de L porque não tem Lei, de R, porque não tem Rei: e esta é a política da gente com que tratamos» (...) as nossas estrelas fazem as suas missões entre as pobreza e desamparados, entre os ascos e as misérias da gente mais inculta, da gente mais pobre, da gente mais vil, da gente menos gente de quantos nasceram no mundo. Uma gente com quem meteu tão pouco cabedal a natureza, com que se empenhou tão pouco a arte e a fortuna, que uma árvore lhe dá o vestido e o sustento, e as armas e a casa, e a embarcação. Com as folhas se cobrem, com o fruto se sustentam, com os ramos se armam, com o tronco se abrigam, e sobre a casa navegam. Estas são todas as alfaias daquela pobríssima gente; e quem busca as almas destes corpos, busca só almas. Mas porque o mundo não sabe avaliar esta

---

<sup>104</sup> VIEIRA, Padre António, *Obras Completas do Padre António Vieira*. Vol. I, Porto, Lello & Irmão, 1993, p. 434.

<sup>105</sup> *Idem*, p. 433.

<sup>106</sup> *Idem*, p. 437.

acção, como ela merece, oiça o mesmo mundo o preço em que a estimou quem só a pode pagar.»<sup>107</sup>

São esses indígenas que Vieira defende, afirmando com toda a convicção: «quem tem por ofício a pregação e conversão dos gentios, há-de ter o livro em uma mão, e a espada na outra: o livro para os doutrinar e a espada para os defender»<sup>108</sup> da ambição dos colonos. Estes «dizem que o chamado zelo com que defendemos os Índios, é (...) interesseiro, porque o defendemos para que nos sirvam a nós: e injusto porque defendemos que sirvam ao povo»; então Vieira justifica: «eles servem a Deus e a si, nós servimos a Deus e a eles; mas não eles a nós»<sup>109</sup>. O orador aproveita a ocasião para descrever tudo de quanto os colonos se apoderaram após a expulsão dos jesuítas do Maranhão. Este culpa-se a si próprio e aos restantes jesuítas por terem contribuído para que os gentios «perdessem a sua pátria», «a sua soberania natural com a qual nasceram e vivem isentos de toda a sujeição» e a sua liberdade. Também penaliza aqueles que fazem distinção de pessoas pela cor («pretos» e «brancos»), bem como afirma ser a favor do cativo lícito (isto acerca dos Escravos Negros).

Também o *Sermão do Espírito Santo* se refere aos nativos e às circunstâncias em que são doutrinados:

«Que o amor encomende o ensinar à sabedoria, bem está; mas a sabedoria encomendar o ensinar ao amor: *Ille vos docebit?* Neste caso, sim. Porque para ensinar homens infiéis e bárbaros, ainda que é muito necessária a sabedoria, é muito mais necessário o amor. (...) porque a gente das terras é a mais bruta, a mais ingrata, a mais inconstante, a mais avessa, a mais trabalhosa de ensinar de quantas há no mundo.»<sup>110</sup>

Neste sermão, a Fé dos índios brasis é descrita com bastante minúcia; sobretudo na sua capacidade de serem evangelizados:

«Não há gentios no mundo que menos repugnem à doutrina da fé, e mais facilmente a aceitem e recebam, que os Brasis (...) e não porque os Brasis não creiam com muita facilidade, mas porque essa mesma facilidade com que crêem, faz que o seu crer em certo modo seja como não crer (...) os Brasis ainda depois de crer são incrédulos (...) nos Brasis a mesma fé ou é ou parece incredulidade (...) Tal é a fé dos Brasis: é fé que parece incredulidade; e é incredulidade que parece fé: e fé, porque crêem

<sup>107</sup> VIEIRA, Padre António, *Obras Completas do Padre António Vieira*. Vol. I, Porto, Lello & Irmão, 1993, p. 438.

<sup>108</sup> *Idem*, p. 445.

<sup>109</sup> *Idem*, p. 448-450.

<sup>110</sup> VIEIRA, Padre António, *Obras Completas do Padre António Vieira*. Vol. II, Porto, Lello & Irmão, 1993, p. 874-878.

e sem dúvida, e confessam sem repugnância tudo o que lhes ensinam; e parece incredulidade, porque com a mesma facilidade com que aprenderam, desaprendem; e com a mesma facilidade com que creram, descrêem.»<sup>111</sup>

Já que houve tanto empenhamento na doutrinação dos nativos brasis, Vieira descreve com certo pormenor o que era necessário fazer para que a fé por eles transmitida não se desvanecesse:

«nos do Brasil a estrela que os alumiar não há-de desaparecer, sob pena de se apagar a luz da doutrina; o apóstolo que os baptizar, não se há-de ausentar, sob pena de se perder o fruto do baptismo. É necessário nesta vinha, que esteja sempre a cana da doutrina arrimada ao pé da cepa e atada à vide para que se logre o fruto e o trabalho.»<sup>112</sup>

«Há outras nações pelo contrário (e estas são as do Brasil) que recebem tudo o que lhes ensinam com grande docilidade e facilidade, sem argumentar, sem replicar, sem duvidar, sem resistir; mas são as estátuas de murta, que em levantando a mão e a tesoura o jardineiro, logo perdem a nova figura, e tornam à bruteza antiga e natural, e a ser mato como antes eram. É necessário que assista sempre a estas estátuas o mestre delas, uma vez que lhe corte o que vicejam os olhos, para que creiam o que não vêem; outra vez que lhe cerceie o que vicejam as orelhas, para que não dêem ouvidos às fábulas de seus antepassados; outra vez que lhe decepe o que vicejam as mãos e os pés para que se abstenham das acções e costumes bárbaros da gentildade. E só desta maneira trabalhando sempre contra a natureza do tronco e humor das raízes, se pode conservar nestas plantas rudes a forma não natural e compostura dos ramos.»<sup>113</sup>

Em suma, e depois da análise e descrição feitas, devemos referir que a imagem do índio, nativo do Brasil, é-nos dada por Vieira através de argumentos de defesa, isto é, com o nativo a ser descrito como bárbaro, rude e sobretudo muito frágil: é um inocente que não deve ser explorado pelos colonos e colonizadores. A sua natureza é tão dócil que tão facilmente se ensinam, como facilmente desaprendem. É um povo desamparado e pobre, retomando-se assim a visão idílica de Vaz de Caminha.

No sermão analisado, Vieira expõe a sua noção, ou seja, aquilo que para ele são os índios cativos e não cativos, afirmando que apenas existem dois tipos de índios cativos: os cativos seriam os chamados de corda, de guerra justa, os que livre e voluntariamente quisessem servir; por outro lado, os meios cativos seriam os das

---

<sup>111</sup> VIEIRA, Padre António, *Obras Completas do Padre António Vieira*. Vol. II, Porto, Lello & Irmão, 1993, p. 880-881.

<sup>112</sup> *Idem*, p. 882.

<sup>113</sup> *Idem*, p. 883.

antigas e novas aldeias, que se sujeitassem a servir e ajudar metade do tempo da sua vida, e só estes poderiam trabalhar para os senhores. Mas como foi referido, apenas metade do ano para na outra metade poderem trabalhar para si. Os demais permaneciam em liberdade.

Resta-nos agora saber como é descrita a imagem do Escravo Negro para posteriormente ser feita uma comparação e daí serem retiradas as devidas conclusões.

### III.3. A salvação dos Escravos Negros: *Sermão Vigésimo Sétimo do Rosário*

O *Sermão Vigésimo Sétimo e o Santíssimo Sacramento Exposto* (Bahia, 1680) é suscitado pela sorte dos escravos, que o Brasil importava da Costa Ocidental da África – Guiné, Cabo Verde e São Tomé, assim como de outros lugares da África.

As rotas da escravatura, determinadas por capitães de “navios-negreiros”, seguiam trilhos que pouco tinham a ver com o Império Português, estando de acordo com a situação política e económica das diversas partes da África. Sem pretendermos desculpar a prática do tráfico de escravos, sabemos que, muitas vezes, os escravos transportados, eram escravos nos seus próprios países.

Enquanto no Maranhão os escravos são exclusivamente indígenas, no recôncavo baiano abundavam os transportados de África, preferíveis em resistência no trabalho, em humildade e obediência, aos que eram descidos do sertão. Aliás, para substituir o trabalho forçado dos índios, recorreu-se a uma política de substituição por escravos negros de África: tentame inicialmente falhado, porque os negros, ainda em escassa quantidade e caros, não satisfaziam as necessidades e as extorsões do monopólio, levando anos a vulgarizar-se essa mesma prática em todo o nordeste brasileiro.

O conceito predicável relativo ao *Sermão Vigésimo Sétimo do Rosário* refere-se à transmigração da Babilónia, procedendo-se assim à comparação destes com os escravos negros:

*« Josias autem genuit Iechoniam, et fratres ejus in  
transmigratione Babylonis. Et post transmigrationem  
Babylonis, genuit Salathiel »  
(E Josias gerou a Jeconias, e a seus irmãos, na transmigração de  
Babilónia. E depois da transmigração de Babilónia, Jeconias  
gerou a Salatiel (Mt. I, 11 s).*

Nem só nos conceitos predicáveis encontramos o uso do latim, também ao longo dos sermões vieirianos encontramos alguns parágrafos de passagens bíblicas escritos em latim, seguidos da sua tradução e por vezes adaptação à situação envolvente.

O trecho em que se nota melhor este procedimento ocorre um pouco mais abaixo no mesmo sermão, na passagem que abre com a seguinte declaração:

«Altitonans Jupiter viro, quem alii servire neves se est, aufert dimidium: Quer dizer, que aqueles homens, a quem Júpiter fez escravos, os partiu pelo meio, e não lhes deixou mais que uma ametade que fosse sua - porque a outra ametade é do senhor a quem servem. E qual é esta ametade escrava e que tem senhor, ao qual é obrigada a servir? Não há dúvida que é a ametade mais vil, o corpo. Excelentemente Séneca: Errat, si quis existimat servi tute[m] in totum hominem descenderes pars melior ejus excepto est: Quem cuida que o que se chama escravo é o homem erra, e não sabe o que diz: a melhor parte do homem, que é a alma, é isenta de todo o domínio alheio, e não pode ser cativa.»<sup>114</sup>

O sermão tem início (**exórdio**), partindo Vieira da uma imagem da transmigração dos etíopes, conferindo-lhe um sentido mais lato, como representantes das nações da África negra. A última frase do excerto apresenta duas figuras de retórica em sequência, nomeadamente, uma metáfora e uma sinédoque:

«Uma das grandes coisas que se vêm hoje no mundo, e nós pelo costume de cada dia não admiramos, é a transmigração imensa de gentes e nações etíopes, que da África continuamente estão passando a esta América. A armada de Enéias, disse o príncipe dos poetas, que levava Tróia a Itália: Illium in Italiam portans - e das naus que dos portos do Mar Atlântico estão sucessivamente entrando nestes nossos, com maior razão podemos dizer que trazem a Etiópia ao Brasil. » (sublinhado nosso).

Esta é a primeira referência directa ao tipo de alteridade presente – escravos negros – também pertencente ao grupo dos desfavorecidos.

A imagem metafórica continua, igualmente com argumentos para enfatizar o real, o que verdadeiramente acontecia: o transporte acelerado dos escravos negros. O excerto que se segue apresenta um eufemismo, bem como, uma enumeração gradativa crescente, até certo ponto desculpabilizando os brasileiros:

«Entra por esta barra um cardume monstruoso de baleias, salvando com tiros e fumos de água as nossas fortalezas, e cada uma pare um baleato; entra uma nau de Angola, e desova no mesmo dia quinhentos, seiscentos e talvez, mil escravos.»

É assim feita a descrição da chegada das naus dos colonizadores com o *Outro* que Vieira quer proteger, introduzido numa comparação quase animal e instintiva: os

---

<sup>114</sup> Verifica-se o mesmo excerto na página 117 da análise a este sermão. São palavras do filósofo Séneca traduzidas pelo próprio Vieira.

escravos eram filhos das naus, saindo delas como ovos dos peixes, quase como que por processo natural.

Depois, Vieira opta por estabelecer uma comparação antitética entre Isrealitas e Etíopes, onde nos deparamos com a proporção – viver/servir – inserida numa construção irónica e metafórica (metáfora do comércio). Deve ser dada atenção à última frase onde se recorre a uma perífrase:

«Os israelitas atravessaram o Mar Vermelho, e passaram da África à Ásia, fugindo do cativo: estes atravessam o mar oceano na sua maior largura, e passam da mesma África à América, para viver e morrer cativos. Infelix genus hominum - disse bem deles Mafeu - et ad servitutem natum. Os outros nascem para viver, estes para servir. Nas outras terras, do que aram os homens, e do que fiam e tecem as mulheres se fazem os comércios: naquela o que geram os pais e o que criam a seus peitos as mães, é o que se vende e se compra.»

O texto prossegue com a repetição anafórica da interjeição «Oh!», verificando-se também um paralelismo frásico (Interjeição, substantivo, adjetivo, locução conjuncional subordinativa consecutiva, determinante artigo definido, substantivo, verbo e substantivo): «Oh! trato desumano, em que a mercancia são homens! Oh! mercancia diabólica, em que os interesses se tiram das almas alheias, e os riscos são das próprias!» A argumentação é ríspida e dura como sucede muitas vezes na linguagem vieiriana: não só ele lembra que traficar homens é diabólico; como os riscos morais que se correm quando tal se faz.

De seguida, estabelece-se uma comparação entre o estado dos negros e os dois estados de Job, onde é usada uma substantivação antitética e perífrase na referência aos colonos e colonizadores, como o *Outro* que escraviza os negros nas suas fazendas a fim de enriquecer.

«Já se, depois de chegados, olharmos para estes miseráveis, e para os que se chamam seus senhores, o que se viu nos dois estados de Jó é o que aqui representa a fortuna, pondo juntas a felicidade e a miséria no mesmo teatro.»

Utilizando argumentos da realidade vivida na Baía, Vieira estabelece um paradoxo entre senhores e escravos: elabora-se assim uma comparação entre «os senhores» e «os escravos», definindo-os como dois mundos antagónicos. Vieira

identifica-se com os escravos e não com os Senhores, todos colonos Portugueses, que fugiam aos mandamentos divinos:

«Os senhores poucos, os escravos muitos; os senhores rompendo galas, os escravos despidos e nus; os senhores banqueteados, os escravos perecendo à fome; os senhores nadando em ouro e prata, os escravos carregados de ferros; os senhores tratando-os como brutos, os escravos adorando-os e temendo-os, como deuses; os senhores em pé, apontando para o açoite, como estátuas da soberba e da tirania, os escravos prostrados com as mãos atadas atrás, como imagens vilíssimas da servidão e espectáculos da extrema miséria.»<sup>115</sup>

Os escravos são então descritos como despidos e nus, passando fome, vivendo algemados, recebendo maus-tratos como açoites. No lado oposto da escala estão os senhores.

Vieira profere uma invocação a Deus: «Oh! Deus! quantas graças devemos à fé que nos destes, porque ela só nos cativa o entendimento, para que à vista destas desigualdades, reconheçamos, contudo, vossa justiça e providência.»

Como é de esperar, o orador tem gosto na utilização sucessiva de interrogativas retóricas; neste caso específico, repete várias vezes o pronome demonstrativo (estes, estas) e o advérbio de negação (não), para pôr os escravos em evidência, assim como a ideia do incumprimento dos preceitos de Deus.

«Estes homens não são filhos do mesmo Adão e da mesma Eva? Estas almas não foram resgatadas com o sangue do mesmo Cristo? Estes corpos não nascem e morrem, como os nossos? Não respiram com o mesmo ar? Não os cobre o mesmo céu? Não os aquece o mesmo sol? Que estrela é logo aquela que os domina, tão triste, tão inimiga, tão cruel? E se as influências são tão contrárias e nocivas, como se não comunicam ao menos aos trabalhos de suas mãos, e como maldição de Adão, às terras que cultivam?»

---

<sup>115</sup> Já no *Sermão Vigésimo do Rosário*, Vieira refere as causas porque os pretos se distinguem dos brancos: «Três causas têm nesta nossa república os que se chamam senhores para a grande distinção que fazem entre si e os seus escravos: o nome, a cor e a fortuna. O nome de escravos, a cor preta e a fortuna de cativos, mais negra que a mesma cor. Agora veremos se são bastantes estas três causas para que na estimação da soberana Rainha dos Anjos tenham melhor lugar os senhores que os escravos, os brancos que os pretos, e a humilde fortuna desta segunda irmandade que a nobreza da primeira. Começando, pois, pela comparação dos escravos com seus senhores, no primeiro patriarca desta mesma genealogia do Evangelho, que foi Abraão, têm os escravos um exemplo que, por todas suas circunstâncias, favorece pouco o seu partido.»; «Tais são uns e outros escravos, os de que se compõe esta irmandade: uns chamados angolas, que são trazidos da África, outros que se chamam crioulos, e são nascidos e criados no Brasil, em casa de seus senhores.» (VIEIRA, Padre António, *Obras Completas do Padre António Vieira*. Vol. IV, Porto, Lello & Irmão, 1993, p. 961).

O estilo incisivo e duro de Vieira continua dando resposta às questões anteriores, usando tripla adjetivação, metáforas e enumeração:

«Quem pudera cuidar que as plantas, regadas com tanto sangue inocente houvesse de medrar, nem crescer e não produzir, senão espinhos e abrolhos? Mas são tão copiosas as bênçãos de doçura, que sobre elas derrama o céu, que as mesmas plantas são o fruto, e o fruto tão precioso, abundante e suave, que ele só carrega grandes frotas, ele enriquece de tesouros o Brasil, e enche de delícias o mundo. Algum grande mistério se encerra logo nesta transmigração, e mais se notarmos ser tão singularmente favorecida e assistida de Deus, que não havendo em todo o Oceano navegação sem perigo e contrariedade de ventos, só a que tira de suas pátrias a estas gentes e as traz ao exercício do cativo, é sempre com vento à popa, e sem mudar vela.»

O orador demonstra a sua preocupação, recorrendo a uma imagem e a um raciocínio silogístico respeitante às primeira e segunda transmigrações: uma em que foram levados os filhos e Israel da sua pátria para o cativo de Babilónia; e outra, em que foram trazidos do cativo de Babilónia para a sua pátria:

«Não há escravo no Brasil, e mais quando vejo os mais miseráveis, que não seja matéria para mim de uma profunda meditação. Comparo o presente com o futuro, o tempo com a Eternidade, o que vejo com o que creio, e não posso entender que Deus que criou estes homens tanto à sua imagem e semelhança, como os demais, os predestinasse para dois infernos, um nesta vida outro na outra. Mas, quando hoje os vejo tão devotos e festivos diante dos altares da Senhora do Rosário, todos irmãos entre si, como filhos da mesma Senhora, já me persuado sem dúvida que o cativo da primeira transmigração é ordenado por sua misericórdia para a liberdade da segunda.»

Vieira vê, com alguma comoção, a maneira como o *Outro* escravizado é devoto na esperança da sua salvação.

Aquando do final do exórdio, Vieira pede aos irmãos negros que «me ajudeis a alcançar a graça com que vos possa persuadir a verdade dela» (a boa nova que este lhes demonstrou). O excerto seguinte inicia-se com o vocativo «irmãos do Rosário pretos», é assim que o pregador caracteriza esta imagem de alteridade, construída com a repetição anafórica «Eis aqui». Verifica-se nela uma metáfora, bem como, um raciocínio silogístico por comparação ao anterior:

«Eis aqui, irmãos do Rosário pretos - que só em vós se verificam estas significações - eis aqui o vosso presente estado, e a esperança que ele vos dá do futuro: Josias ontem genuit Jechoniam, et fratres ejus. Vós sois os irmãos da preparação de Deus,

e os filhos do fogo de Deus. Filhos do fogo de Deus na transmigração presente do cativo, porque o fogo de Deus neste estado vos imprimiu a marca de cativos, e, posto que esta seja de opressão, também como fogo vos alumiu juntamente, porque vos trouxe à luz da fé e conhecimento dos mistérios de Cristo, que são os que professais no Rosário. Mas neste mesmo estado da primeira transmigração, que é a do cativo temporal, vos estão Deus e sua Santíssima Mãe dispondo e preparando para a segunda transmissão, que é a da liberdade eterna.»

O orador anima estes escravos, começando por tratá-los por «irmãos» (irmãos em Cristo evidentemente), lembrando-lhes que embora sejam cativos temporalmente, Deus e sua Santíssima Mãe os libertará eternamente, pois as suas almas não podem ser aprisionadas. Vieira, como jesuíta, acreditava na valorização da alma em confronto com um corpo caduco.

Vieira refere, então, o assunto do seu sermão explicando-o:

«Isto é o que vos hei-de pregar hoje, para vossa consolação. E, reduzido a poucas palavras, será este o meu assunto: que a vossa irmandade da Senhora do Rosário vos promete a todos uma carta de alforria, com que não só gozeis liberdade eterna na segunda transmigração da outra vida, mas também vos livreis nesta do maior cativo da primeira.»

Como se verifica em todos os seus sermões, a carta de alforria prometida vinha da fé em Deus. No final do Exórdio, o orador faz uma invocação à Nossa Senhora:

«Em lugar das alvíssaras, que vos devera pedir por esta boa nova, vos peço me ajudeis a alcançar a graça, com que vos possa persuadir a verdade dela. Avé Maria, etc.»

Na verdade, neste sermão, Padre António Vieira fala mais aos senhores do que aos escravos; se bem que em certos momentos pareça ser a estes que se dirige. O pregador chama a atenção dos escravos para a importância da consciência, da dignidade e da liberdade interior, conceitos verdadeiros; ao mesmo tempo que aos senhores aponta a tendência para uma desalmada crueldade, para um falso cristianismo e para o seu exacerbado egoísmo. Dizia Vieira que os senhores eram em número reduzido, rompendo galas e banqueteadando-se, enquanto os escravos, em muito maior número, andavam despidos e perecendo à fome; os senhores nadavam em ouro e prata, os escravos continuavam carregados de ferro; os senhores tratando os seus escravos como brutos, por sua vez esses mesmos escravos, temendo-os e adorando-os como deuses por necessidade das circunstâncias.

O **segundo capítulo**, que corresponde à exposição/narração inicia-se com a seguinte frase: «Enquanto desterrados filhos de Eva, todos temos, ou nos espera uma universal transmigração, que é de Babilónia para Jerusalém, e do desterro deste mundo para a pátria do Céu», estabelecendo-se assim um paralelo entre a transmigração dos negros com a de Babilónia para Jerusalém.

O sermão apresenta a seguinte imagem: «Vós, porém, que viestes ou fostes trazidos das vossas pátrias para estes desterrados, além da segunda e universal transmigração, tendes outra, que é a de Babilónia, em que, mais ou menos moderada, continuais o vosso cativo.»

Estes são pois os desejos e objectivos da pregação de Vieira, agora com uma pedagogia consolatória de ensino e resignação:

«E para que saibais como vos deveis portar nele, e não sejais vós mesmos os que o acrescentais, vos quero, primeiro que tudo, explicar qual ele é, e em que consiste. Procurarei que seja com tal clareza que todos me entendais (...) contentar-me-ei que me entendam vossos senhores e senhoras, para que eles mais devagar ensinem o que a vós e também a eles muito importa saber.»

O eufemismo que se segue é um argumento composto pelo paralelismo corpo/alma, gerando toda a argumentação à volta da repetição do vocábulo «cativo», redundando num aparente paradoxo: o escravo é assim «cativo mas livre».

«Sabei, pois, todos os que sois chamados escravos, que não é escravo tudo o que sois. Todo o homem é composto de alma (...) De maneira, irmãos pretos, que o cativo que padeceis, por mais duro e áspero que vos pareça, não é cativo total, ou de tudo o que sois, senão meio cativo. Sois cativos naquela ametade exterior mais vil de vós mesmos, que é o corpo porém na outra ametade interior e nobilíssima, que é a alma, principalmente no que a ela pertence, não sois cativos mas livres.»

O pregador baseia-se nas palavras de Homero de forma a poder justificar os argumentos proferidos anteriormente:

«aqueles homens, a quem Júpiter fez escravos, os partiu pelo meio, e não lhes deixou mais que uma ametade que fosse sua - porque a outra ametade é do senhor a quem servem. E qual é esta ametade escrava e que tem senhor, ao qual é obrigada a servir? Não há dúvida que é a ametade mais vil, o corpo.»

Com a intenção de provar a veracidade dos seus argumentos, Vieira utiliza mais uma vez as palavras do filósofo Séneca:

«Quem cuida que o que se chama escravo é o homem erra, e não sabe o que diz: a melhor parte do homem, que é a alma, é isenta de todo o domínio alheio, e não pode ser cativa. - O corpo, e somente o corpo, sim: (...) Só o corpo do escravo (...) é o que deu a fortuna ao senhor: este comprou, e este é o que pode vender. - E nota sapientissimamente que o domínio que tem sobre o corpo, não lho deu a natureza, senão a fortuna: (...) porque a natureza como mãe, desde o rei ao escravo, a todos fez iguais, a todos livres.»

Da mesma forma, o pregador socorre-se de palavras bíblicas, mais precisamente de S. Paulo, introduzido com frequência por Vieira para tornar mais sólida a sua argumentação. O excerto seguinte inicia-se com uma pergunta retórica carregada de ironia seguida de resposta com jeito explicativo:

«obedeçam aos senhores carnais (...) E que senhores carnais são estes? Todos os intérpretes declaram que são os senhores temporais, como os vossos, aos quais servis por todo o tempo da vida; e chama-lhes o apóstolo senhores carnais, porque o escravo, como qualquer outro homem, é composto de carne e espírito, e o domínio do senhor sobre o escravo só tem jurisdição sobre a carne, que é o corpo, e não se estende ao espírito, que é a alma.»

O discurso prossegue de uma forma sarcástica, passando para uma interrogação retórica, com base na realidade circundante, onde metaforicamente os escravos são mencionados como peças. É esta a maneira como o escravo era tido em conta pelo português (colonos), sendo reduzido a um bem adquirido. O excerto termina com um processo quiasmático:

«Pergunto: neste vosso mesmo Brasil, quando quereis dizer que fulano tem muitos ou poucos escravos, por que dizeis que tem tantas ou tantas peças? Porque os primeiros que lhe puseram este nome quiseram significar sábia e cristãmente que a sujeição que o escravo tem ao senhor, e o domínio que o senhor tem sobre o escravo, só consiste no corpo. É feito de duas peças, alma e corpo. E porque o senhor do escravo só é senhor de uma destas peças, e a capaz de domínio, que é o corpo, por isso chamais aos vossos escravos peças. E se esta derivação vos não contenta, digamos que chamais peças aos vossos escravos, assim como dizemos uma peça de ouro, uma peça de prata, uma peça de seda, ou de qualquer outra coisa das que não têm alma. E porque este modo ainda fica mais claramente provado, que o nome de peça não compreende a alma do escravo, e somente se entende e se estende a significar corpo. Este é o que só se cativa, este o que só se compra e vende, este, o que só tem debaixo de sua jurisdição a fortuna, e este, enfim, o que levou de Jerusalém a Babilónia a transmigração dos filhos de Israel, e este o que traz da Etiópia ao Brasil a transmigração dos que aqui se chamam escravos e aqui continuam seu cativo.»

O excerto anterior corresponde ao final do segundo capítulo. Este apresenta uma enumeração de objectos/peças, estabelecendo uma comparação hiperbólica entre estas e o escravo. Vieira aproveita também para fazer um paralelo entre Jerusalém/Babilónia e Etiópia/Brasil.

No **terceiro capítulo**, Vieira salienta que a «ametade livre» dos negros também se pode tornar cativa se estes venderem a sua alma ao Demónio, através do cometimento de pecados. Assim, ele aconselha os seus irmãos pretos que prefiram morrer a vender a sua própria alma, advertindo-se todos por inferência, quanto ao destino dos colonos que os maltratavam. Deste modo, não só Vieira aumenta o poder consolatório do seu sermão, mas também elucida os colonos/ouvintes acerca do seu destino se não mudarem de comportamento: o fogo do Inferno.

Este capítulo tem início com Vieira/*Eu* dirigindo-se directamente aos etíopes/*Outro* desfavorecido, usando mais uma vez o vocativo «irmãos pretos». Daí que Vieira se auto-defina por identidade afectiva com os desfavorecidos, como o seu protector. Continua a proporção corpo – cativo / alma – livre, sendo usadas duplas adjetivações na descrição dos negros. Vieira refere os dois pontos mais importantes do cativo destes:

«De maneira, irmãos pretos, que o cativo que padeceis, por mais duro e áspero que seja ou vos pareça, não é cativo total, ou de tudo o que sois, senão meio cativo. Sois cativos naquela ametade exterior e mais vil de vós mesmos, que é o corpo, porém, na outra ametade interior e nobilíssima, que é a alma, principalmente no que a ela pertence, não sois cativos, mas livres. E, suposto este primeiro ponto, segue-se agora que saibais o segundo e muito mais importante, e que eu vos declare se essa parte ou ametade livre, que é a alma, pode também por algum modo ser cativa, e quem a pode cativar. Digo, pois, que também a vossa alma, como as dos mais, pode ser cativa, e quem a pode cativar não são vossos senhores nem o mesmo rei, nem outro algum poder humano, senão vós mesmos, e por vossa livre vontade. Ditosos de vós aqueles que de tal modo se compuseram com a sorte do seu meio cativo, que se sirvam da sua própria servidão, e se saibam aproveitar do que nela e com ela podem merecer! Mas o mal e a miséria, que totalmente vos fará miseráveis, é que fazendo-vos a vossa fortuna cativos só no corpo, vós, muito por vossa vontade, cativais também a alma.»

Estabelece-se, assim, um diálogo com o auditório colocando-lhes questões e hipóteses, dando-lhe de seguida a resposta sob forma de enumeração:

«E se me perguntardes, como deveis perguntar, de que modo se cativam as almas, quem são os que as vendem, e a quem as vendem, e por que preço, respondo que os que as vendem, é cada um a sua; a quem as vendem, é ao demónio; o preço por que as vendem, é o pecado.»

Na sua pregação, o orador define as características da alma e do Demónio, bem como, refere a razão das vendas das almas. Para justificar os seus argumentos, utiliza as palavras bíblicas de S. Paulo e Santo Agostinho; isto é, a proporção estabelecida por S. Paulo «Lei Espiritual de Deus» e «homem carnal/pecado e demónio». Relativamente a Santo Agostinho, menciona o «primeiro leilão no Paraíso Terreal». Vejamos:

«E porque a alma é invisível, e o demónio também invisível, e estas vendas não se vêem, para que não cuideis que são encarecimentos e modos de falar, senão verdades de fé, sabeis que assim está definido por Deus e repetido muitas vezes em todas as Escrituras Sagradas».

«A lei é espiritual, porque ordena o que convém ao espírito e à alma; o homem é carnal, porque naturalmente apetece o que pede a carne e o corpo. Da parte da lei está Deus mandando que seja obedecido, e prometendo que aos que aguardarem dará depois o céu, da parte da carne está o demónio aconselhando que se não guarde a lei, e prometendo ao homem que logo e de contado lhe dará o gosto ou interesse que pede o seu apetite. Posta, pois, a alma como em leilão entre Deus e o demónio, entre a lei e o pecado, que faz a vontade e o livre alvedrio, que é o senhor de todas as nossas acções e resoluções? Em vez de receber o lanço de Deus, aceita o do demónio, e tanto que, consentindo no pecado, ficou a alma cativa e rematada a venda.»

«A primeira venda, e o primeiro leilão de almas que se fez neste mundo foi no Paraíso terreal. De uma parte estava Deus, mandando que se não comesse da fruta vedada; da outra parte estava a serpente instigando que se comesse. E que sucedeu? Eva, que representava a carne, inclinou à parte do demónio, e porque Adão, que fazia as partes do alvedrio, em vez de obedecer o preceito de Deus, seguiu o apetite da carne, ali ficaram vendidas ao demónio as duas primeiras almas, e dali trouxe a sua origem a venda das demais.»

Dirigindo-se directamente a «brancos e pretos», o pregador coloca uma sucessão de questões retóricas. Depois, responde, dirigindo-se primeiro aos brancos (o português com quem Vieira não se identifica, os colonos) e posteriormente aos pretos, seus irmãos cativos com quem se identifica emocionalmente, porque os sente desprotegidos:

«Dizei-me, brancos e pretos, não condenamos todos a Adão e Eva? Não conhecemos que foram ignorantes, e mais que ignorantes; loucos, e mais que loucos; cegos, e mais que cegos? Não somos nós os mesmos que lhes lançamos pragas e maldições pelo que fizeram? Pois, por que fazemos o mesmo, e vendemos as nossas almas, como eles as venderam?»

«Ouçam primeiro os brancos um exemplo, em que vejam a sua deformidade, e logo mostraremos outro aos pretos e que vejam a sua. (...)É possível que por acrescentar mais uma braça de terra ao canavial, e meia tarefa mais ao engenho em cada semana haveis de vender a vossa alma ao diabo? Mas a vossa, já que o é, vendei-lha, ou revendei-lha embora.»

«Porém, as dos vossos escravos, por que lhas haveis de vender também, antepondo a sua salvação aos ídolos de ouro, que são os vossos malditos e sempre malogrados interesses? Por isso os vossos escravos não têm doutrina, por isso vivem e morrem sem sacramentos, e por isso, se lhes não proibis a igreja, com subtileza de cobiça que só podia inventar o diabo – para que o diga na frase do vulgo – não quereis que vão à porta da igreja. Consentis que os escravos e escravas andem em pecado, e não lhes permitis que se casem, por que dizeis que casados servem menos bem. Oh! razão - quando assim fora - tão digna do vosso entendimento como da vossa cristandade!»<sup>116</sup>

O último excerto, ainda dirigido aos brancos, é composto por argumentos baseados na vida real, que ele muito bem conhecia, sendo de evidenciar, além do pecado da cobiça as referências a sexo.

---

<sup>116</sup> Também no *Sermão Vigésimo do Rosário* é feito um paralelo entre os brancos (senhores) e os pretos (escravos): «O domingo passado, falando na linguagem da terra, celebraram os brancos a sua festa do Rosário, e hoje, em dia e acto apartado, festejam a sua os pretos, e só os pretos. Até nas coisas sagradas e que pertence ao culto do mesmo Deus, que fez a todos iguais, primeiro buscam os homens a distinção que a piedade.»

O paralelo que referi anteriormente apresenta-se da seguinte forma: «Bem puderam os pardos agregar-se aos pretos pela parte materna, segundo o texto geral: *partus sequitur ventrem*, mas eu não quero senão que se agregassem aos brancos, porque entre duas partes iguais, o nome e a preferência deve ser da mais nobre. Nas mesmas duas cores temos a prova. Fez Deus o dia e a noite com tal igualdade que, segundo diversos tempos do ano, nem em um minuto de tempo excede o dia à noite, ou a noite ao dia. E a este espaço de vinte e quatro horas, que se compõe de dia e de noite, como lhe chamou Deus desde seu nascimento? Chamou-lhe dia: *Factum est vespere et mane, dies unus*. Pois, se no mesmo espaço de tempo, composto de duas ametades iguais, tanta parte tem a noite como o dia, por que se chama dia, e não se chama noite? (...) chama-lhe Deus dia, e não lhe chama noite, porque o nome e a preferência sempre deve seguir a parte mais nobre: *Praestabiliori totam tribuit appellationem*. Por esta regra, que não é menos que divina, ainda que a cor parda se componha igualmente da preta e da branca, se devia agregar, como digo, à branca e não à preta. Mas, pois os pardos se quiseram antes distinguir de ambas, e com tanta diferença, que até o apelido da Senhora trocaram, e deixaram o do Rosário, contanto que o rezem, como os outros devotos dela, a soberana Virgem, que invocada debaixo de qualquer nome é a mesma, se dará por satisfeita da sua devoção. (...) Excluídos assim, porque se quiseram excluir, os pardos, ficam só os brancos e pretos, cujas cores, ainda que extremas, se poderão muito bem unir na mesma irmandade.»; «Logo, bem puderam também andar unidos, e debaixo da mesma irmandade, os brancos e os pretos. E se quisermos tornar à metáfora do dia e da noite, assim puseram uns e outros juntos no mesmo coro os cantores de Babilónia» (VIEIRA, Padre António, *Obras Completas do Padre António Vieira*. Vol. IV, Porto, Lello & Irmão, 1993, p. 955-959.)

Esta é uma situação excelente em que Vieira critica os ricos para mover os desfavorecidos, pois ele como todos os jesuítas protegia as etnias e culturas nativas e desfavorecidas contra os dominadores.

O texto seguinte é dirigido aos pretos, sendo também baseado em argumentos do real sob influência hiperbólica. Na última frase, Vieira pede aos brancos que sigam os pretos na tentativa de mudar a alteridade evidente entre estes.

«Passemos ao exemplo mais próprio dos escravos, os quais por nenhum respeito devem vender a sua alma, ainda que lhes houvesse de custar a vida. (...) Julgai agora vós, que vos achais na mesma fortuna de escravos, quais destes obraram melhor se os que venderam as almas para agradar aos senhores, ou os que quiseram antes perder a vida que cativar a alma? Não estais dizendo todos, que o valor e constância destes é digna de eternos louvores? Sim. Pois, a estes vos digo que imiteis.»

«Por graça e mercê grande de Deus, ainda que escravos e cativos, não estais em terra onde vossos senhores vos hajam de obrigar a deixar a fé. Mas é certo que, sem se perder nem arriscar a fé, se pode perder e vender a alma E no tal caso - que pode acontecer muitas vezes - tende bem na memória o exemplo que acabastes de ouvir, para que não falteis à vossa obrigação. Se o senhor mandasse ao escravo, ou quisesse da escrava, coisa que ofenda gravemente a alma e a consciência assim como ele o não pode querer nem mandar, assim o escravo é obrigado a não obedecer. Dizei constantemente que não haveis de ofender a Deus, e se por isso vos ameaçarem e castigarem, sofrei animosa e cristãmente, ainda que seja por toda a vida, que esses castigos são martírios.»

Com um jogo de simetrias, usando a locução «assim (...) como/assim», Vieira finaliza o capítulo, aludindo metaforicamente que os castigos que padecem os pretos «são martírios». É neste sentido que o pregador se auto-define por identificação com os escravos, pois ambos padecem martírios, incompreensões e perseguições, tudo em nome de Deus.

Durante o **quarto capítulo**, o pregador confirma a ideia de que «o cativo do homem é temporal, o do Demónio eterno»: do cativo do corpo qualquer homem se pode libertar; no entanto, do cativo da alma só Deus o pode resgatar com o sangue de seu Filho.

Dirigindo-se aos pretos, Vieira apresenta os tipos de cativo que eles padecem, apresentando em forma de proporção um esclarecimento, advogando que o cativo do corpo é feito pelos senhores e o cativo da alma é feito pelo demónio:

«Temos visto que, assim como o homem se compõe de duas partes, ou de duas ametades, que são corpo e alma, assim o cativo se divide em dois cativos: um cativo do corpo, em que os

corpos involuntariamente são cativos e escravos dos homens, outro, cativo da alma, em que as almas por própria vontade, se vendem e se fazem cativas e escravas do demônio.»

E porque é que Vieira se auto-define sob forma de alteridade em relação a este *Outro* português, constituído pelos Senhores e colonos? Porque ele, como bom padre e especialmente como Jesuíta, é contra os cativos do corpo que muitas vezes levam ao da alma.

O orador recorda o seu auditório da promessa anteriormente feita: «E porque vos prometi que a Virgem, Senhora nossa do Rosário, vos há-de libertar, ou forrar como dizeis, do maior cativo, para que conheçais bem quanto deveis estimar esta alforria, importa que saibais e entendais primeiro qual destes dois cativos é o maior.»

Através de um raciocínio silogístico, esclarece-se o auditório assim: «A alma é melhor que o corpo, o demônio é pior senhor que o homem, por mais tirano que seja; o cativo dos homens é temporal, o do Demônio é eterno: logo (...) o maior e pior cativo é o da alma.»

De seguida, o pregador estabelece uma pergunta retórica à qual dá resposta com uma imagem antitética, pois causa estranheza e admiração:

«Fundemo-la no mesmo cativo, que é a coisa para vós mais sensível. Pergunto: se Deus nesta mesma hora vos libertara a todos do cativo em que estais, e de repente vos vísseis todos livres e forros, não seria uma estranha e admirável mercê que Deus vos faria? Pois, muito maior é, e de muito maior e mais subido valor, a mercê que a Senhora do Rosário vos fará em livrar vossas almas do cativo do demônio e do pecado. No nosso Evangelho o temos.»

Na verdade, só a Senhora do Rosário e o poder de Deus poderão salvar este *Outro* do cativo do demônio.

Vieira opta por dar a explicação da dificuldade de libertação dos diferentes cativos:

«E se buscarmos o princípio fundamental por que Cristo, sendo Redentor do género humano, só veio remir e libertar os homens do cativo das almas, e não da servidão dos corpos, o fundamento claro e manifesto é porque para libertar do cativo dos homens, bastavam homens; para libertar do cativo do demônio e do pecado, é necessário todo o poder de Deus. (...) Assim que, para libertar do cativo de homens, bastam homens. (...) do cativo do Demônio e do pecado, (...) só Deus os podia libertar daquele cativo».

No excerto seguinte, deve ser dada especial atenção à repetição do verbo “ver” no imperativo, bem como à enumeração das palavras «cativeiro», «resgate» e «preço»: «Vede, vede bem, quanto vai de cativeiro a cativeiro, de resgate a resgate, e de preço a preço. Com admirável energia o ponderou S. Pedro, como se falara convosco, vendidos e comprados por dinheiro.»

Atormentando o auditório, usando palavras carregadas de sentido, Vieira lembra-lhes os conselhos de S. Pedro – considerar o preço por que foram resgatados e o preço por que não foram resgatados:

«não fomos resgatados com ouro, nem com prata, senão com o preço infinito do sangue do Filho de Deus. Nas quais palavras é muito digno de ponderar que não só nos manda S. Pedro considerar o preço por que fomos resgatados, senão também o preço por que não fomos resgatados. O preço por que não fomos resgatados, que é o ouro e a prata: *Non corruptilibus auro vel argento* - e o preço porque fomos resgatados, que é o sangue do Filho de Deus».

Este capítulo termina com uma tripla adjetivação usada na descrição do cativeiro do qual Vieira promete carta de alforria: «almas do cativeiro do Demónio e do pecado. E deste cativeiro tão dificultoso, e tão temeroso e tão imenso, é que eu vos prometo a carta de alforria pela devoção do Rosário da Mãe do mesmo Deus.» O *Outro* desfavorecido apenas se poderá libertar com a devoção à Senhora do Rosário.

No **quinto capítulo**, verificamos que assim como Cristo morreu na cruz para nos libertar do pecado, também a Virgem Senhora desfez «a escritura que os homens fazem com o demónio». Desta forma, em agradecimento, os escravos devem rezar incansavelmente o Rosário; melhor dizendo, tornar-se-ão cativos de quem os libertou, pois com a ajuda da Senhora do Rosário estes também se poderão tornar livres da escravidão do corpo, sendo pacientes no seu cativeiro, servindo voluntariamente como a Cristo, para posteriormente serem bem-aventurados e herdeiros de Deus (Capítulos VI e VII).

O excerto que se segue, após o uso de questão retórica e perífrase apresenta a imagem do que acabamos de referir:

«Para prova desta carta de alforria me perguntareis vós com razão, e também os que têm mais letras que vós, como pode isto ser? Respondo que pelo mesmo modo com que o Filho da mesma Senhora, Cristo, libertou do mesmo cativeiro do demónio e do pecado a todo o género humano. E se me instardes ainda que vos diga mais declaradamente qual é este modo, digo que não é dando a

Senhora aos escravos a escritura da liberdade, senão tirando das mãos do demónio a escritura do cativo.»<sup>117</sup>

Depois de confirmar o seu pensamento «é o que a Virgem Senhora nossa faz», Vieira enumera três substantivos abstractos, isto é, os pecados por que os homens se vendem: «Os pecados, pelos quais os homens se vendem ao demónio (...) soberba, cobiça, sensualidade» – os pecados do Português que se apresenta em alteridade em relação ao orador.

Para se poderem libertar de tais pecados, o orador apresenta uma sucessão de exemplos a seguir:

«E este exemplo devem tomar os pretos, para quando a força da ocupação ou do trabalho lhes não permitir enfiarem as suas Avé Marias pela ordem dos mistérios, invocando, porém, sempre a mesma Senhora, para que os ajude no seu trabalho. E têm mais alguma coisa que imitar? Sim, e a maior. Pela carta de liberdade que receberam os três escravos do demónio, não se trataram como forros, senão como cativos de quem os libertou. Assim fizeram, e assim o deviam fazer, porque este é, não só o primor, senão a

---

<sup>117</sup> No *Sermão Vigésimo do Rosário*, António Vieira estabelece um paralelo entre a Senhora e os escravos: «E, posto que a humildade e baixeza da condição se acha em todos os escravos, a virtude e excelência da humildade, que na Mãe de Deus foi sumamente perfeita, ainda nos que professam perfeição é muita rara. Logo, ainda que seiais escravos, como a Senhora se chamou escrava, não basta a humildade e baixeza da condição que traz consigo este nome, para que os olhos de Deus e da Mãe de Deus se ponham mais benignamente em vós. Ora não vos desconsoléis, que se esta réplica tem por si muitos e graves autores, o sentido em que eu vos expliquei as palavras da Senhora, é fundado no mesmo Texto, cuja autoridade prevalece a todas.»; «segunda causa da grande distinção que fazem entre si e os escravos os que se chamam senhores é, como dizíamos, a cor preta. Mas, se a cor preta pusera pleito à branca, é certo que não havia de ser tão fácil de averiguar a preferência entre as cores, como a que se vê entre os homens. Entre os homens dominarem os brancos aos pretos é força, e não razão ou natureza. Bem se vê onde não tem lugar esta força, nem a cor é vencida dela. Quando os portugueses apareceram a primeira vez na Etiópia, admirando os etíopes neles a política europeia, diziam: Tudo o melhor deu Deus aos europeus, e a nós só a cor preta. - Tanto estimam mais que a branca a sua cor! Por isso, assim como nós pintamos aos anjos brancos e aos demónios negros, assim eles, por veneração, aos anjos pintam negros, e aos demónios, por injúria e aborrecimento, brancos. Deixando, porém, os que podem parecer apaixonados, ninguém haverá que não reconheça e venere na cor preta duas prerrogativas muito notáveis. A primeira, que ela encobre melhor os defeitos, os quais a branca manifesta e faz mais feios; a segunda, que só ela não se deixa tingir de outra cor, admitindo a branca a variedade de todas; e bastavam só estas duas virtudes para a cor preta vencer e ainda envergonhar a branca. Mas, das cores só os olhos podem ser juizes. Vejamos o que eles julgam ou experimentam. (...) Dos pretos é tão própria e natural a união, que a todos os que têm a mesma cor, chamam parentes, a todos os que servem na mesma casa, chamam parceiros, e a todos os que se embarcaram no mesmo navio, chamam malungos. E os brancos? Não basta andarem nove meses juntos no mesmo ventre, como Jacó e Esaú, para se não aborrecerem, nem basta serem filhos do mesmo pai e da mesma mãe, como Caim e Abel, para se não matarem. Que muito, logo, que sendo tão disgregativa a cor branca, não caiba na mesma congregação os brancos com os pretos?» (VIEIRA, Padre António, *Obras Completas do Padre António Vieira*. Vol. IV, Porto, Lello & Irmão, 1993, p. 968-971.)

O pregador chega mesmo a concluir que o cativo a que os negros estão submetidos diz apenas respeito ao corpo, sendo assim, a parte do corpo que não é cativa é a alma, por isso estes devem aceitar a sua condição como um meio de salvação.

obrigação de todos aqueles a quem Deus livra do cativeiro do demónio e do pecado.»

Depois, Vieira socorre-se de uma ideia antitética, evidenciando um jogo de simetria com a seguinte proporção: antes da liberdade cativos do demónio e do pecado; depois da liberdade cativos de Cristo e de Deus. Vejamos: «Antes da liberdade cativos, e depois da liberdade também cativos; antes da liberdade cativos do demónio, a quem se venderam, depois da liberdade cativos de Cristo, que os resgatou; antes da liberdade cativos do pecado, depois da liberdade cativos de Deus»

A ideia antitética continua com o uso do imperativo:

«Cativem-se para se libertarem, e façam-se escravos da Senhora do Rosário, para não serem escravos do demónio, se ainda o são, ou para se conservarem livres, se já estão fora do cativeiro. Apaguem a marca do demónio, que é marca de cativos, e ponham em seu lugar a marca do Rosário, que é marca de livres. E se quereis saber qual é a figura desta marca, digo que uma rosa.»

A rosa surge assim como uma imagem-símbolo da religiosidade mariana dos escravos negros:

«E que marca mais própria dos escravos do Rosário, que uma rosa, não só como ferrete glorioso do seu novo cativeiro, mas como público sinal e selo da sua carta de alforria? Os que sois, ou fostes marcados, trazeis uma marca no peito, outra no braço. Assim quer que tragais a sua marca a Senhora do Rosário»

No excerto seguinte verifica-se o mesmo, a imagem-símbolo das «voltas de contas». Vieira estabelece um diálogo com o auditório usando argumentos baseados na realidade sob forma de comparação:

«As voltas de contas que trazeis nos pulsos e ao pescoço - falo com as pretas - sejam todas das contas do Rosário. As do pescoço, caídas sobre os peitos, serão a marca do peito (...) e as dos pulsos, como braceletes, serão a marca do braço (...) e uma e outra marca, assim no coração como nas obras, serão um testemunho e desengano público para todos de que já estão livres vossas almas do cativeiro do demónio e do pecado, para nunca mais o servir»

No **sexto capítulo**, Vieira explica aos escravos como também se podem tornar livres da escravidão do corpo com a ajuda da Senhora do Rosário e assim se livrarão da soberba do colonizador português.

«Livres, por este modo, do maior e mais pesado cativeiro, que é o das almas, ainda ficais escravos do segundo, que é o dos corpos. Mas nem por isso deveis imaginar que é menos inteira a mercê que a Senhora do Rosário vos faz. Que seja poderosa a Senhora do Rosário para livrar do cativeiro do corpo, se tem visto em inumeráveis exemplos dos que, estando cativos em terra de infiéis, por meio da devoção do Rosário se acharam livres, e depois de oferecerem aos altares da mesma Senhora os grilhões e cadeias do seu cativeiro quebradas, como troféus do seu poder e misericórdia, as penduraram nos templos.»

Ainda dando explicações ao escravo negro, usa eufemismos:

«Assim que poderosa era a Mãe do Redentor para vos livrar também deste segundo e menor cativeiro. Mas é particular providência de Deus e sua que vivais de presente escravos e cativos, para que por meio do mesmo cativeiro temporal consigais muito facilmente a liberdade eterna.»

«segunda parte da alforria, que vos prometi, e a um ponto, no qual só vos falta o conhecimento e bom uso do vosso estado, para serdes nele os mais venturosos homens do mundo.»

O discurso prossegue, utilizando o orador uma perífrase muito expressiva; assim, em vez de usar a palavra “senhores”, utiliza a expressão «os que desprezam os escravos»:

«Para que não cuidem os que desprezam os escravos que estes assuntos - e mais em terra onde há tantos - sejam menos dignos de se empregarem nele com todas as forças de eloquência e com toda a eficácia do espírito os maiores pregadores do Evangelho.»

Parafraseando S. Paulo, Vieira explica ao *Outro* desfavorecido como deve agir:

«Escravos - diz S. Paulo - obedecei em tudo a vossos senhores, não os servindo somente aos olhos, e quando eles vos vêem, como quem serve a homens, mas muito de coração, e quando não sois vistos, como quem serve a Deus. Tudo o que fizerdes, não seja por força, senão por vontade, advertindo outra vez que servis a Deus, o qual vos há-de pagar o vosso trabalho, fazendo-vos seus herdeiros. Enfim, servi a Cristo»

Ao longo do excerto seguinte, o pregador demonstra aos escravos as promessas de Deus. Nele podemos verificar latinismos, uso do modo conjuntivo, dupla adjectivação «triste e miserável», eufemismo hiperbólico, paralelismo antitético, jogo de simetrias e perguntas retóricas:

«Duas coisas promete Deus aos escravos pelo serviço que fazem a seus senhores, ambas não só desusadas, mas inauditas, que são paga e herança: *Retributionem haereditatis*. Notai muito isto. Quando servis a vossos senhores, nem vós sois seus herdeiros, nem eles vos

pagam o vosso trabalho. Não sois seus herdeiros, porque a herança é dos filhos, e não dos escravos, e não vos pagam o vosso trabalho, porque o escravo serve por obrigação, e não por estipêndio. Triste e miserável estado servir sem esperança de prémio em toda a vida, e trabalhar sem esperança de descanso, senão na sepultura! Mas bom remédio, diz o apóstolo - e isto não são encarecimentos, senão fé católica. - O remédio é que, quando servis a vossos senhores, não os sirvais como quem serve a homens, senão como quem serve a Deus: *Sicut Domino, et non hominibus* - porque não servis como cativos, senão como livres, nem obedecéis como escravos, senão como filhos. Não servis como cativos, senão como livres, porque Deus vos há-de pagar o vosso trabalho: *Scientes quod accipietis retributionem*; e não obedecéis como escravos, senão como filhos, porque Deus, com quem vos conformais nessa fortuna, que ele vos deu, vos há-de fazer seus herdeiros: *Retributionem haereditatis*. Dizei-me: se servísseis a vossos senhores por jornal, e se houvésseis de ser herdeiros da sua fazenda, não os serviríeis com grande vontade? Pois, servi a esse mesmo que chamais senhor, servi a esse mesmo homem, como se servísseis a Deus, e nesse mesmo trabalho, que é forçoso, bastará a voluntária aplicação deste como: *Sicut Domino*: como a Deus - para que Deus vos pague como a livres; e vos faça herdeiros como a filhos».

Nas seguintes palavras de S. Pedro, verifica-se um conjunto de duplas adjectivações, em que o segundo adjectivo não é sinónimo do primeiro; antes, introduz uma nova nuance, tornando o significado da expressão mais específico: «Escravos, estais sujeitos e obedientes em tudo a vossos senhores, não só os bons e modestos, senão também maus e injustos». Apresentam-se também as razões de tais atitudes:

«Primeira: porque a glória da paciência é padecer sem culpa. (...) Segunda: porque essa é a graça com que os homens se fazem mais aceitos de Deus. (...) Terceira, e verdadeiramente estupenda: porque nesse estado em que Deus vos pôs, é a vossa vocação semelhante à de seu Filho, o qual padeceu por nós, deixando-vos o exemplo, que haveis de imitar»

S. Paulo apresenta o exemplo de Cristo e Vieira utiliza-o para elucidar o auditório: «Cristo (...) exemplo (...) que foi particularmente aos escravos (...) E porquê? Porque nenhum estado há entre todos mais aparelhado no que naturalmente padece, para imitar a paciência de Cristo, e para seguir as pisadas do seu exemplo.»

Dando continuidade ao sermão, o pregador, após uma interjeição, profere uma pergunta retórica seguida de resposta, dando assim uma sucessão de imagens. Ao evidenciar os raciocínios silogísticos, este estabelece várias hipóteses seguidas de uma imagem simbólica:

«Oh! ditosos vós, outra e mil vezes, como dizia, se assim como Deus vos deu a graça do estado, vos der também o conhecimento e bom uso dele! Sabeis qual é o estado do vosso cativo, se usardes bem dos meios que ele traz consigo, sem acrescentardes nenhum outro? É um estado, não só de religião, mas uma das religiões mais austeras de toda a Igreja. É religião segundo o instituto apostólico e divino, porque, se fazeis o que sois obrigados, não servis a homens, senão a Deus, e com título nomeadamente de servos de Cristo: *Ut servi Christi, facientes voluntatem Dei ex animo, cum bona voluntate servientes, sicut Domino, et non hominibus*. Notai muito aquela palavra *cum bona voluntate servientes*. Se servis por força, e de má vontade, sois apóstatas da vossa religião; mas, se servis com boa vontade, conformando a vossa com a divina, sois verdadeiros servos de Cristo: *Domino Christo servite*. Assim como na Igreja há duas religiões da redenção de cativos, assim a vossa é de cativos sem redenção, para que também lhe não faltasse a perpetuidade, que é a perfeição do estado. Umhas religiões são de descalços, outras de calçados: a vossa é de descalços e despídos. O vosso hábito é da vossa mesma cor, porque não vos vestem as pelis das ovelhas e camelos, como a Elias, mas aquelas com que vos cobriu ou descobriu a natureza, expostos aos calores do sol e frios das chuvas. A vossa pobreza é mais pobre que a dos menores, e a vossa obediência mais sujeita que a dos que nós chamamos mínimos. As vossas abstinências mais merecem nome de fome, que de jejum, e as vossas vigílias não são de uma hora à meia-noite, mas de toda a noite sem meio. A vossa regra é uma, ou muitas, porque é a vontade e vontades de vossos senhores. Vós estais obrigados a eles, porque não podeis deixar o seu cativo, e eles não estão obrigados a vós, porque vos podem vender a outro quando quiserem. Em uma só religião se acha este contrato, para que também a vossa seja nisto singular. Nos nomes do vosso tratamento não falo, porque não são de reverência, nem de caridade, mas de desprezo e afronta. Enfim, toda a religião tem fim e vocação, e graça particular. A graça da vossa são açoites e castigos: *Haec est gratia apud Deum*; a vocação é a imitação da paciência de Cristo: *In hoc vocati estis, quia et Christus passus est*; e o fim é a herança eterna por prémio: *Scientes quod accipietis retributionem haereditatis. Domino Christo seivite*. E como o estado ou religião do vosso cativo, sem outras asperezas ou penitências mais que as que ele traz consigo, tem seguro, por promessa do mesmo Deus, não só o prémio de bem-aventurados, senão também a herança de filhos, favor e providência muito particular é da Virgem Maria que vos conserveis no mesmo estado, e grandes merecimentos dele, para que por meio do cativo temporal consigais, como vos prometi, a liberdade ou alforria eterna»

No excerto anterior e último deste capítulo, evidenciou-se a comparação entre os negros e Elias, começando por se pôr em evidência a ideia de pureza e de pobreza tão ao gosto de uma Igreja Católica renovada. Verificou-se também uma enumeração hiperbólica das atitudes cristãs dos negros. É estabelecido um paralelismo antitético entre os negros e os seus senhores de onde surge uma enumeração de substantivos

abstractos: «reverência»; «caridade»; «desprezo e afronta». O excerto termina com um paradoxo.

Logo no início do **sétimo capítulo** verifica-se a repetição do verbo “crer” no imperativo: «Crede, crede tudo o que vos tenho dito, que tudo, como já vos adverti, é de fé, e sobre esta fé levantai vossas esperanças, não só ao céu, senão ao que agora ouvireis que lá vos está aparelhado».

À interjeição seguinte, segue-se uma pergunta retórica à qual é-nos dada uma resposta sob forma de imagem. Desta forma, Vieira apresenta a mudança de fortuna a que poderão estar sujeitos os negros:

«Oh! que mudança de fortuna será então a vossa, e que pasmo e confusão para os que hoje têm tão pouca humanidade que a desprezam, e tão pouco entendimento que a não invejam! Dizeime: se assim como vós nesta vida servis a vossos senhores, eles na outra vida vos houveram de servir a vós, não seria uma mudança muito notável, e uma glória para vós nunca imaginada? Pois, sabeis que não há-de ser assim, porque seria muito pouco. Não vos diz Deus que quando servis a vossos senhores não sirvais como quem serve a homens, senão como quem serve a Deus: *Sicut Domino, et non hominibus?* Pois, esta grande mudança de fortuna que digo, não há-de ser entre vós e eles, senão entre vós e Deus. Os que vos hão-de servir no céu, não hão-de ser vossos senhores, que muitos pode ser que não vão lá; mas quem vos há-de servir é o mesmo Deus em pessoa. Deus é o que vos há-de servir no céu, porque vós o servistes na terra»

«todos aqueles escravos que neste mundo servirem a seus senhores como a Deus, não são os senhores da terra os que os hão ele servir no céu, senão o mesmo Deus em pessoa o que os há-de servir»

Parafrazeando as palavras de Cristo, Vieira estabelece uma pergunta retórica à qual como resposta apresenta uma imagem metafórica, saudando o *Outro* / negro com quem se identifica:

«Bem-aventurados aqueles escravos a quem o Senhor no fim da vida achar que foram vigilantes em fazer sua obrigação. - E como lhes pagará o mesmo Senhor? (...) Mandará assentar os escravos à mesa, e ele, como escravo, cingirá o avental e os servirá a ela. - Por este excesso de honra declara Cristo quanto Deus há-de honrar aos escravos no céu, se eles servirem a seus senhores como se servissem a Deus. Servistes a vossos senhores na terra como a mim? Pois eu que sou o Senhor de vossos senhores, vos servirei no céu como vós a eles.»

Pretendendo justificar aquilo que referiu anteriormente, Vieira usa também palavras de Crisólogo e S. Tomás, evidenciando a repetição do verbo “ver” no imperativo e algumas imagens antitéticas:

«Vede, vede se vos está melhor servir a vossos senhores como a Deus, ou servi-los como a homens. Depois de os servirdes toda a vida como a homens, o mais que podeis esperar deles na terra é uma esteira de tábua por mortalha; e se os servirdes como a Deus, o que haveis de alcançar dele no céu é que vos servirá e honrará por toda a eternidade, como se vós, aqui miserável escravo, fôsseis seu Deus, e ele vosso escravo comprado (...) E para que do mesmo que experimentais e gozais na Terra, julgueis o que será no Céu, ponde os olhos naquele altar».

O sermão prossegue com o exemplo dos estóicos e com referências às palavras de Séneca. Este é um excerto com argumentos baseados no real circundante, bem como, enriquecido com várias questões retóricas e ironia:

«serem também homens os que são escravos (...) Se a fortuna os fez escravos, a natureza fê-los homens: e por que há-de poder mais a desigualdade da fortuna para o desprezo, que a igualdade da natureza para a estimação? Quando os desprezo a eles, mais me desprezo a mim, porque neles desprezo o que é por desgraça, e em mim o que sou por natureza. A esta razão forçosa em toda a parte se acrescenta outra no Brasil, que convence a injustiça e exagera a ingratição. Quem vos sustenta no Brasil, senão os vossos escravos? Pois, se eles são os que vos dão de comer, por que lhes haveis de negar a mesa, que mais é sua que vossa? Contudo, a majestade ou desumanidade da opinião contrária é a que prevalece, e não só não são admitidos os escravos à mesa, mas nem ainda às migalhas dela, sendo melhor a fortuna dos cães que a sua, posto que sejam tratados com o mesmo nome. Que importa, porém, que os senhores os não admitam à sua mesa, se Deus os convida e regala com a sua?»

Segundo Santo Tomás: «O escravo pobre e humilde, não só come à mesa com seu Senhor, mas come ao mesmo Senhor! – Comparai agora mesa com mesa e Senhor com Senhor, e ride-vos com Séneca dos que ainda neste ponto se não descem da autoridade de Senhores».

De seguida, Vieira profere uma nova pergunta retórica: «E se Deus, sendo escravos, vos põe à sua mesa na terra, que muito é que, tendo-o prometido e estando vós já livres do cativo, vos haja de servir à mesa no céu, sendo a mesa não outra, senão a mesma?» à qual responde como é feita a preparação dos discípulos por Deus e por Cristo:

«(...) lavatório dos pés (...) A sua, servindo-os como escravo, e a dos discípulos, obrigando-os a que se deixassem servir como senhores (...) Esta é a mudança sobre toda a admiração estupenda, com que então vereis trocada a vossa fortuna, cá servindo aos homens, e lá sendo servidos do mesmo Deus. Mas o que agora importa é que de nenhum modo falteis à obrigação com que só se promete a felicidade desta mudança à presente miséria de vossa fortuna. E qual é, se não estais bem lembrados? É que vós também mudeis a intenção, e troqueis os fins do vosso mesmo trabalho, fazendo-o de forçoso voluntário, e servindo a vossos senhores como a Cristo, e, debaixo dos homens a Deus: *Sicut Domino, et non hominibus. Domino Christo servite*. Desta maneira ficareis duas vezes forros e livres: livres do cativo do demónio pela liberdade das almas, e livres do cativo temporal pela liberdade eterna, que são os dois cativos da primeira transmigração de Babilónia, e as duas liberdades da segunda»

Na conclusão deste sermão (**Peroração**), Vieira adverte os negros para que sejam pacientes e que dêem muitas graças a Deus pelo cativo que passam que os libertará na vida eterna; no entanto, o orador também adverte os senhores dos escravos que o inverso poderá acontecer-lhes, ou seja, «todo aquele que cativar será cativo»<sup>118</sup>, insinuando que será na eternidade que terão de sofrer a punição do cativo. Quando pretende demonstrar os castigos e vinganças divinas, Vieira utiliza processos linguísticos emocionais como ênfase, exclamações, apóstrofes, exageros, uma espécie de persuasão que pretende mobilizar os afectos do auditório (público-alvo). Segundo Besselaar, «Vieira queria impressionar e comover o auditório para o cativar»<sup>119</sup>.

Assim dirigindo-se aos pretos, mas principalmente aos seus senhores, Vieira refere:

«Tenho acabado o meu discurso, e parece-me que não faltado ao que vos prometi. E porque esta é a última vez que hei-de falar convosco, quero acabar com um documento tirado das mesmas palavras, se muito necessário para vós, muito mais para vossos senhores: *Jechoniam, et fratres ejus in transmigratione Babylonis*»

Tal como no capítulo VI, o orador refere a imagem-símbolo «voltas», enumerando posteriormente os actos que devem ser praticados por esta imagem trágica da alteridade que deseja sobretudo ser livre da escravidão do corpo. Retomando a argumentação que foi desenvolvendo ao longo do sermão, apresenta agora um resumo dos seus pontos principais:

---

<sup>118</sup> VIEIRA, Padre António, *Obras Completas do Padre António Vieira*. Vol. IV, Porto, Lello & Irmão, 1993, p. 1238.

<sup>119</sup> BESSELAAR, José van den, *António Vieira: o homem, a obra e as ideias*. 1ª Edição, Lisboa, Biblioteca Breve, 1981, p. 69.

«estas voltas tão notáveis da roda da fortuna vos devem consolar também na vossa (...) vós, nascidos e criados nas brenhas da Etiópia, considerai as grandes razões que tendes para vos compor com a vossa fortuna, tanto mais leve, e levar com bom coração os descontos dela. O que haveis de fazer consolar-vos muito com estes exemplos, sofrer com muita paciência os trabalhos do vosso estado, dar muitas graças a Deus pela moderação do cativo que vos trouxe, e, sobretudo, aproveitar-vos dele para o trocar pela liberdade e felicidade da outra vida, que não passa, como esta, mas há-de durar para sempre. Este foi o documento dos escravos.»

Seguidamente profere uma pergunta retórica, pretendendo estabelecer um diálogo com o auditório, isto é, chamando a atenção para as conhecidas voltas do destino. É reforçada a enumeração antitética, construção-base de todo o sermão:

«E os senhores terão também alguma coisa que tirar deste cativo de Babilónia? Parece que não. Eu - está dizendo cada um consigo - eu, por graça de Deus, sou branco e não preto, sou livre e não cativo, sou senhor e não escravo, antes tenho muitos. E aqueles que se viram cativos em Babilónia, eram pretos ou brancos? Eram cativos ou livres? Eram escravos ou senhores? Nem na cor, nem na liberdade, nem no senhorio vos eram inferiores. Pois se eles se viram abatidos ao cativo sendo necessário para isso descer tantos degraus, vós que com a mudança de um pé vos podeis ver no mesmo estado, por que não temeis o vosso perigo? Se sois moço, muitos anos tendes para poder experimentar esta mudança, e se velho, poucos bastam (...) tu hoje vês escravo, amanhã o podes ver livre: e que ele, que hoje te vê livre, amanhã te pode ver escravo».

O discurso vai decorrendo, onde é estabelecida uma proporção entre a liberdade e o cativo: «Senhores, que hoje vos chamais assim, considerai que para passar da liberdade ao cativo não é necessária a transmigração de Babilónia, e que na vossa mesma terra pode suceder esta mudança, e que nenhuma há no mundo que mais a mereça e esteja clamando por ela à divina justiça».

Segue-se, então, uma crítica à sociedade recorrendo o pregador à hipérbole: «Olhai para os dois pólos do Brasil, o do Norte e o do Sul, e vede se houve jamais Babilónia nem Egipto no mundo, em que tantos milhares de cativos se fizessem, cativando-se os que fez livres a natureza, sem mais direito que a violência, nem mais causas que a cobiça, e vendendo-se por escravos».<sup>120</sup>

---

<sup>120</sup> Os imperativos são numerosos neste sermão. O emprego deste modo é uma das características deste género literário. Um orador tem por missão mostrar o bem ao auditório e de os fazer amar. Mas isto não chega, ele deve também exortá-los a praticar esse mesmo bem. Daí os conselhos expressos no imperativo, em todos os discursos religiosos. No caso de Vieira, é preciso ter em conta um temperamento particularmente convicto e realista, pretendendo uma eficácia imediata. O imperativo é um elemento de vida importante nos discursos do grande orador português. Vieira dirige-se de bom grado aos seus

Voltando à análise, são dados vários exemplos de cativeiros e suas consequências, ou seja, acumulação, em particular os que são praticados naquele país:

«Mas para quê ir buscar os exemplos fora de casa, e tão longe, se temos em todas as nossas conquistas. Pelos cativeiros da África cativou Deus a Mina, Santo Tomé, Angola e Benguela; pelos cativeiros da Ásia cativou Deus Malaca, Ceilão, Ormuz, Mascate, Cochim; pelos cativeiros da América cativou a Bahia, o Maranhão e, debaixo do nome de Pernambuco, quatrocentas léguas de costa por vinte e quatro anos. E porque os nossos cativeiros começaram onde começa a África, ali permitiu Deus a perda de el-rei D. Sebastião, a que se seguiu o cativeiro de sessenta anos no mesmo reino. Bem sei que alguns destes cativeiros são justos, os quais só permitem as leis, e que tais se supõem os que no Brasil se compram e vendem, não dos naturais, senão dos trazidos de outras partes».

Vieira refere os «exorbitantes castigos» e os «escravos maltratados», ou melhor dizendo:

«Tiranizados, devera dizer, ou martirizados, porque serem os miseráveis pingados, lacrados, retalhados, salmourados, e os outros excessos maiores, que calo, mais merecem nome de mártírios que de castigos. Pois, estai certos que vos não deveis temer menos da injustiça destas opressões, que dos mesmos cativeiros, quando são injustos; antes, vos digo que mais vos deveis temer delas, porque é muito mais o que Deus as sente.»

O excerto anterior continua a ser hiperbólico, evidenciando-se várias adjetivações na descrição dos escravos negros. Segue-se então a imagem do caso particular do Brasil: «Estão açoitando cruelmente o miserável escravo, e ele gritando a cada açoite, Jesus, Maria, Jesus, Maria, sem bastar a reverência destes dois nomes, para moverem à piedade um homem que se chama cristão.» Eis a devoção deste *Outro* / escravo negro e a tirania do *Outro* português.

O texto prossegue com uma interrogativa retórica dirigida aos Senhores: «E como queres que te ouçam na hora da morte estes dois nomes, quando chamares por eles? Mas estes clamores, que vós não ouvís, sabeis que Deus os ouve; e já que não têm valia para com o vosso coração, a terão sem dúvida sem remédio para vosso castigo.»

---

auditórios, dirige-se a Deus, aos santos, ao demónio. Ele fala-lhes, coloca questões, e pede-lhes respostas; por vezes dá-lhes ordens. Assim se explica que os imperativos se encontrem em quase todas as páginas dos seus sermões. Estas séries têm lugar normal nas perorações, pois Vieira gosta de terminar os seus discursos por uma exortação veemente.

O sermão termina com uma interjeição, usando o pregador uma metáfora/comparação<sup>121</sup> do cativo da Babilónia e do Brasil sob forma de imagem:

«Oh! como temo que o oceano seja para vós Mar Vermelho, as vossas casas como a de Faraó, e todo o Brasil como o Egipto! Ao último castigo dos egípcios precederam as pragas, e as pragas já as vemos, tão repetidas umas sobre outras, e algumas tão novas e desusadas, quais nunca se viram na clemência deste clima. Se elas bastarem para nos abrandar os corações, razão teremos para esperar misericórdia na emenda; mas, se os corações, como o de Faraó, se endurecerem mais, ainda mal, porque sobre elas não pode faltar o último castigo. Queira Deus que eu me engane neste triste pensamento, que sempre aqui, e na nossa corte, os mais alegres são os mais cridos. Sabei, porém, que é certo (e fique-vos isto na memória) que se Jeconias e seus irmãos creram a Jeremias, não seriam cativos: mas porque deram mais crédito aos profetas falsos que os adulavam, assim ele, como seus irmãos, todos acabaram no cativo de Babilónia: *Jechoniam, et fratres ejus in transmigratione Babilonis.*»

Na última frase do sermão verificamos a angústia de Vieira, temendo que a sua avaliação esteja correcta, e que os colonos portugueses não tenham futuramente que passar muitas punições.

O discurso do sermão retrata a descrição do espantoso transplantar de uma raça, em multidões sucessivas, do nativo continente (da África) para a terra do seu martírio. Sobre o qual não podia deixar de pousar a atenção de um filósofo pensador, pois este identifica-se com os escravos mártires.

Vieira condenava o estado de escravidão, recusando que pessoas humanas pudessem ser reduzidas à condição de escravos. Como tal, os negros feitos escravos pelos fazendeiros são um dos motivos que leva este autor a lutar pela liberdade e ser contra a escravatura; uma vez feito escravo, o negro, um ser humano, era considerado e tratado como simples coisa, podendo não só ser dado, como trocado ou vendido pelo seu dono, mas também era posto à disposição do seu senhor, como sendo propriedade total deste.

Porém, no dizer do pregador existia algo de compensação em toda esta situação: o facto de os negros na sua primeira transmigração se encontrarem em cativo era compensado pela salvação possível da sua alma, libertação verdadeira na segunda

---

<sup>121</sup> Devo referir que a comparação é a figura de estilo mais usada neste sermão. Todavia, tendo em conta o público-alvo, o orador usa nos seus sermões outras figuras de estilo, tais como, o discurso bíblico também ele muito metafórico (por exemplo as parábolas bíblicas), hipérboles, antíteses. Até utiliza actos linguísticos de prova, de pedido, de pergunta ou de dúvida. Neles, ainda podemos verificar alguns raciocínios silogísticos.

transmigração - este foi pois o assunto que o orador tratou neste sermão, e à volta do qual se construiu toda a argumentação.

Segundo Ronaldo Vainfas, Vieira «defendeu a ideia de serem os africanos e negros, por ele chamados de “etíopes”, os eleitos de Deus à semelhança de Cristo para salvar a humanidade através do sacrifício»<sup>122</sup>. Esta ideia encontra-se no *Sermão Décimo Quarto do Rosário* (Bahia, 1663) onde o autor, ao dirigir-se aos negros, considerando-os como irmãos, diz-lhes que apesar de se sentirem escravos fisicamente, eles são tão livres como qualquer branco, uma vez que a alma e tudo o que a ela pertence não pode ser agrilhado. Portanto, a alma do escravo não é cativa, porque foi resgatada pelo sangue de Cristo, e o escravo deve tentar preservar essa liberdade interior, para que a sua alma não caia sobre o domínio do demónio.

O conceito predicável deste sermão – o *Sermão Décimo Quarto do Rosário* é: «Maria da qual nasceu Jesus, que se chama Cristo».<sup>123</sup> No exórdio e na explicação do sermão, Vieira dá a entender que este é o primeiro sermão que prega em público antes de ser sacerdote, e posto que é um sermão difícil, pois abrange três festas no mesmo dia (Festa de S. João, Festa da Senhora do Rosário e Festa dos pretos seus devotos), o orador decide dividir o sermão em três partes. A primeira relacionada com o nascimento de Jesus (Cap. III); a segunda dedicada ao nascimento de S. João (Cap. IV) e, por último, a parte correspondente ao «nascimento dos pretos devotos de Maria» (Cap. V). Logo, não todo o povo etíope, apenas aqueles que têm «fé e conhecimento de Cristo», ou seja, os que já receberam o baptismo e não os gentios.

Muitas vezes, o pregador apresentava fábulas com uma retórica pomposa que os rudes africanos não entendiam. Pouco isso importava ao orador que, então novato, de forma eloquente compunha aqueles trechos, e mais tarde, por deleite de letrado, os reproduzia na estampa. No capítulo VI deste sermão, o ponto essencial que eles tinham de compreender ouvindo, e de que não discordava ainda, era o seguinte:

---

<sup>122</sup> Ronaldo Vainfas, “Vieira e a escravidão africana” in *Tricentenário da Morte do Padre António Vieira – Congresso Internacional – Actas*. Universidade Católica Portuguesa – Província Portuguesa da Companhia de Jesus, Braga, Editora Barbosa & Xavier, Lda – Artes Gráficas, 1999, p.825.

<sup>123</sup> Na sua argumentação, um dos procedimentos essenciais é a utilização de linguagem de textos do Antigo e Novo Testamento, através da sua interpretação o orador sugere soluções concretas para os grandes problemas daquela época. Normalmente, são escritos em latim que funcionam como «conceitos predicáveis» que são explicados, posteriormente, no desenvolvimento do sermão. A sua técnica de argumentação é baseada na pressuposição de que haverá uma similitude congénita entre os textos bíblicos e as verdades morais, religiosas, políticas propostas por si ao seu auditório. É esta a analogia que transforma os seus textos em alegorias.

«unindo estes três nascimentos (...) se ordenam a declarar e persuadir a devoção do Rosário; e do Rosário particularmente dos pretos (...) Deveis dar infinitas graças a Deus (e à Santíssima Virgem), por vos ter dado conhecimento de si, e por vos ter tirado de vossas terras, onde vossos pais e vós vivíeis como gentios; e vos ter trazido a esta, onde instruídos na fé vivais como cristãos e vos salveis»<sup>124</sup>

No capítulo VII, o pregador dirigia-se carinhosamente aos ouvintes, tratando-os por *irmãos pretos*, comparando o trabalho dos engenhos, que designava de «doce inferno» e das roças de cana-de-açúcar, aos padecimentos de Cristo e à cruz:

«Não há trabalho, nem género de vida no mundo mais parecido à cruz e paixão de Cristo, que o vosso em um destes engenhos (...) Em um engenho sois imitador de Cristo crucificado (...), porque padeceis em um modo muito semelhante o que o mesmo Senhor padeceu na sua cruz, e em toda a sua paixão»<sup>125</sup>.

Ainda neste capítulo, Vieira chama a atenção dos negros, pois estes deverão oferecer a sua memória à Senhora por meio dos seus trabalhos no inferno do cativo nos engenhos de açúcar, recitando o Rosário, de forma a convertê-lo em «paraíso» e «harmonia celestial», e «os homens, posto que pretos, em anjos».

Parafraseando António José Saraiva, o orador também aconselhou os negros a seguirem, no sofrimento, o exemplo de Cristo e prometeu-lhes que, depois dos “mistérios dolorosos”, virão para eles, seguindo a ordem do rosário, os “mistérios gloriosos”<sup>126</sup>. Esta passagem podemos encontrar, também nesse mesmo sermão, *Sermão Décimo Quarto do Rosário*, no Capítulo VIII, referindo que os pretos serão mais devotos dos mistérios dolorosos.

Na conclusão, o orador dirige-se aos devotos do Rosário pedindo que, à semelhança de Cristo e S. João, não faltem com as suas obrigações, «para que assim (...) a Senhora (...) tenha também muito que se gloriar em ser Mãe de todos os pretos tão particularmente seus devotos»<sup>127</sup>.

Vieira, em certas situações, dá a entender que é legítima a escravatura dos escravos de origem africana que são trazidos do exterior, mas não a dos índios, que são oriundos da região. Esta noção é comprovada pela argumentação transmitida no *Sermão*

<sup>124</sup> VIEIRA, Padre António, *Obras Completas do Padre António Vieira*. Vol. IV, Porto, Lello & Irmão, 1993, p. 750-751. De salientar que a expressão entre parêntesis é um acrescento nosso.

<sup>125</sup> *Idem*, p. 757.

<sup>126</sup> SARAIVA, António José, *História e Utopia – estudos sobre Vieira*. Trad. Maria de Santa Cruz, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1992, p. 58

<sup>127</sup> VIEIRA, Padre António, *Obras Completas do Padre António Vieira*. Vol. IV, Porto, Lello & Irmão, 1993, p. 769.

da *Epifania* (1662), onde os negros são referidos em paralelo com os índios. Vieira salienta que os índios são tratados injustamente porque são usados como negros, daí conclui-se que para o nosso orador o cativo dos negros era mais compreensível:

«e nós não só lhes defendemos a liberdade, mas pacteamos com eles, como seus curadores, que sejam meios cativos, obrigando-se a servir alternadamente metade do ano. Mas nada disto basta para moderar a cobiça e tirania dos nossos caluniadores, porque dizem que são negros, e hão-de ser escravos.»<sup>128</sup>

«Mas é tão pouca a razão, e tão pouca a Fé daqueles inimigos dos índios, que depois de nós os fazemos brancos pelo Baptismo, eles os querem fazer escravos por negros.»<sup>129</sup>

*Servi, subditi estote in omni timore dominis, non tantum bonis, et modestis, sed etiam dyscolis.* Através destas palavras dizia S. Pedro: Escravos estais sujeitos e obedientes em tudo a vossos senhores, não só aos bons e modestos senão também aos maus e injustos<sup>130</sup>.

Num sermão da série «Maria, Rosa Mística» pregado na Baía, em data incerta, Vieira agradece a Deus a fé que lhe deu e aos seus semelhantes, visto que é a fé que o diferencia dos negros, daí as desigualdades entre os povos da Baía e o motivo porque os crentes devem reconhecer a justiça e a providência de Deus.

A inclusão do assunto – escravos negros – nos sermões desta série explica-se pela devoção particular dos negros à Virgem do Rosário. Segundo Vieira, como já referimos anteriormente, os negros de África devem agradecer a Deus e à Virgem o tê-lo retirado do seu país natal, onde viviam com suas famílias como pagãos. Também a chegada dos negros à América foi prevista por Deus, como o demonstram vários textos bíblicos; desta forma, estes são levados a manifestarem-lhe a sua gratidão recitando o Rosário, durante o seu trabalho.

Em suma, estes sermões analisados têm como objectivo passar aos escravos ideais como a resignação, a submissão e a obediência no amor de Deus. Mas quão destoante é esta atitude para aquele “estrénuo defensor dos índios perseguidos”, como lhe chama J. Lúcio de Azevedo.

---

<sup>128</sup> VIEIRA, Padre António, *Obras Completas do Padre António Vieira*. Vol. I, Porto, Lello & Irmão, 1993, p. 452-453.

<sup>129</sup> *Idem*, p. 454-455.

<sup>130</sup> VIEIRA, Padre António, *Obras Completas do Padre António Vieira*. Vol. IV, Porto, Lello & Irmão, 1993, p. 1229.

## CONCLUSÃO

Após termos analisado o conteúdo de diversos sermões para documentar o tema abordado, Imagens da Alteridade nos sermões de Vieira: análise conteudística, impõem-se algumas conclusões.

Antes de mais, não existe um *Outro* apenas, nos seus sermões, mas sim vários *Outros*, pois estes, por serem diferentes no seu entender, são considerados e definidos de maneiras díspares. Aliás, António Vieira começa por ressaltar a complexidade da identidade nacional, visto que quando descreve os Colonos (portugueses como ele) pretende, partindo de *si mesmo*, esboçar uma primeira imagem da alteridade, ou seja, a sua diferenciação tendo em conta os Colonos. No que diz respeito aos Índios e Escravos Negros, o orador caracteriza-os identificando-se ele próprio emocionalmente com eles. É desta forma que Vieira constrói o seu próprio processo de identidade: diferente de muitos portugueses, preocupado com as vítimas sociais.

A nossa escolha pelo título previamente determinado ficou a dever-se ao facto de não pretendermos dar a impressão de que os sermões analisados circunscreviam unicamente um *Outro*, marcando a globalidade e a insistência nas diferentes imagens.

Dedicámos uma atenção particular aos textos, um trabalho que resultaria sempre incompleto dada a extensão e o número dos sermões: através deles foi possível estabelecer as diferentes imagens do *Outro*. Diríamos contudo que é um lugar onde Vieira nos surge por excelência cheio de contradições. Muito embora prevaleça nos textos o desejo de ser claro e acessível a todos, encontrámo-lo algumas vezes erudito; umas vezes ameaçador, irónico e mesmo violento, outras aberto ao perdão, sincero e carinhoso; umas vezes com um discurso rebuscado, centrado na alegoria, outras tornado um contador de histórias, conhecedor do gosto dos seus ouvintes.

Debruçando-nos agora na forma como descreve os *Outros* em relação a *si mesmo*, atentemos mais uma vez e de forma conclusiva nas suas perspectivas.

Ao abordarmos o *Sermão de Santo António (aos peixes)*, e de forma indirecta alguns outros sermões, verificámos que Vieira criticava violentamente os Colonos, o

*Outro* português com quem ele não se identificava, e por isso, ao descrevê-los, Vieira dá-nos conta das diferenças entre o *Eu/si mesmo/Vieira* e o *Outro/Colonos*, definindo-se através de um processo de distanciamento.

Assim, tendo Vieira conhecimento do meio em que vivia e com quem vivia, põe em evidência os seus processos retóricos, amplificando o retrato do *Outro*, tanto nos portugueses opostos a si como nos Índios e Escravos Negros. Pretendeu expor, comprovar e amplificar as suas teses acerca da corte, dos cortesãos e Colonos, e persuadir os seus receptores a adoptar determinado comportamento e a deixar certos hábitos, tentando inibir os pecados dos portugueses e dos seus servidores, visto que se vivia num tempo muito contraditório e conturbado, onde vigoravam, conjuntamente, os valores do Teocentrismo e Antropomorfismo devido ao espírito contra-reformista.

O desejo de adquirir bens e acumular riquezas demonstrava uma ambição que não permitia que ninguém se contentasse com o que tinha. Para combater estes desejos, Vieira aconselhou os homens a aceitar pacificamente o que Deus lhes tinha concedido.

Este é o ponto fulcral para responder às duas primeiras questões investigativas propostas na introdução desta tese.

De uma forma geral, a imagem do português descrita nos sermões de Vieira prende-se com as fraquezas destes; os Colonos manifestam ser orgulhosos, ambiciosos, parasitas, traidores; apresentam sentimentos como fúria, ódio, vingança, soberba, cobiça, sensualidade, entre outros; são cegos e pouco ou nada temerosos por excelência.

No entanto existe um outro tipo de português referido nos sermões, este relacionado com as quatro ordens religiosas existentes no Brasil: Carmelitas, Franciscanos, Mercenários e Companhia de Jesus. São estes que têm a função de evangelizar o Império, desejando a mudança moral dos próprios portugueses que agiam de forma contrária à política cristã missionária. Os missionários pretendiam dignificar a função dos Colonos, pois estes destruíram a identidade nacional que privilegiava as virtudes cristãs mais básicas de que o pregador demonstra ser o porta-voz e seguidor isolado.

Nem só os Colonos não estão de acordo com os preceitos da igreja, também alguns pregadores são criticados por se apegarem às suas comodidades e não a Cristo.

A identidade portuguesa não era uma para Vieira, pois os Colonos e alguns pregadores exteriores à Companhia não partilhavam a realidade dos princípios jesuíticos.

Assim, como a imagem do português não estava de acordo com os preceitos da igreja, a única solução seria a transformação do mal em arrependimento e virtudes, criando uma saída para o português – Colonos e Pregadores que pecaram até à altura, porque na opinião de Vieira vale tudo para encontrar os caminhos da salvação.

Em tempos anteriores, os Cristãos eram um bom exemplo para ponto de referência na evangelização, porque a identidade portuguesa era promissora dos valores cristãos e preceitos da igreja, o que nesta altura não se verificava no Brasil, sobretudo no Maranhão. Esta situação só poderia ser colmatada com a mudança dos valores morais dos cristãos. Era nisto que os participantes da Companhia de Jesus acreditavam: na Fé Cristã que pretendiam restabelecer e no seu poder redentor.

No que diz respeito ao *Outro* desfavorecido, que se contentasse com os seus martírios, isto relativamente aos Escravos Negros, porque aos Índios era necessário se tornarem cristãos para se poderem tornar total ou parcialmente livres.

Quanto aos Índios, como vimos no *Sermão da Primeira Domingo da Quaresma*, ou viviam nos sertões «infinitos no número e diversidade de línguas», ou moravam já cristianizados entre os Colonos. Estes últimos ou eram livres e estavam em suas aldeias, ou eram cativos e estavam em casa dos portugueses trabalhando nas suas lavouras.

Embora Vieira reconheça perante o Rei que sem Índios os Colonos de modo algum se podiam sustentar, logo passa a referir os cativeiros injustos que tinham resultado das entradas no sertão e das guerras feitas sem justificação e autoridade. Neste sermão, o orador formula pela primeira vez o seu particular conceito de guerra justa: os Índios só podiam ser escravizados quando se encontrassem em cordas para serem comidos, isto é, os chamados índios de corda; ou quando eram escravos de outros que os tinham escravizado em guerra justa.

Relativamente aos Índios que já se encontravam como escravos dos portugueses, era necessário proceder-se ao exame de seus cativeiros para ficarem livres os que se acharem livres, e cativos os que se acharem cativos. Faltava apenas saber quem iria fazer esse exame.

É curioso Vieira não falar dos remadores de canoas, nem daqueles que labutavam na lavoura do tabaco ou nos engenhos de açúcar; prefere referir apenas aquelas tarefas domésticas como se fossem estas as mais necessárias aos brancos: «Quem há-de ir buscar um pote de água ou um feixe de lenha? Quem nos há-de fazer duas covas de mandioca?»<sup>131</sup>, minimizando assim a importância da mão-de-obra indígena para os Colonos, tornava-se mais fácil a Vieira aconselhar o trabalho manual aos portugueses: «que vós, que vossas mulheres, que vossos filhos, e que todos nós nos sustentássemos dos nossos braços»<sup>132</sup>, como se no Brasil do século XVII os brancos, laicos ou religiosos, não dependessem de escravos mesmo para as tarefas domésticas.

Neste sermão Vieira apresenta, pois as propostas feitas por D. João IV:

«no sertão se poderão fazer todos os anos entradas, em que verdadeiramente se resgatem os que estiverem (como se diz) em cordas, para ser comidos, e se lhes comutará esta crueldade em perpétuo cativo. Assim serão também cativos todos os que sem violência forem vendidos como escravos de seus inimigos, tomados em guerra justa»<sup>133</sup>.

Verifica-se então que Vieira não defendeu a liberdade dos Índios, pois tinha suficiente tino/consciência política para saber que quaisquer leis ou regimentos, declarando a total liberdade dos Índios estava condenada ao fracasso. Defendeu sim a diminuição da escravidão indígena e para alcançar tal objectivo sabia perfeitamente que só a importação de Escravos africanos permitiria a liberdade indígena.

Vieira chega a perguntar se não é violência, sendo os Índios livres, estes sejam perseguidos, apanhados, presos e posteriormente castigados.

Padre António Vieira e os restantes seguidores de Inácio de Loyola demonstraram uma especial preocupação na evangelização dos Índios, definindo um conjunto de estratégias de discurso com vista a que este desse fruto no seio deste grupo antropológico.

É nas cartas escritas pelos padres da Companhia de Jesus entre 1549 e 1568 que nos damos conta de três estratégias utilizadas nos seus discursos perante os nativos: uso da pedagogia do medo, pedagogia dos poderes sobrenaturais e pedagogia cultural.

---

<sup>131</sup> VIEIRA, Padre António, *Obras Completas do Padre António Vieira*. Vol. I, Porto, Lello & Irmão, 1993, p. 860.

<sup>132</sup> *Ibidem*.

<sup>133</sup> *Idem*, p. 862.

A pedagogia do medo estava relacionada com o contexto histórico-religioso em que nasceu a Companhia de Jesus – época da Inquisição; de um modo geral pretendia-se substituir «o amor pelo temor de Deus»<sup>134</sup>, e por isso, também os padres jesuítas, após a observação directa da cultura indígena, sabiam que os nativos eram «medrosos» - «eles temem, por exemplo, os “maus espíritos”, os “demónios” (...) porque eles lhes “aparecem visivelmente, atormentando-os asperamente”, com açoites e, surgindo no meio dos caminhos.»<sup>135</sup>

Relativamente à pedagogia dos poderes sobrenaturais, deve referir-se que os jesuítas apresentavam-se aos indígenas como detentores de poderes misteriosos para a compreensão dos indígenas como os «Sacramentos (...) as orações (...) as relíquias de santos postas sobre as índias à hora do parto ou ainda pela utilização de “Agnus Dei” lançados ao mar nos dias de tempestade».<sup>136</sup>

A terceira estratégia de discurso utilizada pelos jesuítas – pedagogia cultural – prende-se com o uso de alguns valores da própria cultura indígena nos momentos de evangelização, dos quais podemos destacar: uso da língua tupi na composição de orações, cânticos religiosos, homilias, catecismos, etc; uso de músicas e instrumentos indígenas nas cerimónias religiosas; e uso de danças indígenas brasileiras nos discursos missionários dos jubileus.

O Orador aprovou a política da importação de Escravos Negros, contudo também disse, no *Sermão da Epifania*, que sendo todos os homens iguais, os brancos dominarem os negros é força e não natureza; não se coibindo de escrever sobre os aspectos em que as culturas africanas eram superiores, ou pelo menos melhores, que as dos brancos, nomeadamente, no que diz respeito à maior tendência gregária entre os africanos. Neste sentido, Vieira dá mostras de um humanismo universalista e sobretudo de uma capacidade de descentração difíceis de exagerar, quando lembrava que se nós estimamos mais a nossa cor que a dos negros, estes, por sua vez, estimam mais a sua que nós a nossa. Que assim como nós pintamos os nossos anjos de branco, eles os pintam de negro.

---

<sup>134</sup> FEITOSA, Aécio, «Estratégias dos discurso dos Jesuítas junto aos indígenas brasileiros», in *Revista Portuguesa de Pedagogia*. Coimbra, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, 1987, p. 71.

<sup>135</sup> *Idem*, p. 72.

<sup>136</sup> *Idem*, p. 74.

A sua capacidade de descentração intelectual chega ao ponto de nos fazer lembrar que nós, portugueses, somos tão pretos com relação aos povos da Europa do Norte, como são os Índios do Brasil em relação a nós.

Ainda acerca da cor de pele, Vieira refere, no mesmo sermão, que a cor preta na pele tem como causa a maior proximidade do sol e nada mais, colocando o discurso no ponto de vista da causalidade objectiva, manifestando-se como não sendo racista com os Escravos Negros: isto é, estes poderiam ser escravos não pela cor, mas sim pela sua condição, já antes da sua chegada de África, porque já no seu país de origem eram escravos<sup>137</sup>, não passando pela violência de serem aprisionados pelo invasor das suas próprias terras para nelas trabalharem para proveito de outros (como acontecia no caso dos Índios brasileiros). A escravatura dos Negros constituía, portanto, um mal menor na perspectiva do nosso orador. Não que este jesuíta se esqueça de lutar pela melhoria das suas condições de vida, reconhecendo-os como mártires, ou mesmo que consiga esconder a sua repulsa interior pela instituição da escravatura; porém, Vieira tem de optar, já que o trabalho escravo era essencial para a colónia e, ao fazê-lo, opta pela defesa do Índio por ele ser nativo. Por isso, no que diz respeito aos Negros cativos, o orador sacro preocupou-se apenas com a salvação das suas almas e pouco com a libertação dos seus cativos, como pudemos verificar no *Sermão Vigésimo Sétimo do Rosário*. É fácil reunir outros textos em que Vieira aceita a escravatura dos Negros, mas não é difícil reunir outros tantos, porventura mais, em que é legítimo suspeitar que no âmago do seu pensamento, lhe era contrário.

Com efeito, este autor apelou para a igualdade de raças, pelo que considera que tal como os brancos, os Índios e os Escravos Negros também são pessoas, apesar da sua cor e por isso deveriam ser livres, assim como todos os seres humanos.

Podemos afirmar que Padre António Vieira não se limitou apenas à actividade da pregação e à evangelização dos Índios, mas também defendeu os Escravos angolanos contra os opressores portugueses que eram complacientemente protegidos pelos governadores.

Vieira defendia os Escravos Negros, mas de forma diferente, dando mais força ao Índio, que achava cativo e frágil; ao contrário do Escravo Negro, cativo do trabalho

---

<sup>137</sup> Tendo em conta o artigo FEITOSA, Aécio, «Os jesuítas e os problemas da escravidão e da catequese negra no Brasil (1459-1568)», in *Revista Portuguesa de Pedagogia*. Coimbra, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, 1986, a maioria dos historiadores data a chegada destes ao Brasil entre 1532-1534, outros como Pedro Calmom apontam o ano de 1516.

servil, porque era forte fisicamente; contudo, permanecia sem ser cativo da alma, e é esta a razão que levava Padre António Vieira a ser a favor dos Negros que de África vieram para a América, com o objectivo de trabalharem para os Colonos, como pertença dos seus senhores, quase como objectos, como “peças” diz o autor.

Mas, como já explicámos, a atenção de Vieira centra-se mais nos Índios, os quais, à semelhança dos Negros, também foram feitos escravos. Era esta a aposta prioritária dos jesuítas que pretendiam afirmar o seu grupo na defesa dos Índios, os anteriores possuidores daquela terra, numa concertada espécie de etnocentrismo.<sup>138</sup>

Mas por que razão seriam no seu pensamento, uns livres e outros escravos?

«Quando servis os vossos senhores, não os servis como quem serve os homens, senão como quem serve Deus, porque então não servis os cativos, senão como livres; Não servis como cativos, senão como livres; porque Deus vos há-de pagar o vosso trabalho (...) e não obedeceis como escravos, senão como filhos; porque Deus, com quem vos conformais nessa fortuna, que ele vos deu, vos há-de fazer seus herdeiros»<sup>139</sup>.

Juridicamente, o escravo não passava de um ser considerado infra-humano, não beneficiando assim de qualquer direito ou protecção. Era sentido pelos seus proprietários como parte integrante do gado. Espiritualmente, a sua condição permanecia muito ambígua, já que a igreja, ela própria proprietária de escravos, não condenava a escravatura, explicitamente do ponto de vista doutrinário. Mas, admitindo o escravo aos sacramentos, a igreja elevava-o à dignidade da pessoa humana, tentando, pelo menos no plano moral, reduzir a barreira que o separava do homem livre.

Como nos engenhos coloniais, os Escravos viviam ao abandono total de seus senhores em matéria religiosa, e porque estes apenas manifestavam interesses económicos, cabia então esta tarefa aos missionários jesuítas.

Segundo Aécio Feitosa, o programa catequético dos jesuítas junto das comunidades negras dos engenhos ou vilas coloniais evidenciava inúmeras limitações, tais como: «não foram os jesuítas enviados ao Brasil para se ocuparem da catequese dos negros, nem tão pouco dos brancos», apenas «a catequese e o ensino aos Índios»; «se já

---

<sup>138</sup> A relação entre nós e o *Outro* contém dois polos igualmente dinâmicos, existe outro nome: **etnocentrismo** «esse olhar para as coisas que fez com que o grupo cultural ao qual alguém pertence seja o centro de tudo e que todos os outros grupos culturais sejam classificados e apreciados consequentemente» (in: Debaets 1989: 19, tradução nossa).

<sup>139</sup> VIEIRA, Padre António, *Obras Completas do Padre António Vieira*. Vol. I, Porto, Lello & Irmão, 1993, p. 1228.

eram poucos os missionários da Companhia para o desempenho desta missão específica, menos numerosos eram eles para cuidarem da evangelização dos negros ou dos brancos»; «a catequese dos negros e dos brancos era da competência particular dos padres seculares.»<sup>140</sup>

Apesar de todas estas limitações,

«eles vão aos engenhos onde a massa escrava é sobretudo constituída pelos negros, aí ensinando a doutrina, pregando o evangelho, destruindo mitos e fetiches africanos, impondo os valores da moral católica e administrando os Sacramentos. Vão eles igualmente às vilas onde instalam “Confrarias” religiosas para os negros, onde pregam também o Evangelho e conferem os Sacramentos.»<sup>141</sup>

Não podemos esquecer o facto que da África provinham Escravos de regiões diferentes, com valores, línguas, costumes, tradições, mitos e crenças diversas, o que causava alguma dificuldade aos missionários em fazer chegar a sua mensagem aos negros. No entanto, colmatavam esta situação enviando padres para África a fim de aprenderem as línguas locais e chegaram mesmo a compor manuais didácticos na língua de Angola, por exemplo, «*Arte da Língua de Angola*» composta por Padre Pedro Dias.

Desde a chegada dos jesuítas ao Brasil, sempre houve desavenças entre estes e os Colonos. Todavia, dessas desavenças derivou a introdução da escravaria de África, prometida pelos jesuítas, como referimos anteriormente. Esta foi uma solução intermediária, ou seja, os Colonos tinham seus Escravos, conforme queriam, e os padres ficavam com os Índios. Mesmo assim, existiam locais em que os Colonos lucravam do trabalho das duas raças conjuntamente: Índios e Africanos viviam sujeitos à mesma lei de opressão. Contrariando toda esta situação, os Colonos tentavam sempre demonstrar que se vivia uma grande miséria nas colónias portuguesas, por lhes faltarem escravos.

Os pardos, no conceito de Vieira, bem se podiam agregar aos brancos, «porque entre duas partes iguais o nome e a preferência deve ser da mais nobre»<sup>142</sup>; mas, separados eles, e postos em concorrência brancos e pretos, verificava-se que as causas por que eram estes desprezados lhe constituíam primazia.

---

<sup>140</sup> FEITOSA, Aécio, «Os jesuítas e os problemas da escravidão e da catequese negra no Brasil (1459-1568)», in *Revista Portuguesa de Pedagogia*. Coimbra, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, 1986, p. 174-175.

<sup>141</sup> *Ibidem*.

<sup>142</sup> Vieira, Padre António, apud AZEVEDO, J. Lúcio de, *História de António Vieira*. Vol. II, Lisboa, Clássica Editora, 1992, p. 245.

Na sua oratória, censurando as tiranias, lastimando a situação triste dos oprimidos, quando os consolava da desigualdade da sua condição, o fim do orador era inculcar-lhes conformidade, e é aqui que Vieira mais se identificava com o *Outro* escravizado.<sup>143</sup> Nem ele podia condenar a escravidão. A isso o forçava a coerência, desde que sempre advogara se trouxessem Escravos de África, para libertar os Índios do obrigatório serviço. *O Brasil tem corpo na América e a alma em África*, escrevera ele na biografia do padre João de Almeida.<sup>144</sup> Sem Negros não havia trabalho: era o argumento da necessidade, por esse meio se salvavam tantas almas ignorantes de Deus e escondia o horror do acto injusto. O mesmo raciocínio podia convir aos Índios, mas esse não o admitia. No entanto, Aécio Feitosa refere que «não apenas o negro foi deveras objecto de escravização por parte dos jesuítas, como também, de certa forma, foram também alguns indígenas»<sup>145</sup>; certamente que Vieira tinha conhecimento desta situação, embora a rejeite no *Sermão da Epifania*:

«Dizem que o chamado zelo com que defendemos os Índios, é interesseiro e injusto: interesseiro, porque o defendemos para que nos sirvam a nós: e injusto, porque defendemos que sirvam ao povo. Provam o primeiro e cuidam que com evidência, porque vêem que nas aldeias edificamos as igrejas com os Índios: vêem que pelos rios navegamos em canoas equipadas de Índios (...) Esta é a primeira consequência muito como sua, da qual porém, nos defende o próprio Evangelho. (...) Este é o modo com que nós servimos aos Índios, e com que dizem que eles nos servem (...) eles servem a Deus e a si, nós servimos a Deus e a eles; mas não eles a nós.»<sup>146</sup>

Em suma, Vieira apoiou a política de importação de Escravos africanos para o Brasil, como meio de impedir a extinção dos Índios, mas também foi capaz de dizer que os brancos dominarem os Negros é força e não natureza; que a cor da pele deriva de um simples acidente geográfico, e que quem escravizar, será mais tarde escravizado, porque

---

<sup>143</sup> O mais importante seria a resignação acompanhada da oração, isto é, o cumprimento do Primeiro Mandamento da Lei da igreja – «Adorar a Deus e amá-lo sobre todas as coisas, e ao próximo como a ti mesmo», afastando assim as situações de pecado, pois tal como referiu Francesca Blockeel «uma pessoa costuma representar a sua própria existência através de uma ideia, de uma imagem idealizada de si mesma, imagem que reforça a sua identidade». (BLOCKEEL, Francesca, *Literatura Juvenil Portuguesa Contemporânea: Identidade e Alteridade*. Lisboa, Editorial Caminho, 2001, p. 119.)

<sup>144</sup> *Idem*, p.246.

<sup>145</sup> FEITOSA, Aécio, «Os jesuítas e os problemas da escravidão e da catequese negra no Brasil (1459-1568)», in *Revista Portuguesa de Pedagogia*. Coimbra, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, 1986, p 172.

<sup>146</sup> VIEIRA, Padre António, *Obras Completas do Padre António Vieira*. Vol. I, Porto, Lello & Irmão, p. 448-449.

a mesa do jogo da vida era redonda, como a figura da terra, razão porque nela ninguém possuía lugares marcados.

Chegados a este momento, sentimos a necessidade de dar resposta às duas últimas questões investigativas propostas para este trabalho.

Vieira tinha uma visão muito própria dos *Outros* intervenientes da sociedade Brasileira, manifestando uma relação humana muito acolhedora, animosa e evangelizadora com os Índios e os Escravos Negros. Ambos eram a matéria de evangelização desencadeada pela Companhia de Jesus.

Nos sermões de Vieira verifica-se uma constante procura do remédio para a salvação dos Índios e dos Escravos Negros, bem como a libertação dos diferentes cativeiros injustos em que estes se encontram. De um modo geral, os Índios são vistos como cegos ignorantes, os eternos dóceis que tudo aceitam. Os Escravos Negros, porque já eram escravos no seu país natal, são os “irmãos de Vieira” que se devem resignar à sua condição, pois é através desse martírio que poderão ser libertos do cativo da alma. No entanto, pelos Colonos, estes eram vistos como objectos de troca, simples mercadoria, pertencendo ao domínio dos animais. Como refere Aécio Feitosa, «na época em apreço, a África, nem conseqüentemente o africano, eram objecto de preocupações evangélicas por parte da igreja.»<sup>147</sup> Assim, Vieira defende os dois grupos antropológicos, embora de formas diferentes, como já referimos nos parágrafos anteriores.

São díspares as imagens que os sermões ressaltam em relação a estes desfavorecidos. Enquanto que os Índios são vistos como os nativos que são cativos injustamente, pois são as vítimas dos Colonos disfarçados em Bons Samaritanos que os enganam e tiram-lhes o pouco que têm; os Escravos Negros, como na sua maioria já eram cativos no seu reino, dificilmente se podiam libertar do cativo do corpo; daí a necessidade de se conformarem com ele, vendo-o como um martírio que ajudava à salvação. No entanto, se continuassem a demonstrar a sua devoção a Nossa Senhora poderiam obter a carta de alforria e ficarem livres do cativo da alma.

Era esta a pretensão de Vieira ao proferir os sermões que temos vindo a analisar.

---

<sup>147</sup> FEITOSA, Aécio, «Os jesuítas e os problemas da escravidão e da catequese negra no Brasil (1459-1568)», in *Revista Portuguesa de Pedagogia*. Coimbra, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, 1986, p. 172.

No final deste estudo, comungamos do mesmo entusiasmo de que deu provas Hernâni Cidade ao escrever: «Realista ou sonhador, Vieira é sempre credor do nosso interesse, porque de olhos permanentemente fixos na realidade política e moral coetânea». Vieira foi um homem de coragem e de nobreza nas suas atitudes, no seu sentido de justiça, foi um lutador por excelência defendendo, corajosamente, os homens contra a exploração e a prepotência, alcançando um elenco de vitórias. Criou um inimigo, um *Outro*, retratado como um ser mau, danado, ameaçador que todos precisam de expurgar, de eliminar.

Contudo, no Brasil da época a falta de mão-de-obra era permanente; por isso os interesses dos portugueses não eram menos imperativos e as soluções do assunto levantavam problemas de consciência.

Vieira, apercebendo-se desta situação, começa por enaltecer o valor da alma para depois se referir aos cativeiros como sendo injustos. Assim, através de processos de antonomásia, Vieira faz a exaltação do indivíduo, revelando a sua excelência como pedagogo, reunindo múltiplas imagens com a função de ensinar.

Terminamos aqui a nossa análise do estilo utilizado por Vieira nos seus sermões para reforçar a caracterização do *Outro*. O orador, através dos processos retóricos que vai seleccionando<sup>148</sup>, constrói o seu próprio processo de identificação através de uma vincada afirmação de alteridade perante o *Outro*/Colonizadores portugueses (pregadores ou não) e de identificação emotiva com o *Outro*/Índios e Escravos Negros.

Assim, partindo de nós/portugueses e os *Outros*/Índios e Escravos Negros, Vieira acaba por provar que esta divisão é falaciosa, substituindo-a por uma fórmula mais de acordo com a sua vocação de homem de Deus: a verdadeira distância é entre ser crente/não ser crente, ser puro de coração/ser mau e sem princípios, e o sentimento de temor a Deus unifica todas as raças e separa os justos dos pecadores.

---

<sup>148</sup> Roland Barthes no seu artigo “Marcianos” retirado da obra *Mytologies*, prova que a alteridade, explorada numa perspectiva sociológica, surge como reveladora de um processo de identificação.



### **Bibliografia de base / Seleccionada**

ABREU, Luís Machado (coord.), *Revista da Universidade de Aveiro – Letras*. nº 14, Aveiro, Universidade de Aveiro, 1997.

AZEVEDO, J. Lúcio de, *Cartas do Padre António Vieira*. Vol. I, Lisboa, Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1970.

AZEVEDO, J. Lúcio de, *História de António Vieira*. Vol. I e II, Lisboa, Clássica Editora, 1992.

BARTHES, Roland, *Mitologias*. Lisboa, Edições 70, 1973.

BELCHIOR, Maria de Lourdes, *Os Homens e os Livros – Séculos XVI e XVII*. Lisboa, Verbo, 1971.

BESSELAAR, José van den, *António Vieira: o homem, a obra e as ideias*. 1ª Edição, Lisboa, Biblioteca Breve, 1981.

BLOCKEEL, Francesca, *Literatura Juvenil Portuguesa Contemporânea: Identidade e Alteridade*. Lisboa, Editorial Caminho, 2001.

BUESCU, Maria Leonor Carvalhão, *História da Literatura*. Lisboa, IN-CN, 1991.

CALVINO, Italo, *Sobre o conto de Fadas*. trad. de José Colaço Barreiros, Lisboa, Editorial Teorema, 1999.

CANTEL, Raymond, *Les sermons de Vieira – étude du style*. Paris, Ediciones Hispano-Americanas, 1959.

CASTRO, Aníbal Pinto de, *António Vieira: uma síntese do Barroco Luso-Brasileiro*. Lisboa, Edição do Clube do Coleccionador dos Correios, 1997.

CASTRO, Aníbal Pinto de, *Retórica e Teorização Literária em Portugal - Do Humanismo ao Neoclassicismo*. Coimbra, Centro de Estudos Românicos, 1973.

CARRILHO, Fernanda, *Sermão de Santo António aos Peixes do Padre António Vieira*. Lisboa, Texto Editora, 1999.

CIDADE, Hernani, *A Poesia Lírica Cultista e Conceptista*. 4ª ed., Lisboa, Seara Nova, 1938.

CIDADE, Hernani, *Lições de Literatura e Cultura Portuguesa*. Coimbra, Coimbra Editora, 1984.

CIDADE, Hernani, *Padre António Vieira: a obra e o homem*. 2ª Edição, Lisboa, Arcádia, 1979.

COELHO, Jacinto do Prado, *Dicionário de Literatura*. Vol. I, 4ª ed, Academia das Ciências e da Faculdade de Letras de Lisboa, Porto, Figueirinhas, 1992.

COUTINHO, Afrânio, *Aspectos da Literatura Barroca*. RJ, 1950.

FEITOSA, Aécio, «Estratégias dos discurso dos Jesuítas junto aos indígenas brasileiros», in *Revista Portuguesa de Pedagogia*. Coimbra, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, 1987.

FEITOSA, Aécio, «Os jesuítas e os problemas da escravidão e da catequese negra no Brasil (1459-1568)», in *Revista Portuguesa de Pedagogia*. Coimbra, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, 1986.

GARCIA, José Manuel, *História de Portugal, uma Visão Global*. Lisboa, Editorial Presença, 1989.

GODINHO, Vitorino Magalhães, *Ensaio*. II, 2ª ed., Lisboa, Sá da Costa, 1978.

GONÇALVES, Maria da Conceição Osório Dias, *O índio do Brasil na literatura portuguesa dos séculos XVI, XVII e XVIII*. Separata de Brasília, Vol. XI, Tese de licenciatura em filologia românica Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Coimbra, Coimbra Editora Limitada, 1961.

LAUSBERG, Heinrich, *Elementos de Retórica Literária*. Trad., pref. e aditamentos por Raul M. Rosado Fernandes. 3ª ed. Lisboa, Fundação C. Gulbenkian, 1982.

LEITE, Pe. José, *Santos de cada dia*. Braga, Editorial A. O., 1987.

MADURO, Carlos Alberto de Seixas, *Um Sermonário Mariano de Vieira, Maria Rosa Mística*. Dissertação de Mestrado em Literatura Portuguesa apresentada à Faculdade de Filosofia da Universidade Católica de Braga, Braga, 1998.

MARQUES, João Francisco, *A parenética portuguesa e a Restauração 1640-1668*. Porto, Instituto Nacional de Investigação Científica, 1989.

MARAVALL, José Antonio, *La cultura del Barroco*. Barcelona, Ariel, 1980.

MARQUES, Ramiro, *Ensinar Valores: Teorias e Modelos*. Porto, Porto Editora, Coleção Escola e Saberes, nº13, 1998.

MARTINS, Oliveira, *História de Portugal*. Lisboa, Guimarães Editores, 1972.

MARTINS, Otilia Pires (coord.), *Portugal e o Outro: uma relação assimétrica?* Aveiro, Universidade de Aveiro, 2002.

MARTINS, Otilia Pires (coord.), *Portugal e o Outro: Viagens e Imagens*. Aveiro, Universidade de Aveiro, 2004.

MELLO, Suzy, *Barroco*. São Paulo, Brasiliense, 1983.

MENDES, João, *Literatura Portuguesa II*. Lisboa, Editorial Verbo, 1982.

MENDES, Margarida Vieira, *A Oratória Barroca de Vieira*. Lisboa, Editorial Caminho SA, 1989.

MEYER, Michel, *Lógica, linguagem e argumentação*. Lisboa, Editorial Teorema, 1982.

NORONHA, José, *Para uma leitura do Sermão de Santo António aos Peixes do Padre António Vieira*. Lisboa, Editorial Presença, 1998.

NOVAIS COELHO, Nelly, *Literatura e Linguagem*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1974.

NUNES, Helena Pires, MARQUES, Maria das Dores, *Padre António Vieira Sermão de Santo António aos Peixes*. Mem Martins, Edições Sebenta, 2001.

OLÉRON, Pierre, *A argumentação*. Mem Martins, Publicações Europa-América, s.d.

ORS, Eugénio d', *O barroco*. Lisboa, Vega, 1990.

PAZ, Olegário, MONIZ, António, *Dicionário Breve de Termos Literários*. Lisboa, Editorial Presença, 1997.

RAMOS, Emanuel Paulo, *Os Lusíadas de Luís de Camões*, Porto, Porto Editora, 1980.

REIS, Carlos, ADRAGÃO, José Victor, *Didáctica do Português*. Universidade Aberta, 1990.

SARAIVA, António José, *História e Utopia – estudos sobre Vieira*. Trad. Maria de Santa Cruz, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1992.

SARAIVA, António José, *O discurso engenhoso*. Lisboa, Gradiva, 1996.

SARAIVA, António José, *Historia da Literatura Portuguesa*. Porto, Porto Editora, 1973.

SARDUY, Severo, *Barroco*. Vega, Lisboa, 1989.

SEIXO, Maria Alzira (Coord.), *Sermão de Santo António (aos peixes) e Sermão da Sexagésima do Padre António Vieira*. Lisboa, Seara Nova, 1978.

SILVA, Vítor Manuel Pires de Aguiar e, *Maneirismo e barroco na poesia lírica portuguesa*. Coimbra, Centro de Estudos Românicos, 1971.

SILVA, Vítor Manuel de Aguiar, *Teoria da Literatura*. Coimbra, Livraria Almedina, 1984.

*Tricentenário da Morte do Padre António Vieira – Congresso Internacional – Actas*. Universidade Católica Portuguesa – Província Portuguesa da Companhia de Jesus. Vol. I, II e III, Braga, Editora Barbosa & Xavier, Lda – Artes Gráficas, 1999.

VEIGA, Maria José e BAPTISTA, Maria Manuel, *Argumentar*. Maia, Ver o Verso, 2004.

VIANA, Mário Gonçalves, *Antologia de Sermões – Ensaio histórico-crítico*. Porto, Editora Educação Nacional, 1947.

VIEIRA, Padre António, *Obras Completas do Padre António Vieira*. Porto, Lello & Irmão, 1993.

VIEIRA, Padre António, *Obras escolhidas*. Prefácio e notas de António Sérgio e Hernani Cidade, Lisboa, Livraria Sá da Costa, 1951.

VIEIRA, Padre António, *Sermões escolhidos*. 4ª Edição, Lisboa, Biblioteca Ulisseia de Autores Portugueses, 1999.

WESTON, Anthony, *A arte de argumentar*. Lisboa, Gradiva, 1996.

- Pesquisa on-line sobre Vieira, sobre Barroco, sobre Cultismo e Conceptismo.

## **Anexo**



### **Lista de Figuras de Estilo mais utilizadas:**

Visto que no decorrer das análises feitas aos sermões surgiu um elevado número de figuras de estilo, presta-se a necessidade de estabelecer uma listagem das figuras de estilo mais utilizadas, bem como, a sua definição.

**Adjectivação** – Consiste na utilização de um ou mais adjectivos de forma a tornar o texto mais belo e expressivo.

**Aforismo** – Designação comum às sentenças tanto de origem erudita como popular (adágios, anexins, ditados, provérbios...). (D.B.T.L.)

**Alegoria** – É uma forma de metáfora e verifica-se, quando a mudança de significação se dá numa frase. Amplia-se a área transfigurada. (Os Lusíadas – Porto editora; L.L)

**Aliteração** – Recurso expressivo de natureza fónica que consiste na repetição intencional do mesmo fonema para intensificar o ritmo e a ideia que o verso ou a frase veiculam. (D.B.T.L.)

**Ambiguidade** – Elemento que, radicando no fenómeno da homonímia, resultante da convergência das formas vocabulares e da polissemia, constitui uma característica inerente à natureza da linguagem, em qualquer idioma. (D.B.T.L.)

**Amplificação** – É um aumento gradual por meios artísticos, do que é dado, por natureza. É, portanto, um meio da parcialidade, e isto tanto no domínio intelectual, como no domínio afectivo. (E.R.L.)

Anacoluto – Recurso estilístico de natureza morfo-sintáctica que consiste na alteração inesperada da construção normal da frase por via da mudança estranha da concordância. (D.B.T.L)

Anáfora – Repetição (de que resulta sobressair o que se repete) de uma palavra ou de um membro da frase. (Os Lusíadas – Porto Editora)

Animismo – É uma figura de estilo ao conceder vida animal a seres inanimados. (D.B.T.L.)

Antítese – Confronto de dois elementos antagónicos que entram em choque ao coexistirem numa dada realidade. (L.L)

Antonomásia – Recurso expressivo do domínio da sinédoque que consiste na substituição de um nome próprio por um traço marcante do respectivo indivíduo, ou vice-versa. (D.B.T.L)

Apóstrofe – É a figura de pensamento que expressa o apelo do poeta a alguém ou alguma coisa. (L.L.)

Comparação (ou Símile) – Aproximação de dois objectos «para precisar a natureza do primeiro». (Os Lusíadas – Porto Editora).

Enumeração – Consiste na apresentação sucessiva de elementos. O último, ou o primeiro, pode ser uma palavra que os sintetiza a todos.

Eufemismo – Expressão que atenua ou modifica o sentido violento, mau ou desonesto da narrativa. (Os Lusíadas – Porto editora).

Gradação – Figura de estilo que consiste no encadeamento das palavras ou ideias de uma forma gradual, seja progressiva, seja regressiva. Ao primeiro caso chama-se

gradação ascendente. Ao caso inverso, dá-se o nome de gradação descendente/decrecente. (D.B.T.L.)

Hipérbole – Figura que consiste, para ferir o espírito, em empregar uma expressão que, tomada à letra, deforma a verdade por ser exageradora. (Os Lusíadas – Porto Editora).

Imagem – Figura de retórica que, mais abrangente do que a comparação ou a metáfora, alarga os seus efeitos a toda a frase ou mesmo a um período inteiro. (D.B.T.L.).

Interrogação retórica – Figura de estilo que consiste em fazer, num discurso oral ou escrito, uma ou mais perguntas para reforçar o que se está a dizer e não para obter uma resposta. (D.B.T.L.)

Ironia – Exprime o contrário do que as palavras significam, para que o ouvinte, ao verificar a discordância, seja levado a compreender, ou a estupidez ou a fraqueza ou a má-fé, que se pretende castigar. (Os Lusíadas – Porto Editora).

Latinismo – Pertence à classe do estrangeirismo, é constituída por palavras importadas da língua latina. (E.R.L.)

Metáfora – Figura que consiste em designar um objecto ou ideia por uma palavra que convém a outro objecto ou outra ideia – ligados àqueles por uma analogia. A metáfora funde, portanto, em um único, os dois termos da comparação. (Os Lusíadas – Porto Editora).

Onomatopeia – Reiteração de sons com o objectivo de imitar determinado ruído. (L.L.)

Oximoro – Figura de estilo que intensifica o processo retórico da antítese ao aproximar termos (substantivo/adjectivo) que se excluem. Daí se dizer que o oximoro é a expressão do paradoxo. (D.B. T.L.).

Paradoxo – Expressão de ambiguidade ou dualidade inerente à essência das realidades ou fenómenos: um mesmo elemento produz efeitos opostos, ou ainda, um fenómeno diverso daquele que lhe seria natural. (L.L.)

Paralelismo – Recurso expressivo que consiste na repetição simétrica de palavras, estruturas sintáctico-rítmicas ou de conteúdo semântico. (D.B.T.L.)

Paronímia/Paronomásia – Uso, na mesma frase, de palavras semelhantes no som e diferentes no sentido. (Os Lusíadas – Porto Editora).

Perífrase – Figura de estilo que consiste em exprimir por diversas palavras o que poderia exprimir-se por uma única. ( Os Lusíadas – Porto Editora).

Personificação/Prosopopeia – Figura de pensamento que consiste em atribuir qualidades, atitudes ou impulsos próprios do homem a seres inanimados, seres abstractos ou a animais. (L.L.)

Pleonasmo – Palavra ou frase redundante, quer por inépcia (por exemplo: subir para cima), quer para produzir um efeito de insistência. (Os Lusíadas – Porto Editora).

Polissíndeto – Repetição intencional das conjunções. (Os Lusíadas – Porto Editora).

Quiasmo – Consiste em repetir, por ordem inversa os elementos de dois sintagmas, entre si relacionados por paralelismo, daí resultando a forma de X. (D.B.T.L.).

Ratiocionatio – É uma ênfase de pensamento, na qual, a partir das circunstâncias concomitantes, se podem tirar conclusões, quanto às dimensões do objecto em si, sem que este raciocínio seja levado a cabo. (E.R.L)

Repetição – Consiste no uso repetido da mesma palavra ou palavras.

Sinédoque - É o processo que consiste em designar um elemento com um nome de uma das suas partes. (L.L.)

Sinestesia – consiste em juntar ou fundir sensações advindas de órgãos sensoriais diferentes. (D.B.T.L.)

Zeugma – Figura que consiste em omitir uma palavra já expressa num dos membros da frase. (Os Lusíadas – Porto Editora).

Para definir as figuras de estilo supracitadas socorremo-nos das seguintes obras de referência:

LAUSBERG, Heinriche, *Elementos de retórica literária*. Lisboa, Fundação Caloust Gulbenkian, 1967.

NOVAES COELHO, Nelly, *Literatura e linguagem*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1974.

PAZ, Olegário, Moniz, António, *Dicionário Breve de Termos Literários*. Lisboa, Editorial Presença, 1997.

RAMOS, Emanuel Paulo, *Os Lusíadas de Luís de Camões*. Porto, Porto Editora, 1980.

